

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA
MARCELINO JOSÉ GONTIJO

**DERRUBANDO REITORES E PRESIDENTES: AS REPRESENTAÇÕES E A
HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UCG (1989 A 1992)**

MARCELINO JOSÉ GONTIJO

GOIÂNIA – ABRIL DE 2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA
MARCELINO JOSÉ GONTIJO

**DERRUBANDO REITORES E PRESIDENTES: AS REPRESENTAÇÕES E A
HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UCG (1989 A 1992)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Mestrado em Cultura e Poder da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Quadros de Gusmão.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Eduardo Quadros de Gusmão (PUC-Goiás)

Prof^o. Dr. Cláudio Lopes Maia (UFG)

Prof^a. Dr^a. Maurídes Macedo

Data ____/____/____

DEDICATÓRIA

Aos professores pelo empenho e profissionalismo em promover o conhecimento em História Cultural, em especial ao meu pai Josias José Gontijo, que não está mais no meio de nós, mas certamente foi fundamental nessa caminhada, pois deixou o alicerce pronto para que eu pudesse seguir um caminho seguro na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento, em especial, à minha família, a minha mãe Dirce; pelo apoio e incentivo, a minha esposa Valquíria e filhos João Pedro e Cauê pela compreensão nos momentos de ausência que muito vem contribuindo para a minha formação profissional.

“Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva no presente”.

Meneses

RESUMO

Para uma compreensão mais detalhada sobre o Movimento Estudantil na Universidade Católica de Goiás no final dos anos oitenta e início dos anos noventa, percebi que seria importante analisar a história do Movimento Estudantil de modo mais geral. A sociologia também contribuiu de forma positiva para formar um conceito de jovem ou mesmo de juventude, isso se explica pelo fato de o Movimento Estudantil e a juventude sempre andarem de mãos dadas. A juventude organizou ao longo da história alguns movimentos rebeldes, desafiou governos, mas também os apoiou quando sentiu que era o mais seguro. Visto que o Movimento Estudantil se desenvolve nas escolas e Universidades, entendo ser importante mostrar um pouco da história da educação em Goiás, principalmente em Goiânia, demonstrando como ocorreu a fundação do Colégio Liceu de Goiânia e também das Universidades Católica e Federal. A implantação do neoliberalismo no país trouxe sérias conseqüências para a educação e para o próprio Movimento Estudantil. O processo de afastamento do presidente Fernando Collor, em 1992, contribuiu diretamente para a renovação do Movimento Estudantil no Brasil, contudo a maior parte da imprensa ignorou a importância da juventude nas ruas em tal processo. O movimento de greve na UCG em setembro de 1992 é contemporâneo ao processo de afastamento de Collor da presidência. Os movimentos organizados pelos estudantes desse período serviram para uma comparação com outros movimentos importantes do passado, principalmente aqueles realizados na década de 1960, em especial no ano de 1968. O Movimento Estudantil na UCG nesse período foi muito atuante e isso é demonstrado através do CA de História e também do DCE encampando um movimento grevista que durou mais de um mês em uma instituição particular, onde exigiam eleições livres e diretas para o cargo de reitor e o congelamento dos preços das mensalidades, caso raro no país. A história e as representações desses movimentos serão discutidas ao longo desse trabalho.

Palavras-Chave: Movimento Estudantil, Juventude, Memória, Representações.

ABSTRACT

In order to provide a more detailed understanding on the Students' Movement at the Catholic University in Goiás at the end of the 1980's and beginning of 1990's it was rather important to look into the history of the whole Students' Movement. Sociology also contributes positively in conceiving the concept of young or even youth, since the Students' Movement and youth complement each other wherever they may be found. The youth have organized throughout history some rebel movements, both defying and supporting the government when it was more convenient and safe. Once the Students' Movement grows into the schools and Universities, it is important to point out the history of education in Goiás, mainly in Goiânia to show how the foundation of Liceu School and the Catholic and Federal Universities took place in Goiânia. The insertion of Neoliberalism in the country brought up several consequences for education and for the Students' Movement itself. In 1992, the backing off of the President Fernando Collor, contributed directly to the renewal of the Students' Movement in Brazil, nevertheless most part of the press ignored the importance of the youth on the streets during such process. The strike in September, 1992 at UCG is contemporary to Collor's backing off process from the presidency. The movements organized by the students from that age provided a careful look into other important past movements mainly the ones accomplished in the 1960's, especially in 1968. The Students' Movement at UCG during that time was so active that the students set up a strike for more than a month in a private institution requesting the right to vote for the post of chancellor and the freezing of the monthly fee, something rare in the country. The history and representations of these movements are going to be covered along this paper.

Key words: Students' Movement, Youth, History, Representations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL	18
1.1 Por uma história cultural do movimento estudantil.....	18
1.2 Romper com os mitos	20
1.3 O movimento estudantil e a política.....	21
1.4 Um movimento sócio-cultural específico.....	23
1.5 O movimento estudantil e a história.....	27
1.6 A construção da imagem rebelde.....	29
1.7 A união nacional dos estudantes.....	34
2. SER ESTUDANTE EM GOIÁS	39
2.1 Pequena história do ensino superior em Goiás.....	39
2.2 Neoliberalismo em Goiás: mudanças na educação.....	43
3 – OS “CARAS PINTADAS” E AS REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA	48
4 – DO PRESIDENTE AO REITOR	56
4.1 A Juventude Revolução e o Movimento Estudantil na UCG no período 1989/1992.....	56
4.3 Eleições Diretas para reitor ou greve dos estudantes na UCG	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	86

LISTA DE SIGLAS

CA	Centro Acadêmico (Coordenação para Assuntos Estudantis) CAE.
CAE	Coordenação para Assuntos Estudantil
CONEB	Conselho Nacional de Entidades de Base
COU	Conselho Universitário
CPC	Centro Popular de Cultura
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
DA	Diretório Acadêmico
DCE	Diretório Central dos Estudantes
FIT	Filosofia e Teologia
HGS	História Geografia e Sociologia
NHC	Nova História Cultural
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PLP	Partido da Libertação Proletária
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SGC	Sociedade Goiana de Cultura
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UCG	Universidade Católica de Goiás
UDR	União Democrática Rural
UEE	União Estadual dos Estudantes
UFG	Universidade Federal de Goiás
UMES	União Municipais dos Estudantes Secundaristas
UNE	União Nacional dos Estudantes

INTRODUÇÃO

Fui estudante do curso de História da Universidade Católica de Goiás durante quase cinco anos, tendo iniciado no segundo semestre de 1988. No ano seguinte, já era diretor do Centro Acadêmico e com o passar dos anos fui me envolvendo cada vez mais com o movimento estudantil, ocupando também no Diretório Central dos Estudantes da mesma universidade outros cargos até a conclusão do referido curso.

Durante esse período, em um curso como o de História, havia muita leitura e também muita teoria. As discussões em sala eram muito comuns, discussões essas que saíam das classes e chegavam até as entidades estudantis como os CA's e o DCE. Acreditávamos que o movimento estudantil nos dava uma excelente oportunidade de colocarmos as teorias estudadas em prática. Sabíamos fazer o movimento lendo e lutando por uma Universidade mais democrática.

Apesar de a UCG ser uma entidade particular, nossa principal bandeira de luta consistia em uma educação pública e gratuita de qualidade no Brasil. Os principais confrontos dos estudantes do curso de História, em especial os estudantes ligados ao movimento estudantil com a reitoria, era o preço das mensalidades e as eleições diretas para reitor e para diretores de departamentos de cada um dos cursos oferecidos na época. Parece estranho o fato de em uma universidade particular os estudantes exigirem eleições diretas para reitor, porém isso tem explicação: basta olharmos em volta para uma análise do contexto da época. Em 1984, a campanha para aprovação da Emenda Dante de Oliveira, conhecida por “Diretas Já!”, não foi aprovada pelo Congresso Nacional, onde decidiram pela eleição indireta do primeiro presidente após o Golpe de 1964, que instalou a ditadura militar no país. Em 1985, Tancredo Neves foi eleito e com sua morte assumiu o vice José Sarney. Em seguida, foi promulgada a Constituição Federal de 1988 (CF/88), os congressos da União Nacional dos Estudantes (UNE) aconteciam normalmente, após sua reabertura em 1979, e houve o renascimento das Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs). Tudo isso junto era o combustível que os estudantes precisavam para soltar a voz e fazer movimento.

A Ditadura implantada no Brasil com o Golpe Militar de 1964 tentou de todas as maneiras silenciar os jovens daquele período. O movimento estudantil resistiu mesmo na clandestinidade. A relação do movimento estudantil na Universidade Católica com a nova realidade política no Brasil está no fato de que nos meados dos anos de 1980 a tão sonhada

abertura era realidade e o jovem, agora, se manifestava livremente, tanto de forma individual quanto em grupos e entidades. Por mais de duas décadas a juventude sentiu a voz entalada na garganta e, com o fim da ditadura, no final dos anos 1980 e início dos anos de 1990, ela se sentia livre para reivindicar sua participação. Era uma sensação de liberdade, de poder e de fazer as coisas acontecerem.

Em 1989, foi realizada a eleição para presidente que levou Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva ao segundo turno da mesma. Todas as entidades estudantis do período, juntamente com suas lideranças, estavam envolvidas de alguma forma naquele processo. Lula seria a solução que a maioria dos estudantes ligados ao movimento estudantil esperava para o país. A derrota de Lula no segundo turno daquelas eleições foi uma ducha de água fria. Essa sensação só começou a mudar quando apareceu às primeiras acusações de corrupção do presidente Collor que acabaria culminando com seu afastamento do cargo dois anos após ser eleito.

No curso de História da Universidade Católica de Goiás do final da década de 1980 e início dos anos de 1990, assim como na maioria dos cursos de História, espalhados pelo Brasil, o que prevalecia era a análise marxista. Karl Marx, e seus seguidores, eram as referências maiores nesse período, também entre os estudantes ligados ao movimento estudantil. As idéias de Marx, Lênin, Trotsky, Stalin, Fidel Castro, Che Guevara e Mao Tse-tung estavam presentes nos debates do dia a dia, ou seja, compunham as representações do movimento estudantil sobre a ação política naquele referido período.

Mais de vinte anos se passaram e hoje me proponho a fazer uma avaliação sobre o que foi escrito sobre juventude e o movimento estudantil no Brasil. Faremos uma análise sobre as histórias e representações construídas pelos estudantes da Universidade Católica de Goiás durante os anos que envolveram o governo e o impeachment do presidente Collor. Porém, vale ressaltar que a historiografia brasileira daquele período só enxergava a História pelo viés marxista. Ser aluno de história e estar envolvido com o movimento estudantil do período era um excelente pré-requisito para optarmos por uma visão marxista da história. O tempo passou e novos conceitos e paradigmas surgiram. Nesse trabalho pretendo utilizar das novas possibilidades de análise que apareceram no início dos anos de 1990 através da História Cultural.

Segundo Sandra Pesavento (2004, p.12), na virada dos anos 80 para os 90 do século passado, as concepções do fazer historiográfico passaram a ser questionadas no Brasil. Com o

surgimento de novos paradigmas explicativos da realidade, acreditamos que seja bastante desafiador escrever sobre as histórias e as representações do passado, onde me encontrava envolvido diretamente, e compará-las com as representações construídas atualmente. As representações consistem no modo como um grupo de uma determinada época construía suas histórias e verdades sobre a realidade em sua volta. O historiador de hoje, também escreve sobre as representações do passado mediante as representações que advém do presente. Como ensina Durkheim (1989), as consciências individuais são formadas pela sociedade, mais do que formadoras da sociedade são produtos dela.

Vale ressaltar que alguém que participou da história de um movimento em um momento específico de sua vida guarda com ele uma memória, individual e coletiva, ou seja, o que pensa é fruto de sua interação com o(s) grupo(s) em que viveu. Sobre esse assunto Halbwachs (2006 p. 73) afirma que conhecemos nossa memória pessoal apenas dentro de uma memória coletiva que nos engloba. Dessa forma, para escrever sobre algo que aconteceu no passado recente, como movimento estudantil no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, não seria pertinente, segundo Durkheim e o durkheimiano Maurice Halbwachs, enveredarmos pelo caminho da memória de apenas um indivíduo que tenha participado daquele momento. Sobre o assunto Halbwachs se manifestou:

Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (2006 p. 72)

Participando ativamente do movimento estudantil do período citado, então como escrever sobre esse assunto? Para Halbwachs devemos utilizar a

[...] memória autobiográfica e memória histórica. A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria bem mais extensa do que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a memória da nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais seguro e mais denso. (2006, p.73)

Participando do movimento estudantil da Universidade Católica no período de nosso estudo, muitas coisas ocorridas naquela fase continuam vivas em minha memória. Porém, para confirmar tais lembranças precisamos ouvir algumas pessoas da época, comparar com o

que lembramos, ou mesmo que nos faça perceber algum possível equívoco. É necessário, então, ao falar da história de um grupo, buscar a memória desse mesmo grupo, e analisar suas representações coletivas.

A memória pessoal precisa de lembranças que habitam em grupos e experiências que vivemos no passado. Pode-se falar também de lembranças históricas que surgem por meio de conversas e de avaliações, das entrevistas com pessoas que viveram o tempo de nossa busca. A memória coletiva contém as memórias individuais dialeticamente. Sem contradizer o pensamento durkheimiano, recorreremos ainda à imprensa, jornais e revistas do período, ao lado da História oral. Entendemos, pois, que:

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à existência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma *história do tempo presente* e também reconhecida como *história viva* (MEHY, 1996.p.25)

Algumas lideranças do movimento estudantil da Universidade Católica de Goiás do início dos anos de 1990 foram entrevistadas e com seus depoimentos podemos construir nossas análises. Como diz Halbwachs (2006 p. 72), para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outros. No estudo de Ecléa Bosi sobre Halbwachs e a evocação do passado, ela afirma:

Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os “quadros sociais da memória”. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relação entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (1994 p. 54)

Uma simples narração dos fatos ocorridos não seria um caminho seguro segundo Halbwachs, o que é confirmado por Ecléa Bosi. Para apresentar os fatos ocorridos no passado precisamos confrontá-los com outras fontes, o que aperfeiçoa o estudo das lembranças individuais.

Entrevistei diversos estudantes do período, valorizando os depoimentos de três líderes importantes do Movimento Estudantil da UGG: Alexandre Nardini (ex integrante do CA de História e do DCE), Ana Cláudia Beze (ex integrante do CA de História, do DCE e integrante da comissão de negociação da greve na própria UCG em 1992) e Fernando Leite (ex

integrante do CA de Letras, do DCE e integrante da comissão de negociação da greve na própria UCG em 1992).

São muito comuns as indagações questionando os novos termos e conceitos ocorridos no âmbito da História, como é o caso da história oral e das representações. Representação é um termo muito utilizado pela Nova História Cultural, porém novos termos não surgem prontos, acabados, pelo contrário, precisam ser aperfeiçoados e (re) construídos sempre. O historiador não pode se apoderar-se de um novo conceito achando que ele é solução para todos os problemas existentes ou que consiga através dele surgir um resultado absoluto de uma análise. Ao escrever sobre representações e também sobre a memória, a intenção não é a exclamação, mas sim as pertinências da pergunta, além disso, estamos ao mesmo tempo criando novos significados para o termo. Não podemos simplesmente nos apoderar de um conceito como se ele fosse à chave que abrisse a porta da verdade, mas sim, um passo a mais na construção do conhecimento.

A proposta desse trabalho visa utilizar a História Cultural bem como novos termos relacionados a ela. Eles se apresentam como novas alternativas de análises. Porém, a cultura é hoje um caminho que pode propiciar um resultado coerente?

A polissemia do termo cultura levou Richard Johnson a afirmar que não vê uma solução imediata para tais discussões. O autor afirma:

Trata-se de uma ilusão racionalista pensar que nós possamos dizer “de agora em diante esse termo significará...” e esperar que toda uma história de conotações (para não dizer todo um futuro) se coloque obedientemente em fila. Assim embora eu levante, de qualquer forma, a bandeira da cultura e continue a usar a palavra onde a imprecisão tem importância (2006, p. 24,25).

Os conceitos existentes sobre as representações também não escapam de tais imprecisões, mas vale ressaltar que elas aparecem norteadas por pesquisas e contribuindo para o surgimento de outros novos conceitos. A História Cultural corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional (PESAVENTO, 2004, p. 07). Esse trabalho vai contribuir com esse movimento, pois, acredito que um caminho rico seja o das representações ligando os conceitos de memória, principalmente o de memória coletiva e a memória histórica.

Aproveitando um momento tão fértil de idéias e novas abordagens sobre o estudo da história, propomos ir além de uma avaliação positivista, embasada na certeza rigorosa dos

fatos e também da marxista analisando os determinismos da superestrutura. Esse novo enfoque que buscamos responde pelo nome de História Cultural. Tal busca de novos modelos e abordagens foi comentado por Sandra Pesavento:

De uma certa forma, podemos, por um lado, falar de esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história até então ausentes. Sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. (PESAVENTO, 2003, p. 8,9)

As palavras de Sandra Pesavento é uma confirmação saudável e oportuna que nossa proposta de superarmos as antigas formas de avaliação está no caminho onde nossas possibilidades de avaliar o objeto se multiplicam. Entretanto, não será uma busca irresponsável de conceitos acabados, mas uma proposta através dos caminhos e perigos proporcionados pela Nova História cultural.

No primeiro capítulo, faço uma busca dos conceitos de juventude e também de movimento estudantil, visto que o movimento estudantil foi e continua sendo organizado, em sua maioria, por jovens. Para isso, recorreremos à sociologia e também a algumas obras que foram escritas sobre o assunto.

O segundo capítulo está relacionado ao desenvolvimento da educação em Goiás, onde mostro a história e o contexto da fundação do Colégio Liceu de Goiás, transferido posteriormente para Goiânia no ano de sua fundação. Também tratamos dos processos que levaram a fundação das duas mais importantes Universidades em Goiás a Universidade Católica de Goiás (UCG), hoje PUC, e também a Universidade Federal de Goiás (UFG), pois para uma análise sobre uma fase do movimento estudantil em Goiânia no final dos anos de 1980 e início da década de 90, torna-se necessária uma volta ao passado dessas instituições. Assim, faremos uma ponte de como iniciou esse processo da educação no estado até chegarmos ao nosso objetivo maior que é o movimento estudantil na Universidade Católica da referida época.

Nesse mesmo capítulo, busco ainda relacionar as mudanças processadas na educação e no movimento estudantil em Goiás a partir da adoção de uma política neoliberal pelo governo brasileiro. Em setembro de 1992, no mesmo período do processo que levou ao impeachment do presidente Fernando Collor de Melo, os estudantes da Universidade Católica de Goiás organizaram um movimento que abalou as estruturas dessa entidade: uma greve

contra o aumento das mensalidades que durou mais de um mês e ainda um outro movimento que visava eleger o seu reitor através do voto direto de todos os estudantes matriculados. A referida greve ocorreu em um momento muito conturbado da política brasileira, o período do “Fora Collor”, onde repercutiu muito a atuação da juventude “cara pintada” nas ruas. Dentro desse contexto, observaremos a visão da imprensa (revista Veja, jornal O Popular, jornal Diário da Manhã e jornais de entidades estudantis) sobre a juventude “cara pintada” e também sobre o movimento estudantil daquele tempo.

1. CONCEITOS E REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Falar ou escrever sobre o Movimento Estudantil nos leva sempre a perguntas. O que é Movimento Estudantil? Qual a relação do Movimento Estudantil com a juventude como um todo? Ao longo desse trabalho tais questões terão de ser enfrentadas na análise histórica. Afinal, o Movimento Estudantil e os movimentos juvenis andaram de mãos dadas na história do Brasil e do mundo. Não há como separar os dois, já que sempre tiveram uma parceria muito íntima e intensa ao longo dos tempos. Por outro lado, há algumas distinções que abordaremos a seguir.

Há diversas visões sobre o Movimento Estudantil, porém as pesquisas e a bibliografia relativa ao tema são relativamente diminutas, principalmente em nosso país. Esse trabalho pretende contribuir através de um rastreamento dos estudos, o que nos leva ao amadurecimento investigativo quanto desse tema histórico e a uma análise mais coerente do final da década de oitenta e início da década de noventa do século XX.

O Movimento Estudantil geralmente busca a transformação, seja no campo da política ou da cultura. Apóia governos ou luta para destituí-los do cargo. Nos dicionários da língua portuguesa, encontramos o significado de movimento como deslocação, mudança de lugar, evolução ou giro. Para Marilena Chauí, o termo movimento significaria para um grego toda e qualquer alteração da realidade, seja ela qual for (1983, p.07). Movimento Estudantil pode ser definido como uma atitude empreendida por jovens estudantes em busca de novos caminhos.

Alterar, mudar, destruir, sonhar. São palavras presentes no universo estudantil e na história política do Brasil recente, principalmente após terem surgido entidades estudantis como a União Nacional dos Estudantes (UNE) bem como outras entidades estudantis municipais e estaduais.

A juventude tem estado envolvida especialmente com questões políticas, mesmo onde não havia escolas. Ou seja, não é a escola o único local onde a juventude se manifestou ou ainda se manifesta. Porém a escola tornou-se um ponto de encontro e de referência para o jovem expor suas opiniões e criar movimentos sociais como o Movimento Estudantil.

1.1 Por uma história cultural do movimento estudantil

A participação da juventude em movimentos sociais ao longo da história demonstra características específicas do jovem. Dos guerreiros da Antiguidade ao Movimento Estudantil

atual, os exemplos de ações e atitudes da juventude foram analisados conforme as possibilidades e o tempo do historiador, ou seja, através de paradigmas já preditos. Entendo que apesar da bibliografia pequena sobre o tema, seja importante fazer tal análise utilizando novos parceiros da História na construção do conhecimento. São exemplos os conceitos de representação, tanto as construídas pela juventude quanto sobre a juventude ao longo do tempo. A história cultural nos possibilita esses novos olhares.

Quando propomos caminhos novos, automaticamente estamos levantando dúvidas e problemas. Abrimos e fechamos portas em nossas buscas. Sobre esses perigos e, o próprio uso do conceito de representação, Peter Burke argumenta:

Já se mencionou antes que as soluções para os problemas às vezes geram novos problemas. Tome-se a idéia de “representações”, por exemplo, um conceito central da Nova História Cultural (NHC). Ela parece significar que imagens e textos simplesmente refletem ou imitam a realidade social. No entanto, vários praticantes da NHC há muito se sentem desconfortáveis com essa implicação. Em decorrência, tornou-se comum pensar e falar em “construção” ou “produção” da realidade (de conhecimento, territórios, classe social, doenças, tempo, identidade e assim por diante) por meio de representações. O valor e as limitações dessa idéia de construção cultural merecem ser discutidas em detalhe. (Peter Burke, 1991, p. 99)

Mesmo com o desconforto de alguns praticantes da História Cultural sobre os conceitos de representação, entendemos ser esse o caminho mais instigante em nossa busca. O século XXI tem seu início marcado pela ampla discussão dos novos conceitos ligados à história, também no que é comum chamarmos de construção de novos paradigmas. Novos conceitos, novos métodos, novos símbolos, novos sonhos e utopias, novas verdades.

Um mero discurso sem compromisso com os fatos explicaria de forma rápida e sucinta os símbolos que juntos formaram as representações de um determinado grupo, em uma determinada época, como é o caso da juventude, porém buscamos teoria, uma erudição maior para atingirmos uma análise consistente.

As representações da juventude se desenvolveram em meio a sonhos e pesadelos, mentiras e verdades, uma quantidade grande de interrogações, mas também exclamações. Faziam germinar e crescer em momentos importantes forma(s) de ver o real, como disse Pesavento, através do seu real.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2003, p. 39)

A juventude integrada aos movimentos sociais e, ou culturais os construíam mediante suas representações, ou seja, da forma como viam e vivia o real. Sandra Pesavento (2003, p.43) cita as palavras do historiador Bronislaw Baczko, confirmando, “os homens constroem representações para conferir sentido ao real”.

Entendemos que o mundo é um constante renovar, mas não podemos deixar de espiar muito bem o passado, como forma de avaliá-lo no presente, dar a ele um novo olhar, mesmo que tenhamos vivido, ou não, esse tempo. O passado agora é visto com os olhos do presente, formado por elementos culturais de significação atuais, e não com as sombras de um passado dogmático, com os olhos fechados de um pensamento conservador. Como observa Sandra Pesavento,

Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador. Mas não esqueçamos que o historiador da cultura visa, por sua vez, a reconstruir com as fontes as representações da vida elaboradas pelos homens do passado. (PESAVENTO, 2003, p. 42).

A história do Movimento Estudantil pode, então, ser analisada através das representações construídas por grupos de jovens envolvidos por seu tempo e sua realidade. A juventude universitária ou secundarista constrói suas representações e seu imaginário ligados ao mundo social que os cerca. As informações obtidas, o pensamento comum da época, os programas de televisão, a concentração na praça, a espera do ônibus, as revistas mais lidas, as conversas de bar, os sonhos compartilhados nos espaços de sociabilidade conformam o movimento.

1.2 Romper com os mitos

Alguns livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio apresentam os jovens estudantes apenas como heróis que lutaram por uma sociedade mais justa, dando suas próprias vidas por causas bonitas. Não estou negando esse fato, isso realmente ocorreu e alguns jovens podem ser considerados verdadeiros heróis. Porém é temeroso generalizar essa imagem, dando a esses jovens somente a posição de heróis. As fotos mais usadas nesses livros têm sempre um jovem correndo na frente de um tanque enfrentando-o sem nenhuma arma, com roupas despojadas, os cabelos compridos, demonstrando ser diferentes. Frases como “seja marginal, seja herói”, “faça amor, não faça guerra”, ou mesmo com textos que começam:

“quando a juventude não suportando mais a realidade resolveu tomar as ruas e protestar contra o sistema...”.

Os combates entre militantes do movimento estudantil enfrentando a política nas ruas ou em praças públicas são muito evidenciados e isso, de certa forma, contribui para uma deturpação da história do movimento estudantil e da juventude como um todo. Artigos de jornais e livros, principalmente dos anos sessenta, reforçam a representação do heroísmo desses jovens.

Entendo que movimento estudantil é um movimento de juventude e não da juventude, pois boa parte desses jovens nunca entrou em uma entidade estudantil ou nunca deu um único grito de contestação nas ruas. Nesse trabalho, trato historicamente da juventude e do comportamento da mesma, mas o foco principal é o Movimento Estudantil institucionalizado em suas organizações. Como movimento de juventude, todavia, torna-se necessário alongar o assunto às atitudes dessa mesma juventude, pois foram dessas atitudes que se originam os diversos movimentos, dos quais o Movimento Estudantil se destaca.

O Movimento Estudantil conseguiu no Brasil, em diferentes épocas, mobilizar milhares de pessoas, mas foi sempre um movimento de minoria. Essa minoria normalmente integrante de uma corrente política ou de uma entidade do próprio movimento organizava e conduzia as manifestações em geral. A grande parte dos estudantes quando terminava uma passeata, por exemplo, tomava o caminho de suas casas, e somente um número pequeno continuava organizado e planejando as tarefas futuras.

1.3 O movimento estudantil e a política

O Movimento Estudantil na América Latina foi muito atuante durante o século passado, principalmente a partir da década de 30. Um dos trabalhos sobre o movimento estudantil, escrito por Guilhon Albuquerque, afirma:

Desde a grande crise da economia de exportação, nos anos 30, a ação estudantil pareceu encontrar-se na origem, ou pelo menos no centro das grandes crises de regimes que percorrem a história política de nossas sociedades. Mas a que título? Como movimento de idéias, grupo de pressão ou massa de manobra? Cada uma dessas hipóteses já foi avançada para explicar a significação do movimento estudantil. Mas nenhuma delas exclui o fato de que o movimento estudantil constitui, na América Latina, uma força a neutralizar, qualquer que seja o projeto político das classes dirigentes. (1977, p.69).

Para o autor, os estudantes se manifestavam com muito vigor quando polarizavam com as classes dirigentes, porém em alguns momentos esteve ao lado deles também. Isso depende muito do contexto, do momento, das metas da ação política. Para Pécaut:

È possível entender o Movimento Estudantil como uma cultura política de participação com tendências específicas que não visam apenas a melhor ordem vigente, mas supõe oposição ativa de cada jovem nesse grupo. A cultura política não tem autoridade não tem utilidade exceto na medida em que se estabelece que representações com sinal oposto consigam entremear-se. Em contrapartida, sua utilização é justificada a partir do momento em que se articulam concepções políticas distintas. São esses percursos em sentido contrário que asseguram aos esquemas nacionais populares o caráter de uma cultura política, deixando o caminho aberto para diversas práticas políticas, mas assegurando também a coesão relativa de um meio que se estendia muito além dos militantes propriamente ditos, dando origem a uma vigorosa produção cultural incorporando estudantes (PÉCAUT, 1990, p. 185).

Segundo Pécaut, a noção de cultura política é constitutiva da identidade de um grupo, aderindo-se a uma concepção semelhante de formação do social e de objetivos a atingir.

Relacionar a juventude aos movimentos que demonstram rebeldia, como em alguns casos do próprio Movimento Estudantil, pode ser uma tarefa árdua e prazerosa ao mesmo tempo. Mas temos de ressaltar que uma “outra juventude” pode habitar o mesmo espaço e tempo, não possuindo pensamentos próximos. É como se fossem duas tribos diferentes em um mesmo lugar, com características diferentes dentro de uma mesma realidade.

O estudante que se organiza em entidades ou em tendências do movimento sabe muito bem que polícia e cachorro só correm atrás de quem está nas ruas. São esses grupos e entidades ativas que são os verdadeiros responsáveis pelo movimento estudantil, especialmente no Brasil. Boa parte da juventude pode simplesmente ficar em casa à espera do sucesso profissional quando concluírem seus cursos universitários. Já outra parte vive planejando ações. Na obra *Educação e Sociedade* de Luiz Pereira e Marialice M. Foracchi, cita-se um texto de Wright Mills sobre *Educação e Estrutura Social* onde o pensador inglês afirma:

O objetivo dos estudantes de *college* (faculdade) atualmente, sobretudo naqueles *colleges* de elite, é o de conseguir um emprego promissor em uma grande corporação. Tal emprego existe exige do candidato preparo técnico especializado, bem como polimento e boas maneiras. Harold Taylor, presidente da Sarah Lawrence, escreve: “o recém - diplomado ideal, nas atuais condições do mercado empregador de gerentes industriais, é aquele que faz parte de uma fraternidade, interessa-se por assuntos políticos e sociais, é amável, de cor branca, jogador de futebol universitário, um estudante que alcança nota máxima em todos os cursos um homem popular com todos e bem conhecido na universidade, membro de vários clubes sociais”. (PEREIRA E FORACCHI, 1976, p. 273)

Apesar de ser um movimento de juventude, o movimento estudantil não abarca, portanto, a maioria dos jovens. Uma parte dela simplesmente não tinha a compreensão do que acontecia a sua volta, ou entendia muito bem, e não queria participar do movimento sóciopolítico contemporâneo.

1.4 Um movimento sócio-cultural específico

O Movimento Estudantil não esteve ligado apenas às questões políticas, mas também à cultura, ao esporte, apoiou movimentos feministas, exigiu a paz em tempos de guerra.

Quanto mais se buscam subsídios e fontes históricas para o estudo do movimento estudantil, mais nos enveredamos por caminhos que falam da juventude. Nesse caso, torna-se importante conceituar e buscar informações relevantes na história, na filosofia e na sociologia para tratar desses temas.

O Movimento Estudantil no Brasil, e no mundo, foi o “material” que a juventude encontrou para se manifestar e apresentar suas aspirações, seus sonhos, desejos e utopias. Chamamos de material algo que venha a ocorrer, que traz uma potência despertada por um fato como o aumento de mensalidades de uma Universidade, a mudança de uma lei, ou o assassinato de um alguém importante para os jovens. Isso acaba de certa forma, sendo usado como bandeira de luta do próprio jovem. É esse “material” que alimenta a busca dos jovens e, conseqüentemente, dos movimentos organizados por eles.

A juventude quando se organiza em movimentos culturais e no movimento estudantil, segundo Mannheim (1967, p.77) passa agir como se fosse uma classe oprimida. Em outras palavras, o jovem não aceita como natural à ordem recebida como consagrada. Seria correto, então, considerar que a idade de um indivíduo e suas atitudes são elementos importantes para a definição do ser jovem.

O Movimento Estudantil atua dentro de conjunturas e assuntos locais. Um exemplo: Por que jovens na cidade do Rio de Janeiro atiravam garrafas nos partidários de dom Pedro momentos antes de sua renúncia ao trono? Os motivos seria o autoritarismo do imperador, a manutenção da escravidão, ou outros? Por que estudantes brasileiros do período colonial quando chegavam da Europa e engrossavam o cordão dos grupos abolicionistas? A realidade se apresenta a partir desse equilíbrio instável entre tradição e mudança, e para o jovem o primeiro elemento não está tão estabelecido.

Torna-se difícil e complicado generalizar sobre as atitudes da juventude demonstradas ao longo da história. Os Jovens e os movimentos sociais encampados por eles têm características próprias dentro de cada tempo. Podemos comparar o movimento da juventude francesa do final dos anos sessenta com o movimento da juventude no mesmo país no início do século XXI? Mais uma vez volto a enfatizar a importância de análise do contexto histórico. A onda de passeatas e confrontos que ocorreu liderado por Daniel Cohn-Bendit, um dos principais dirigentes do movimento que eclodiu em 1968 na França, nega a comparação, conforme artigo publicado na Folha de São Paulo:

Cohn-Bendit, apelidado na época de “Danny, o Vermelho”, liderava o movimento 22 de março, pequeno grupo de militares restrito à universidade do subúrbio parisiense de Nanterre, que misturava marxismo, anarquismo e uma plataforma meio difusa de liberdade sexual.

Ele disse ao “Financial Times” que a revolta estudantil daquela época era “ofensiva” e se baseava na luta pela ampliação da liberdade, em contraste com as manifestações de agora, a seu ver “defensivas”, por mais que tenham sido capazes de colocar na rua mais de um milhão de pessoas.

O hoje eurodeputado acredita que os protestos de 1968 foram uma reação aos valores morais repressivos impostos por gerações anteriores. Esse componente não está mais presente hoje em dia.

“O que se tem é uma sociedade cansada de seus quadros dirigentes”, afirma. O primeiro ministro Dominique de Villepin “enfrenta uma grave crise política”, com uma juventude que possui uma visão negativa sobre o futuro.

“Maio de 1968 foi, ao contrário, um movimento ofensivo, com uma visão de futuro positiva.” Agora está na defensiva “uma geração temerosa e insegura com relação à mudança”.

(2006, p. 1)

As palavras de Cohn-Bendit confirmam a posição de que os movimentos sociais, nesse caso o Movimento Estudantil da França, se desenvolveram por motivos diferentes, em épocas diferentes e cada grupo tinha suas visões da realidade, seu conjunto de representações, objetivos e estratégias.

A maioria dos estudantes, claro, é jovem. O Movimento Estudantil em qualquer parte do mundo é um movimento de juventude. Em seu site a Organização das Nações Unidas (<http://www.un.org/fr/>) afirma ser jovem toda pessoa até vinte e cinco anos. Contudo devemos perguntar: ser jovem é apenas questão de idade biológica? As atitudes são igualmente importantes para a definição da juventude. Conforme Karl Mannheim:

Da linguagem da sociologia, ser jovem significa, sobretudo, ser um homem marginal, em muitos aspectos um estranho ao grupo. Com efeito, o fato mais notável sobre a atitude dos alunos das últimas séries do ensino médio e dos universitários é eles não terem ainda interesses adquiridos na ordem social existente e não terem integrado sua contribuição à tessitura psicológica e econômica da sociedade constituída. (Sociologia da Juventude I, 1968, p. 75)

Idade e atitudes podem, então, servir para identificar um jovem. Um bom exemplo é o caso do estudante de Ciências Sociais e ex-presidente do DCE da Universidade Federal da Bahia, que foi lançado candidato a presidência da UNE em seu 31º Congresso: Valdélío Santos Silva. Aos 29 anos de idade, casado e com profissão definida, Valdélío demonstrava seu lado jovem:

Do ponto de vista social, o jovem é um ser em desenvolvimento e em constante conflito, pois se encontra numa fase natural de transição entre a infância e universo adulto. Dessa forma, o jovem só é considerado “maduro” quando bem adaptado à estrutura da sociedade, ou seja, quando se torna um cidadão obediente às normas e aos valores do sistema social em que vive. (Antonio C. Brandão e Milton F. Duarte 1990, p. 61)

Uns mais velhos outros com menos idade, estudantes secundaristas ou universitários construíram suas entidades estudantis ao longo da história do Brasil. Era o Grêmio Livre nas escolas, as “Unões” como a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) ou a União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES); nas universidades formaram os Diretórios Acadêmicos (DAs), os Centros Acadêmicos (CAs), os Diretórios Centrais de Estudantes (DCEs); nos Estados, a União Estadual dos Estudantes (UEE) e a União Nacional dos Estudantes (UNE) nível nacional. Tais níveis, com suas correspondentes entidades, organizaram congressos e encontros na legalidade ou na clandestinidade, e assim ao longo da história do Brasil o movimento estudantil esteve presente. Para Marialice Foracchi, o jovem é uma importante força social:

A juventude é ao mesmo tempo, uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência. Se a concebermos como uma etapa que antecede a maturidade e que apresenta características singulares, notaremos que ela corresponde a um momento definitivo da descoberta da vida e da história e uma fase dramática da revelação do eu. Sob este aspecto, é uma experiência particular que se universaliza como componente indispensável da formação da pessoa, com afirmação dos seus recursos e das suas potencialidades humanas. (O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira p. 302)

As palavras de Foracchi evidenciam a força da juventude e, portanto sua capacidade de fazer movimentos, ou mesmo de fundarem entidades que os representam e que através delas possam lutar de acordo com seus sentimentos e sonhos.

A juventude estudantil já foi acusada de radical, de esquerdista, comunista e aplicada muitos outros rótulos, sendo inclusive considerada uma classe. Mas seria o estudante uma classe social? Segundo Thompson, em *A formação da classe operária inglesa* (1987, p.9) uma classe social seria:

...um fenômeno, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico, mas não vejo a classe como uma 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre definitivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas.

Nesse sentido, ao comportamento histórico dos estudantes poderia ser aplicado o conceito amplo de classe. Porém, o caráter empírico do conceito nos deve ajudar a não cair em generalizações fáceis. O Movimento Estudantil no transcorrer da história foi vítima de análises ineficazes e fantasiosas.

Já para Arthur Poerner (1979, p. 23):

Os estudantes não constituem uma classe social e, por conseguinte não podem ter uma política autônoma, em oposição à classe que repute antagonistas [...] são pensadores e agentes de uma estratégia social que visa determinadamente a fins sociais dos quais se possam concretizar suas aspirações de estudantes.

Os estudantes, então, não constituiriam para esse autor uma classe social. Alguns pensadores não utilizam ou não aceitam o termo "categoria social", porém alguns sem demonstrar maiores preocupações utilizam tal definição. Maffesoli (2000, p. 194) destaca de forma metafórica, porém com interesse heurístico, que os grupos urbanos se formam e se dividem em tribos e se organizam conforme as ocasiões que se apresentam.

Conceituar e discutir questões sobre a juventude requer alguns cuidados, pois, existem grupos antagônicos de jovens espalhados mundo a fora. Poderíamos destacar a juventude rural, a juventude católica ou mesmo a juventude operária. Nesse trabalho destacaremos a participação em movimentos sociais e políticos, principalmente de contestação. Em síntese, Karl Mannheim afirma:

A juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade. Até a época da puberdade, a criança vive principalmente no seio da família e suas atitudes são reguladas, sobretudo pelas tradições emocionais e intelectuais ali predominantes. Na fase da adolescência, entra em contato com a vizinhança, a comunidade e certas esferas da vida pública. Assim o adolescente não está apenas biologicamente num estado de fermentação, mas sociologicamente penetra num mundo em que os hábitos, costumes e sistemas de valores são diferentes dos que até aí conhecera. O que para ele é uma novidade desafiadora, para o adulto é algo a que já está habituado e aceita com naturalidade. Por isso, esta penetração vinda de fora torna a juventude especialmente apta a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos que, por razões bem diferentes das suas estão insatisfeitos com o estado de coisas existentes. (1967, p. 74,75)

Quando o jovem secundarista ou universitário entra em contato com outros estudantes, ele geralmente se manifesta vindo muitas vezes a participar das entidades do Movimento Estudantil. Por outro lado, também é normal que parte dessa juventude simplesmente não venha a aderir a nenhum tipo de movimento social. As oportunidades e os caminhos, nesse caso, da juventude, são enormes e os indivíduos vão formando seus grupos, na igreja, na escola, no bairro, dentre outros. Como diz Michell Maffesoli “na massa a gente se encontra se roça se toca interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (2000, p. 102).

1.5 O movimento estudantil e a história

Em alguns casos, a juventude se manifestou mesmo estando afastada das escolas, questionando ou lutando por uma educação para todos. Na Idade Média européia, os jovens excluídos, sem acesso às escolas deixaram registrados na história seu inconformismo e suas atitudes, como é o caso de um grupo de jovens conhecidos por *poetas goliardos*. O nome deriva do fato de eles se auto-intitulem discípulos de Golias. Satirizava a sociedade da época, especialmente o clero. Os goliardos parecem ter sido, em sua maior parte, estudantes pobres que, não podendo completar seus estudos, abandonava as escolas e dedicavam-se frequentemente a atividade da poesia e da comédia. Eram considerados pela Igreja poetas dissolutos, que valorizavam apenas os prazeres da bebida, do jogo e do amor profano. Os goliardos gostavam de ridicularizar o ritual católico, criando, em latim, poemas que parodiavam os salmos e hinos religiosos. Nesse período, através de sua arte, mais uma vez a juventude se fez presente, questionando, lutando e demonstrando seu poder. Percebemos que o termo Movimento Estudantil não está presente em todas as fases da história, mas certo inconformismo da juventude é bastante antigo.

A juventude participou de diversos movimentos sócio-políticos. Um exemplo interessante vem com a Revolução Russa de 1917, onde os jovens se fizeram presentes na luta para a derrubada do czarismo naquele país. No dia 2 de outubro de 1920 em discurso no III congresso de toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia, Lênin se manifestou sobre a importância da juventude comunista:

Camaradas, queria conversar hoje sobre o tema de quais são as tarefas da União da Juventude Comunista e, em ligação com isso, sobre o que devem ser a organização da juventude numa república socialista em geral.

Devemos deter-nos tanto mais nessa questão quanto se pode dizer, em certo sentido, que é precisamente à juventude que incumbe à verdadeira tarefa de criar a sociedade comunista. Porque é evidente que a geração de militantes educada na sociedade capitalista pode, no melhor dos casos, realizarem a tarefa de destruir as bases do velho modo de vida capitalista baseado na exploração. No melhor dos casos poderá realizar a tarefa de criar um regime social que ajude o proletariado e as classes trabalhadoras a conservar o poder em suas mãos e a criar uma sólida base, sobre a qual só poderá edificar a geração que começa a trabalhar já em condições novas, numa situação em que existem relações de exploração entre os homens. (1982, p. 386).

Lênin é sem dúvida o maior nome da revolução bolchevique de outubro de 1917 na Rússia. Em seu pronunciamento à juventude do país, ele deixa clara a importância dos jovens para destruir velhos hábitos existentes naquela sociedade, tentando seguir um novo modelo. Ele exalta a importância da juventude e procura tê-la ao lado do próprio governo. Não significa que toda a juventude estivesse ao lado do governo, mas que foi de grande importância sua mobilização e transformação.

A Revolução Chinesa liderada por Mao Tse-tung, em 1949, contou semelhantemente com a participação da juventude na proclamação da República Popular da China. Porém, o novo governo buscou fortalecer-se pessoalmente, dando início, em meados da década de 1960, a um movimento de expurgo aos opositores políticos. Logo encadeou a chamada Revolução Cultural, que envolveu toda a população. O governo reconhecendo a importância da juventude mobilizou a mesma para dar sustentação à radicalização ideológica e à limpeza partidária. O próprio governo “institucionalizou” a participação da juventude na destruição do velho e construção do novo.

Na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini, a juventude também contou com o reconhecimento de sua importância na consolidação dos regimes totalitários. As fotos da juventude hitlerista são impressionantes e demonstram o poder da mesma. Nesse mesmo período, em países como o Brasil a juventude se manifestava na luta contra o nazi-fascismo.

Esse foi o caso das Brigadas Internacionais, formada por voluntários de vários países que lutaram na Guerra Civil Espanhola, composta em sua maioria absoluta de jovens. Como pode ser observado nas palavras de Poerner (1979, p.147):

A campanha contra o Eixo se desenvolve de 1942 a 1945, período a que muitos se referem, com certo saudosismo, como “os melhores tempos da UNE”. Os estudantes se bateram, então sucessivamente, pela derrota do nazi-fascismo internacional.

Como podemos observar, o poder que a juventude exerce em uma sociedade é muito grande e alguns governos lançaram estratégias para tê-la ao seu lado. Acaba sendo mais prudente do que despertar sua oposição. Nos casos da juventude na Rússia também na China onde os governos revolucionários reconheciam o poder das mesmas na implantação das mudanças propostas por cada um em seus países. Mesmo onde a proposta do governo não era a democracia, mas sim a implantação de estados totalitários seus governos reconheciam o poder do jovem seja para consolidar ou destruir um modelo de governo.

O Movimento Estudantil no Brasil nem sempre foi contra o governo. Em 1938, no 2º Congresso da UNE, os estudantes contaram com o apoio de um representante do ministro da educação do governo de Vargas durante a consolidação do Estado Novo. Isso é um reconhecimento do governo da época da importância que a juventude estudantil exercia naquele momento. Segundo Poerner o movimento nesse período ganhava conotação política, porém não assumia uma atitude antigovernista.

A UNE em seu segundo congresso contou com o reconhecimento do governo. Não se imaginava a página que tal entidade escreveria na história do país. Isso ocorreu na época da rebeldia dos anos sessenta.

1.6 A construção da imagem rebelde

Um dos períodos de maior contestação por parte da juventude explodiu nos anos sessenta. Questionar era praticamente uma regra na época, fosse contra a Guerra do Vietnã, causa de luta da juventude estadunidense, ou na luta contra a ditadura militar no Brasil. Essa mesma juventude passou a defender uma cultura desgarrada da tradicional, dando origem a um conjunto de novas idéias que passaria a ser chamada de contracultura. O antropólogo Carlos Alberto Pereira define o termo deste modo:

Podemos entender sobre contracultura duas coisas até certo ponto diferentes, ainda que muito ligadas entre si. E, quando alguém usa o termo, é possível que esteja se referindo a uma ou a ambas as coisas. De um lado o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude e que marcaram os anos de 1960: o movimento hippie, a música rock, certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. [...] De outro lado, o mesmo termo pode se referir a uma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, “rompe com as regras do jogo” em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. [...] (1986, p.20).

Outros setores da sociedade, principalmente intelectuais e artistas, resistiram à ditadura militar por meio de manifestações culturais. Nos festivais da canção, músicas de jovens compositores expressavam o sentimento de protesto daquela geração. A rebeldia, então, se manifestava nos shows, no teatro com peças de cunho revolucionário em reuniões políticas, nos ambientes universitários.

Outros aspectos da contracultura relativizavam o modelo econômico:

... foi somente a partir dos anos 60 que a juventude passou a apresentar críticas mais contundentes à sociedade moderna, não só negando seus valores, mas tentando criar e vivenciar um estilo de vida alternativo e coletivo, contra o consumismo, a industrialização indiscriminada, o preconceito racial, as guerras etc. Com isso, essa juventude mais crítica e politizada, nega a cultura vigente, até então sustentada e manipulada em sua maior parte pela indústria cultural. Essa reação jovem é conhecida como “contracultura”, simbolizada principalmente pelos hippies, mas que para alguns voltaria a se repetir de maneira diferente com os punks no final dos anos 70. (Antonio C. Brandão e Milton F. Duarte 1990, p. 12 e 13).

A juventude que aderiu radicalmente à contracultura nos anos de 1960 abandonava as cidades, procurando romper com a realidade massificadora, e passavam a viver em comunidades alternativas. Buscavam praticar as idéias do movimento, recusando-se a reproduzir o modo de vida de seus pais, que consideravam alienante.

As condições de vida derivadas do industrialismo, do progressismo vazio, eram acompanhadas do desemprego, da miséria. Tais valores tornaram-se hegemônicos naquela época, principalmente a partir de meados do século passado. Com isso, encontraram uma forte resistência por parte da juventude.

A década de 1960 foi um período de rebeldia, contestação e repressão em vários cantos do mundo. Nesse contexto de intensa militância política, a música teve grande

importância e figurou no centro nas mudanças de comportamento da juventude. Para Antonio C. Brandão e Milton F. Duarte (1990, p. 07), “A Música é um tipo de expressão tão abrangente que está longe de ter um significado apenas artístico”.

A arte musical foi um importante veículo de divulgação de idéias, estilo de vida e de protestos. Sobre a história da música e dos movimentos de contestação Jean Massim escreveu:

Filhos da crise econômica e do desemprego, os *punks* varreram tudo à sua passagem a partir de 1977... ou esforçaram-se por fazê-lo. Rejeitaram as estrelas e a competência técnica, clamaram em alto e bom som que era mais importante ter algo a dizer do que saber como dizê-lo. Usam os cabelos curtos, rompendo com os estereótipos *hippies*, e cantam o cinza urbano e o tédio. A urgência e as provocações estão na ordem do dia. Os Sex Pistols escandalizaram insultando a rainha em plena celebração do seu jubileu, O Clash fez de suas canções panfletos esquerdistas, os Stranglers manipularam fantasmas sádicos, os Buzzcocks proclamaram a dificuldade de amar quando reina o egoísmo, os Jam pareceram ser novos Who. Como em 1963, novos grupos estouravam em cada semana, pelo menos na Inglaterra. Os Estados Unidos não acompanharam o pique, anestesiados pelos programadores de rádio sobreviventes da era hippie. Somente Nova York ferveu junto com os ingleses. (MASSIM, 1997. p. 119-120.)

Surgiram estilos culturais diferentes, tais como o *rock'n'roll*, o *punk*, o *funk*; tribos que buscavam comportamentos alternativos. Nos anos de 1950 o rádio era o meio de informação mais importante e a Televisão começava a dominar os lares. Os jornais e revistas do período passaram a ser utilizados como forma de absorver os movimentos de contestação como parte da indústria do entretenimento.

Quando os estudantes tomavam as ruas cantando palavras de ordens ou alguma música de protesto, as indústrias procuravam a melhor forma de transformar aquela rebeldia em mercadoria onde o alvo seria o próprio jovem. Nos Estados Unidos e mesmo na Europa essa era uma realidade que podia ser observada na quantidade de discos que passaram a ser vendidos. Em relação a isso, Eric Hobsbawm escreveu:

A interação da música nesse fenômeno cultural, bem como os tentáculos que unia a dinâmica capitalista, pode ser observada pelo montante de dinheiro envolvido nas vendas de discos nos Estados Unidos, entre 1955, e 1973: “...subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões em 1959, e 2 bilhões em 1973” (HOBSBAWM, 1991. p. 321).

A repressão social e por parte do Estado era grande na época, mas a produção cultural era intensa. Parecia um jogo onde cada grupo também tinha funções diferentes e definidas, ou

seja, o governo reprimia e os jovens se rebelavam. Para Antonio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte, que escreveram o livro *Movimentos Culturais de Juventude*:

[...] a partir de 1950, com essa sociedade afluente possibilitou o surgimento de uma cultura jovem, fazendo com que grande parte da indústria cultural fosse dirigida a juventude norte-americana. Criou-se, assim, um mercado especializado para uma vasta gama de produtos: pranchas de surf, radinhos de pilha, revistas, filmes e, principalmente para os discos de música jovem. Quando *Rock around the clock*, com Bill Halley e seus cometas, estourou através do filme *Blackboard jungle (sementes da violência)*, em 1955, iniciou-se, a comercialização da chamada “cultura rock”. (1990, p. 19)

Por que o jovem e mesmo os movimentos organizados por eles tinham uma ligação tão forte com as músicas, em especial com o rock’n’roll? As propostas da contracultura estiveram presentes na transformação do principal ritmo musical identificado com a juventude do mundo ocidental na década de 1950: o rock. Nos anos de 1960, as letras das canções de rock passaram a incluir temas como paz e amor, críticas a guerra e a sociedade de consumo e valorização do espírito comunitário. Com o fim da Segunda Guerra Mundial os países que de certa forma se envolveram no conflito, principalmente os Estados Unidos tinham como objetivo o desenvolvimento de sua economia, com um grande avanço na área da tecnologia, principalmente do rádio e da televisão, dando origem a “cultura de massas”, servira, então, para o surgimento de uma indústria cultural, onde o alvo com certeza era o próprio jovem.

Janis Joplin, Jimi Hendrix, os Rolling Stones, The Doors e Pink Floyd entre outros, tornaram-se símbolos radicais da contracultura e ídolos da juventude rebelde. A música nunca havia influenciado tanto a história do mundo.

No Brasil não foi diferente. As músicas estiveram presentes nos diversos movimentos organizados por estudantes. Chico Buarque e Geraldo Vandré compuseram e cantaram músicas que foram sendo cantadas nos centros das principais cidades brasileiras, pois as letras, as mensagens, eram de protesto. Gilberto Gil e Caetano Veloso estão entre os principais nomes que participaram do movimento conhecido com tropicalismo, provocando uma revolução musical no país. Não negavam a cultura musical de outros países, mas acrescentava em suas melodias a força da cultura brasileira.

As letras das músicas entoadas pelos jovens simbolizavam a luta contra o imperialismo, contra a industrialização da cultura, contra a massificação. Havia uma consonância do Movimento Estudantil, considerado um movimento político, com letras políticas. De acordo com Marcos Napolitano:

Os gêneros e as temáticas das canções dos festivais variam muito: a música de protesto, outras como ritmos regionais, bossa nova etc. Caetano Veloso e Gilberto Gil, por exemplo, compôs Alegria, Alegria e Domingo no Parque. Os músicos baianos foram expoentes de um movimento chamado de *tropicalismo*, que promoveria modificações efetivas na cultura brasileira, ao introduzir elementos da música pop e do rock como a guitarra elétrica, sinal de “modernização” da música brasileira em contraponto à musicalidade da bossa-nova e à politização das canções feitas por Chico Buarque. Além disso, criticavam a esquerda tradicional que, por muito tempo, os acusou de serem alienados. Geraldo Vandré tornou-se um símbolo da música de protesto com Disparada e com Pra não Dizer que não Falei das Flores, que se tornou hino dos que discordavam da ditadura. (NAPOLITANO, 2004 p. 105.)

As músicas, a poesia, as roupas e mesmo os festivais que davam vida a contracultura, acabaram desembocando na absorção pelo sistema do movimento de contestação como parte da indústria do entretenimento. Nas palavras de Roberto Muggiati:

Foi um fenômeno único na história. Nunca como nos anos finais da década de 60, a música teve tanta importância, figurando no centro de profundas mudanças no indivíduo e na sociedade. Pela primeira vez o mundo se via à beira de uma revolução que não seguia o caminho político e nem militar. Era uma espécie de guerrilha cultural, um movimento espontâneo e insinuante que, se apossado dos meios de comunicação ou até criando canais alternativos, conquistava adeptos por toda parte e ameaçava colocar a utopia no poder. Foi um sonho de uma noite de verão e durou pouco. Mas ao se deixar devorar pelo sistema, a contracultura injetou nele para sempre uma série de novos valores e as coisas nunca mais seriam como antes. (1985. P.7)

Evidente que na juventude do período não havia unanimidade no que tange aos movimentos de contestação, mas podemos afirmar que a parte dela estava envolvida direta ou indiretamente na luta contra os valores da ordem capitalista. Isso se deu especialmente no Brasil da Ditadura Militar e deixou marcas profundas. Em meio à variedade de estilos e estrelas, somavam-se as tendências nacionais que tiveram representação obrigatória no imaginário da população, principalmente dos jovens.

As grandes passeatas e mobilizações organizadas pelo Movimento Estudantil no Brasil, de certa forma já demonstrava a ligação da juventude com movimentos culturais e o envolvimento com as músicas com letras que questionavam a própria realidade da época. Sucintamente, podemos afirmar que o Rock, o feminismo, os hippies, o tropicalismo, dentre outros, sempre esteve ligado à juventude rebelde da segunda metade do século passado.

Exatamente devido aos seus conteúdos, que normalmente mostravam mensagens contrárias à cultura dominante, ou seja, formulava a contracultura como traço marcante da juventude da época. Dentro desse contexto, o Movimento Estudantil no Brasil foi intenso,

principalmente após o Golpe Militar de 1964, que acabou destituindo João Goulart do cargo de presidente do Brasil. Nas palavras de Arbex Jr, percebemos que:

No início dos anos 60, [...] a histeria anticomunista logo seria substituída pelas imagens dos movimentos contra o racismo e pelo fim da Guerra do Vietnã. É verdade que o FBI tentou inventar provas para desacreditar líderes negros, como Martin Luther King e Malcolm X, assim como ameaçou e espionou ilegalmente líderes pacifistas. Mas foi em vão. Apesar de tudo, manifestações cada vez mais grandiosas mudavam o cenário cultural americano.

Nos Estados e na Europa Ocidental os costumes começavam a ser revolucionados pelo rock'roll, como Elvis Presley, os Beatles e os Rolling Stones, e por feministas com Mary Quaint [...].

Esse panorama de grande agitação cultural preparou a grande mágica de 1968, o ano que, em muitos aspectos, mudou a face do mundo. Em março daquele ano, universitários franceses entraram em greve e organizaram manifestações em Paris. [...] Simultaneamente estourou uma revolta nacional na Tchecoslováquia, a Primavera de Praga [...]

[...] Nos dois blocos, os donos do poder tomaram medidas para conter os movimentos rebeldes. Em abril de 1968, Martin Luther King foi assassinado nos Estados Unidos. Em outubro do mesmo ano, os tanques soviéticos invadiram Praga, a capital da Tchecoslováquia. Em Paris, a repressão e pressões do governo desarticularam e liquidaram o movimento dos jovens. Mas estavam lançadas as sementes de uma nova concepção cultural do mundo (ARBEX JR., 2000. p. 23-25).

1.7 A união nacional dos estudantes

O movimento estudantil começou a ser organizado no Brasil a partir da fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937. Arthur Poerner em seu livro, *O Poder Jovem*, ressalta que a primeira manifestação estudantil registrada pela história brasileira ocorre ainda no período colonial, em 1710, quando da invasão de mais de mil soldados franceses armados na cidade do Rio de Janeiro, onde foram expulsos por cerca de quatrocentos a quinhentos jovens, a maioria estudantes.

O termo Movimento Estudantil começou a ser usado no Brasil apenas com a fundação da UNE, em 1937, porém os movimentos envolvendo a juventude estão presentes a muito mais tempo registrados em nossa história.

No meio da pequena bibliografia sobre o Movimento Estudantil no Brasil não é incomum opiniões de que a UNE seria apenas uma entidade atrelada aos interesses do governo, ou um aparelho de divulgação de idéias marxistas. Há alguns pontos que devem ser considerados nesse caso. O primeiro é a obra de Seganfreddo (1963) escrita um ano antes do

Golpe Militar que depôs Goulart. O segundo, é que na década de 1960 a Guerra Fria praticamente dividiu o mundo em dois blocos antagônicos, capitalistas de um lado e os comunistas de outro, e um terceiro e importante fato é que o macartismo disseminava em várias partes do mundo incluindo o Brasil, uma doutrina de combate aos comunistas.

As opiniões sobre capitalismo e socialismo foram sempre a tônica da Guerra Fria também no Brasil. Em sua proposta de mostrar uma UNE aparelhada a setores do governo e também subversiva, Seganfredo relata:

A UNE, recebendo instruções superiores, catequiza jovens universitários. A técnica aplicada é a da “simpatia e amizade”. Os catequizadores, já veteranos nas escolas, convidam os calouros para as praias e cinemas, bailes, estudos etc. Quando a Vítima é do sexo oposto ao do catequizador, entra o “golpe do namoro”. Os primeiros contatos são os mais cordiais possíveis e o catequizador vai influenciando e adquirindo uma confiança do calouro. Perguntas embaraçosas e de duplo sentido são formuladas aos jovens inexperientes que começam a cair em confusão mental. Aproveitando dessa confusão e da dúvida o catequizador vai levando o seu interlocutor para onde quer, expondo teses, habilmente veladas, com segurança e autoridade. Oferece, também, livros marxistas ao jovem, afirmando-lhe que neles está a verdadeira evolução. (Seganfredo, 1963, p.18)

Essa prática da “catequização” evidenciada pela autora não era comum apenas com integrantes da UNE, fazia parte do imaginário do próprio estudante dentro de qualquer instituição estudantil. Era uma época que a juventude lutava pela liberdade em diversas áreas, inclusive sexual. Convencer alguém a lutar por um mundo mais livre e ao mesmo tempo ter um envolvimento íntimo com essa pessoa parece ser muito mais uma característica da própria juventude da época do que simplesmente uma determinação de uma entidade do Movimento Estudantil do período. Podemos inclusive considerar que essa prática nunca acabou, continua sendo uma arma competente para cooptar novos integrantes para o movimento estudantil durante muitos anos.

Outro aspecto relevante é o fato de a UNE não ser dirigida apenas por tendências simpáticas ao comunismo, como ressalta Jacob Gorender (1987, p. 37). Entre 1950 a 1956, a UNE foi controlada pelos udenistas que tinham uma posição anticomunista muito bem clara na época. Já para Albuquerque (1977, p. 71):

[...] Assim sendo, o movimento não encontrava dificuldades em engajar-se nos movimentos políticos, nem em mobilizar suas bases em consonância ou posição a projetos governamentais de mobilização popular. Por um lado, seus dirigentes chegaram a tomar assento ao longo dos dirigentes sindicais e dos políticos em verdadeira negociação junto a organismos de Estado.

Algumas tendências políticas divergentes se revezavam como lideranças do movimento. Apoiaram planos de governo, como ocorreu com as Reformas de Base de João Goulart, porém essa mesma entidade foi muito importante na luta contra a ditadura de Vargas, ou seja, contra o Estado Novo. Em alguns momentos a UNE negociou claramente com governos, porém quando entendiam não ser a melhor opção enfrentavam o próprio. Com o passar dos anos, já durante a ditadura militar no Brasil, o próprio governo cuidaria de proibir a existência da UNE, almejando com isso o fim do próprio Movimento Estudantil no Brasil. Uma outra visão sobre a UNE nos primeiros anos da década de 1960:

O Movimento Estudantil encampado pela União Nacional dos estudantes (UNE) distinguiu-se no período (pré-64) como operacionalizador das pressões nas lutas sociais. Era uma tentativa de concretização de uma entidade que lutava não somente por reivindicações específicas, mas, também por participação nas lutas nacionais, como aperfeiçoamento das escolas e reforma universitária (Jocyléia Santana 2007, p. 36).

Subversiva a UNE nem sempre se mostrou, apoiando ou se opondo a governos. Isso não diminui em nada importância de tal entidade ao longo de sua duradoura história no Brasil. Uma entidade dirigida por jovens já é um fato relevante para compreendê-la com revolucionária, não importando se seus interesses a conduziam à situação ou a oposição. A UNE nessa fase esteve sempre no meio das discussões mais importantes no país, e as opiniões sobre a entidade variavam muito.

Em 1961, a própria UNE fundou o Centro Popular de Cultura, numa das fases mais nebulosas da história da Guerra Fria, quando os Estados Unidos na tentativa de depor o governo de Fidel Castro fracassara na invasão da ilha. Em meio a essa turbulência internacional, os CPCs apresentavam peças de teatros em favelas, sindicatos, nas ruas e praças e em portas de fábricas, demonstrando assim uma preocupação com cultura nacional e não somente com o fato de serem formadores de uma ideologia comunista. Em uma outra visão sobre a UNE:

Ligado a UNE surgia, no Rio de Janeiro, em 1961, o primeiro Centro Popular de Cultura (CPC), colocando na ordem do dia a definição de estratégias para construção de uma cultura “nacional, popular e democrática” de esquerda. Atraindo jovens intelectuais, os CPCs organizados por todo o país, tratavam de desenvolver uma cultura engajada de atitude conscientizadora junto as classes populares. Com isso, um novo tipo de artista, “revolucionário e conseqüente”, ganhava forma. Empolgados pela efervescência política, os CPCs defendia a opção pela “arte revolucionária”, definida como instrumento a serviço da revolução social. (Antonio C. Brandão e Milton F. Duarte 1990, p. 61)

A União Nacional dos Estudantes ao longo de sua história foi comandada também por jovens ligados a partidos comunistas. Isso demonstra um caráter de mudança, mas não comprova que seu principal objetivo era a proliferação das idéias marxistas no Brasil. Movimento social e/ou político como o Movimento Estudantil, ao ser analisado despertam polêmicas. Com a UNE não é diferente, pois devido às diversas forças que estiveram à frente da entidade durante os anos de sua existência, cada uma delas apresenta versões diferentes e bastantes variadas de sua história. Maria Paula Araújo, no livro *Memórias Estudantis – da fundação da UNE aos dias atuais* – destaca:

A União Nacional dos Estudantes (UNE) já começa com uma polêmica: para uns, ela foi criada em 1937, para outros, a verdadeira fundação da UNE ocorreu em 1938. Esta divergência inicial já nos mostra como é difícil falar em uma “história da UNE”. O mais correto seria nos referirmos a “histórias da UNE”. Isso porque a UNE foi uma entidade de caráter social e político que reunia um grande número de estudantes, pertencentes a diferentes grupos com diversas tendências políticas e ideológicas. E cada um desses grupos possui versão impar da trajetória da entidade. (ARAÚJO, 2007, p. 21).

Nesse caso, qual deve ser o papel do historiador ao realizar um trabalho que busca (re) construir um fato, ou um acontecimento importante do passado? Qual deve ser nossa posição enquanto historiadores ao buscar fontes históricas que nos esclareça as dúvidas? E no caso de artigos, reportagens de revistas e jornais que são apenas opiniões sem nenhum compromisso com a verdade? O historiador tem como principal objetivo de sua pesquisa a busca da verdade das experiências históricas, que normalmente se apresenta apenas de forma parcial. Não precisamos em nossa busca eliminar os sonhos e as fantasias narradas, pois podemos aproveitá-las para nos aproximar ainda mais da verdade almejada:

O historiador por dever de ofício, busca a verdade. Mas sabe que a verdade é sempre parcial. Cada documento, cada testemunho que o historiador levanta, conta uma parcela desta verdade – às vezes em contradição com outra parcela coletada mais adiante. Para isso o historiador sabe que na verdade é uma quimera: algo que se busca, mas que nunca é alcançado plenamente. Sobretudo quando o historiador lida com memória, com depoimentos, testemunhos da vida, lembranças. Estas serão sempre múltiplas e dinâmicas. (ARAÚJO, 2007, p. 21).

Novos tempos, novas atitudes. O comportamento da juventude e o próprio Movimento Estudantil de décadas passadas, sem dúvida, não se repetirão mais, pois, a realidade se apresenta com uma nova roupagem. As passeatas e manifestações podem se repetir, mas com certeza os motivos serão outros.

Esses movimentos com a participação da juventude surgem e se desenvolvem dentro de determinados contextos. Seria uma temeridade conceituar tais temas de uma forma ampla. O movimento estudantil deve ser analisado dentro de conjunturas específicas, para conceituá-lo ou compreendê-lo, não pode ter significado generalizado.

2. SER ESTUDANTE EM GOIÁS

Para uma leitura das representações e história envolvendo os jovens goianienses durante o período de governo e também afastamento do presidente Fernando Collor, é necessário conhecermos a história da educação superior em Goiás, especialmente em Goiânia. Destacaremos algumas instituições de ensino que surgiram na nova capital e foram importantes para o desenvolvimento da educação em Goiás, como Liceu de Goiânia, a fundação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade Católica de Goiás (UCG). Essas referidas instituições foram fundamentais para o desenvolvimento da educação, para a cultura e política na nova capital.

Diversos personagens importantes da história de Goiás e, mesmo do cenário nacional, freqüentaram essas instituições. O Liceu é importante devido o fato de ter sido transferido para Goiânia nos primeiros anos da fundação da nova capital. A UCG - atualmente PUC Goiás - e a UFG por terem sido ao longo da história goiana as duas mais importantes instituições de ensino superior do Estado.

Não pretendo fazer um relato cronológico, linear, pontuando os principais acontecimentos envolvendo as referidas instituições, mas o levantamento do contexto em que foram fundadas. Há relações com as representações construídas no passado, bem como com representações construídas no presente. Existem relativamente poucos estudos acerca da história da educação superior em Goiás, porém é preciso um rastreamento sobre o assunto para relacioná-la à história do Movimento Estudantil em Goiânia, especialmente no fim dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 em Goiânia.

2.1 Pequena história do ensino superior em Goiás

O Lyceu de Goyaz foi criado pela lei número 9, de 17 de julho de 1846, e foi o 17º do país em ordem de criação. Funcionou na Cidade de Goiás até o ano de 1937. Ele era um importante espaço de sociabilidade:

A vida do Liceu era a vida da cidade. O coração da cidade pulsava na casa de Corumbá. Se o Liceu não ia bem, atacado de qualquer mal, também a cidade sentia os mesmos sintomas apatia, nervosismo, tristeza, indisciplina, ou ao contrário, alegrias, euforia, glórias. O sino do Liceu que marcava o início e o término de cada aula era o relógio da cidade. Os bons professores, os bons alunos eram respeitados e homenageados. Os maus tratados com frieza e desdém. Tudo que ocorria ali era comentado e julgado pelo povo. (BRETAS, 2001. p. 483)

O prestígio do Liceu na antiga capital não foi diminuído com a transferência da capital para Goiânia, ele continuou importante para os alunos e para a sociedade, agora, goianiense. Mesmo sendo admirado pela sociedade local, que tinha conhecimento de sua importância, com a construção da nova capital o Liceu teve de ser transferido.

Em 1753, o primeiro governador de Goiás Conde dos Arcos já relatava que a localização da capital goiana era um entrave ao desenvolvimento local (PALACIN, 1986, p.106). Durante o século XIX, as idéias de insalubridade da cidade continuaram comuns entre sua população principalmente a parte ligada à política. Após o movimento que acabou com a Primeira República e levou Getúlio Vargas à presidência do Brasil, Pedro Ludovico compôs com mais dois membros o governo provisório em Goiás. Três semanas depois de se tornou interventor, em 1932, o governo de Goiás já demonstrava sua vontade de transferir a capital. Em 1935 foi que ocorreu à mudança provisória:

Em Goiás ficaram ainda a Câmara e o Judiciário. A mudança definitiva teve lugar em 1937, quando os principais edifícios públicos já estavam concluídos, embora a cidade, do ponto de vista urbanístico, ainda se encontrasse em seus começos. Cinco anos depois, em julho de 1942, foi realizado o “batismo cultural” de Goiânia. A cidade contava com mais de 15.000 habitantes, o dobro da cidade com seus 200 anos (PALACIN, 1986, p. 109)

Em 1937, o Lyceu de Goyaz, por ato do interventor Pedro Ludovico Teixeira, foi transferido para a nova capital do estado de Goiás. A transferência do Liceu ocorreu em meio ao processo de transição para a nova capital. A importância da instituição fica evidente pelo próprio tratamento dado pelo então interventor do estado, pois, praticamente chegou a Goiânia com outros prédios públicos importantes como a Câmara e o Judiciário.

Com a transferência do Liceu para Goiânia, a população da antiga Vila Boa reivindicou a volta da escola para a cidade de origem, fato que só se concretizou no governo do então governador, e seu ex-aluno, Íris Resende Machado, em 1994. A partir dessa data, o estado de Goiás passou a contar com dois liceus, o da cidade de Goiás e o da cidade de Goiânia. Pedro Ludovico Teixeira, Mauro Borges, Bernardo Elis e José J. Veiga, ainda na antiga capital, desfrutaram do prestígio do Liceu antes de sua transferência para a nova capital goiana, pois foram estudantes da escola.

O Colégio Liceu de Goiânia foi centro de debates do movimento estudantil, por ali passaram algumas lideranças políticas importantes do estado como Henrique Meireles, Íris Resende, Irapuan Costa Júnior, Iran Saraiva, Alcides Rodrigues e Pedro Wilson.

Não pretendo listar todos os nomes importantes de personagens da política e da cultura goiana, nem mesmo relacionar as obras importantes de cada um, mas citar alguns desses nomes para evidenciar a importância da instituição de ensino chamado de Lyceu de Goyaz e depois Liceu de Goiânia ao longo de boa parte da história de Goiás.

A Universidade Católica de Goiás (UCG) e a Universidade Federal de Goiás (UFG) estão entre as entidades de ensino superior mais importante do estado até os dias atuais. A UCG foi criada em 1959, porém segundo Darcy Cordeiro (2010 p. 54) não foi à primeira Universidade Católica do Brasil. Anterior a esse período, de 1946 a 1955, outras Universidades ligadas a Igreja Católica foram criadas, como a PUC do Rio de Janeiro, PUC de São Paulo, Universidade Católica de Pernambuco e Universidade Católica de Campinas.

Ainda antes da criação da UCG, foram criados alguns cursos e faculdades que juntos formariam a Universidade de Goiás, o que posteriormente seria a Universidade Católica de Goiás: em 1948, Dom Emmanuel Gomes de Oliveira, que na época era Arcebispo de Goiânia, lança a idéia de criar a primeira Universidade do Centro-Oeste. No mesmo ano foi implantada a Faculdade de Filosofia, com cursos de História, Geografia, Letras e Pedagogia. Após alguns anos, são criadas as Faculdades de Ciências Econômicas (1951), e Direito (1959) e as escolas superiores de Belas Artes (1952), Enfermagem (1954), Serviço Social (1957) e Instituto de Pesquisa Econômica e Social. Reunindo essas faculdades, em 1958, cria-se a Sociedade Goiana de Cultura (entidade mantenedora da Universidade), Dom Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia, organiza a Universidade de Goiás, que posteriormente passaria a ser chamada Universidade Católica de Goiás (UCG). (CORDEIRO, 2010 p. 54).

Foi uma fase em que o mundo encontrava-se dividido em dois blocos ideológicos distintos, vivíamos as incertezas da Guerra Fria, nesse mesmo ano a guerrilha cubana colocava ponto final na ditadura pró Estados Unidos de Fugêncio Batista, tornando-se o primeiro país socialista da América. Nesse mesmo ano Juscelino Kubitschek com sua política desenvolvimentista governava o país e se preparava para a transferência da capital do país para o Planalto Central. Brasília significava a descentralização econômica do Brasil e o progresso para a região. Progresso era uma das palavras mais usadas pelos partidários de Juscelino e no meio dessa euforia a mais de 50 anos dom Fernando Gomes dos Santos, com o apoio no Congresso Nacional, do Cônego Trindade, então deputado federal, obteve aprovação, na Câmara dos Deputados, para a criação da, então, denominada Universidade de Goiás. Mais tarde, na gestão de seu terceiro reitor, o padre Cristóbal Alvarez Garcia (1968-1973), mudou-se o nome para Universidade Católica de Goiás. Cordeiro relatou:

Em 1948, no final do I Congresso Eucarístico Nacional, realizado em Goiânia, uma declaração de Dom Emanuel Gomes de Oliveira, arcebispo da arquidiocese de Goiás, na presença de Dom Jaime Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro e do governador do Estado de Goiás, Coimbra Bueno, anunciava a idéia de se criar uma Universidade Católica em Goiás. No mesmo ano foi criada a Sociedade de Educação e Ensino de Goiás que tinha por objetivos: a) superintender e dirigir os estabelecimentos de ensino secundário, profissional e primário da Mitra Diocesana; b) instalar e manter a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras e fundar a Universidade do Brasil Central. O projeto de criação da Universidade foi estruturado em parceria com o Estado de Goiás, mas não chegou a se concretizar porque o Estado se afastou, alegando falta de recursos. A Igreja reassumiu sozinho o projeto, naquele momento a partir da vontade da hierarquia eclesiástica, com a finalidade de inserir-se no ensino superior nacional, somada a decisão da Arquidiocese de efetivar a criação da instituição. (CORDEIRO, 2010, p. 55,56)

Com a Proclamação da República no Brasil, em 1889 a Igreja Católica deixou de ser religião oficial do Estado brasileiro, mas demonstrava interesse em se inserir na educação fundando outras Universidades (citadas anteriormente) e pleiteando mais uma Universidade Católica para o Centro-oeste do país. Mesmo não contando com uma parceria com o governo goiano, que alegou falta de recursos, continuou avante com o projeto da Universidade ligada a ela no Estado.

Havia um bom relacionamento entre a Igreja e o governo de Juscelino Kubitschek. Em 17 de outubro de 1959, o Decreto presidencial n. 47.062 criou a Universidade de Goiás, a primeira instituição de ensino superior do Brasil Central (CORDEIRO, 2010, p. 59).

A UCG, hoje PUC Goiás, continua sendo uma Universidade conceituada no estado e sua estrutura ao longo dos tempos foi se multiplicando. Hoje, conta com aproximadamente sessenta cursos oferecidos para cerca de 20 mil alunos. Sua parceira, e às vezes concorrente, Universidade Federal de Goiás surgiu praticamente na mesma época, pouco mais de um ano depois.

O movimento que deu vida a Universidade Federal de Goiás (UFG) no Estado de Goiás vivia o mesmo contexto da fundação da Universidade Católica. A Universidade Federal de Goiás foi criada no dia 14 de dezembro de 1960 com a reunião de cinco escolas superiores que existiam em Goiânia: a Faculdade de Direito, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola de Engenharia, o Conservatório de Música e a Faculdade de Medicina. A partir desta data, Goiás passou a formar seus próprios quadros profissionais e a não depender de mão-de-obra qualificada vinda de outras regiões do país. Para os jovens goianos isso significou oportunidade de formação profissional e intelectual em uma instituição pública, gratuita e de qualidade. Foi um marco na história do Estado. O reitor da Universidade Federal de Goiás Eduard Madureira Brasil comentou sobre a criação da entidade, no site oficial da UFG, onde relata:

No entanto, essa vitória da sociedade goiana foi antecedida por um processo que demandou grandes esforços por parte de professores e estudantes da época. Em 1959, os docentes das cinco escolas que constituíram a UFG na sua fundação formaram a “Comissão Permanente para a Criação da Universidade do Brasil Central”, presidida pelo professor Colemar Natal e Silva, então diretor da Faculdade de Direito de Goiânia. O objetivo da comissão era formular um projeto de criação da universidade e entregá-lo ao Congresso Nacional. Em paralelo a mobilização dos professores, os estudantes goianos promoveram um movimento vigoroso pela criação de uma universidade pública, a ser mantida pelo governo federal. Eles criaram, em abril de 1959, a Frente Universitária Pró-Ensino Federal, que promoveu reuniões, audiências e debates com autoridades em assembléias ou congressos estudantis, e organizaram passeatas e comícios reivindicatórios. O projeto dos professores foi elaborado e, acrescido de colaborações dos parlamentares goianos, transformou-se em lei no Congresso Nacional. A assinatura do decreto foi feita presidente Juscelino Kubitschek, no dia de 18 de dezembro de 1961, em uma cerimônia realizada na Praça Cívica que reuniu milhares de pessoas, demonstrando o anseio da população de Goiás pela criação da universidade. A aula inaugural ocorreu no ano seguinte, no dia 07 de março, em solenidade que lotou o Teatro Goiânia. (www.ufg/)

Podemos observar nas palavras de Eduard Madureira que o movimento pró Universidade não envolveu apenas quadros da política em Goiás, mas também uma parte da sociedade como professores e estudantes.

Apenas no início dos anos setenta surgiu em Goiânia a Faculdade Anhanguera, que em 2004 o MEC a reconheceu como Centro Universitário (Uni Anhanguera).

2.2 Neoliberalismo em Goiás: mudanças na educação

Nas três décadas seguintes a criação da UCG e da UFG, elas eram as únicas Universidades de Goiânia e de Goiás. O processo de fundação e reconhecimento de uma instituição de ensino superior no Brasil sempre foi lento e burocrático, principalmente se tratando de Universidade. De 1980 a 1986, em todo o Brasil, foram criadas apenas quatro Universidades públicas e sete privadas. Porém a política de privatização do ensino superior, que já era uma realidade no início dos anos de 1990.

A partir da clara adoção da política neoliberal no Brasil, as mudanças no mercado não demoraram a acontecer, não sendo diferente na educação. As mudanças na educação no Brasil e em especial em Goiânia denunciavam a implantação de tais medidas liberais na economia do país. Segundo Darcy Cordeiro (2010 p.46), em 1980 havia no país 45 Universidades públicas e apenas 20 Universidades privadas, porém pouco mais de uma década depois em 1992 o número

de Universidades privadas aumentou mais do dobro, pois passou a contar com 46 instituições, enquanto as públicas chegaram a apenas a 60 instituições.

Na América Latina, o Chile foi o primeiro país a assumir a volta de uma política econômica nos modelos preconizados por Adam Smith de incentivar e priorizar a iniciativa privada. No Brasil, nos primeiros meses do governo de Fernando Collor, iniciado em 1990, também já se demonstrava uma tendência que se confirmaria no final de seu governo dois anos mais tarde: abertura para o capital estrangeiro e também a adoção de medidas neoliberais. No dia 18 de novembro de 1991 em reportagem do jornal o Popular, o Jornalista Lula Marques escreveu matéria confirmado essa tendência da política econômica:

Embora tenha colocado em prática pouco do que prometera durante a campanha eleitoral, o presidente Fernando Collor de Melo implantou de vez o neoliberalismo como fundamento da política econômica do governo. Na pior das hipóteses, admitem seus críticos, ele pelo menos deu início a um aceso debate em torno dessas idéias. Algumas delas foram levadas à frente, com a redução da interferência do Executivo nos preços e o reatamento com os credores externos. Detestado pelos empresários, o Centro Internacional de preços (CIP), foi sepultado definitivamente pelo governo Collor, que hoje só acompanha a planilha de um resumido número de produtos. Ainda persistem, contudo as críticas quanto ao gigantismo do setor público, que Collor agora prometera atacar. Até agora, algumas das medidas adotadas na campanha de 1989 foram colocados em prática. Exemplo: a redução do número de Ministérios, do funcionalismo e o programa de privatização, que já transferiu oito empresas para o setor privado.

(Jornal O Popular, Caderno de Política, p. 1).

As discussões em torno de conceitos cruzaram os séculos e está registrado em infinitas fontes históricas espalhadas pelo mundo afora. Isso não é diferente se tratando de neoliberalismo, pois, os conceitos vão se multiplicando. Porém fica muito claro o aumento do numero de instituições privadas no ensino em todo o país após a adoção de tais medidas liberais. De acordo com a lei da oferta e procura, é natural que cresça o número de escolas privadas, pois elas surgem de acordo com a própria demanda do mercado. A adoção do neoliberalismo no país mexeu com a estrutura do mercado também de toda uma sociedade. O neoliberalismo

[...] quer um estado sem projeto e sem espaço nacional, totalmente submisso às leis do mercado. Não quer um Estado preocupado com o bem comum de toda a população e empenhado em garanti-lo, inclusive porque não acredita nele. Pretende reduzi-lo a um mero policial, encarregado tão somente de vigiar e fazer cumprir as normas estabelecidas. Não lhe atribui nenhuma responsabilidade além das de um árbitro, encarregado de fazer observar o jogo. (GREGÓRIO, 1995, p. 35)

A partir dos anos oitenta, o modelo neoliberal adotado nos Estados Unidos e Inglaterra tornaram-se dominantes no mundo capitalista. Durante esse período, a regra da economia seria privatizar as empresas estatais e diminuir a intervenção do Estado na economia. No Brasil, as primeiras mudanças tiveram início no governo de Fernando Collor de Melo (1990/1992). O país se adequava à nova realidade do neoliberalismo mundial. O novo presidente da República entendia a diminuição do papel do Estado, o que incluía a defesa do livre mercado, privatizações, abertura para importações.

A partir de 1970, as instituições particulares no Brasil ultrapassaram as públicas em número de alunos matriculados (Ribeiro 2010 p. 45). Essa tendência aumenta consideravelmente a partir de 1990, com o presidente eleito Fernando Collor de Melo com uma economia claramente liberal.

Como não poderia deixar de ser, em Goiás não foi diferente. As instituições de ensino privado em geral cresceram numa velocidade muito mais acentuada do que o número de instituições públicas, sendo também esse o retrato do período de nossa pesquisa.

Não ocorreram grandes manifestações contra as privatizações e a implantação de uma política neoliberal no Brasil, em alguns casos de protestos e confusões nas ruas, nas portas de empresas que estavam sendo privatizadas eram normalmente de funcionários da própria empresa em busca de respostas sobre os rumos das negociações e o futuro dos mesmos. Eram protestos momentâneos não houve um movimento organizado ou consistente como ocorrera no país em um passado muito próximo, como a luta pela abertura política no final dos anos de 1970, o movimento das “Diretas Já!” em 1984 e um outro movimento contemporâneo à implantação do neoliberalismo, o “Fora Collor”.

Nos sites oficiais da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) não há registro de movimentos organizados por essas entidades na luta contra a implantação de uma política neoliberal no país. Não estou afirmando que tais entidades e suas direções eram a favor ou contra tal política, mas sim demonstrar como foi à reação das entidades representantes dos estudantes e também dos trabalhadores em relação às privatizações em todo o país. No próprio site da CUT está registrada a afirmação de tal imobilismo, em sua página “CUT NACIONAL. CRONOLOGIA DE LUTAS” (www.cut.org.br) a entidade explica que ali está registrado uma cronologia das principais lutas e mobilizações de âmbito nacional organizadas pela Comissão Nacional Pró-CUT e pela própria CUT. Nessa cronologia está registrado que de 1990, ano que teve início o governo de

Collor, até o dia de seu impeachment, não consta nenhum plano e nem informações sobre a luta contra o neoliberalismo liderada pela entidade.

No caso da UNE, não é muito diferente. De acordo com artigo publicado em 14 de março de 2008, pelo então diretor de Movimentos Sociais da entidade Juliano Medeiros:

Pouca coisa foi feita contra o neoliberalismo. Nos anos 90, o movimento estudantil, assim como grande parte dos movimentos sociais, atravessou um refluxo de lutas e mobilizações. A partir do "Fora Collor", em 1992, as entidades nacionais deram poucas respostas aos ataques do neoliberalismo à educação pública. Mesmo em momentos de maior acirramento, como na greve das universidades federais em 1998, a direção da principal entidade nacional dos estudantes, a UNE, pouco fez para garantir a direção política do movimento. A ofensiva neoliberal provocou efeitos devastadores sobre a juventude brasileira. Os índices de participação política dos jovens são decrescentes e a crise do movimento estudantil – que não se resume a uma "crise de direção" – teve efeitos dramáticos. Os valores e práticas dominantes disseminam-se pelo movimento estudantil, provocando um processo de cooptação e burocratização que compromete uma geração inteira de lutadores e lutadoras. (www.une.com.br)

Sem dúvida ocorreram manifestações contra a política de privatizações que ocorriam no governo de Fernando Collor, porém não foi um movimento de luta organizado, as mudanças então se processavam e os efeitos provocados principalmente na educação eram arrasadores. As passeatas a favor das eleições para presidente no país no final do regime militar no Brasil acabaram mobilizando praticamente todo o país, desencadeando o movimento chamado “Diretas Já!”. As manifestações pró impeachment do presidente Collor foram muito debatidas pelas entidades estudantis e operárias, com uma repercussão positiva e favorável a tais movimentos. Entretanto, o mesmo não ocorreu na luta contra as privatizações e consequentemente contra a implantação do neoliberalismo no Brasil.

A imprensa sempre teve um papel importante na consolidação da democracia no Brasil e também em diversas partes do mundo. No governo de Dom Pedro I já estava atuando no país, registrou e emitiu opiniões nos momentos de euforia, de crises, guerras, tragédias. Gozou de liberdade em partes de nossa história e também foi silenciada em tempos mais nebulosos, como no período do Estado Novo, entre 1937 a 1945. Também nos “anos de chumbo”, com a ditadura militar instalada em 1964, onde por mais de vinte anos encontrou sérias dificuldades de emitir livremente suas opiniões.

Vigiada ou independente a imprensa registrou nossa história através dos sons das ruas, das mais diferentes imagens captadas pelas lentes das máquinas de filmagens ou de fotografias, de opiniões de seus editores e mesmo dos personagens anônimos ou de verdadeiros

mártires. Com a abertura política no Brasil, a partir do início dos anos de 1980 e com a garantia de liberdade da mesma assegurada pela Constituição Federal de 1988 (CF/88), a imprensa registrou entre outros acontecimentos importantes a participação da juventude brasileira, através do Movimento Estudantil ou não, no movimento que exigia a saída de Fernando Collor de Melo da presidência do Brasil.

Fizemos uma busca sobre as representações da mesma em relação ao movimento estudantil na época e também sobre a juventude “cara pintada”. Ao analisar jornais de uma época, todavia, certos cuidados se fazem necessários:

As possibilidades de utilizar jornais como fontes históricas são múltiplas: a análise dos conteúdos das notícias, da forma como são apresentadas as notícias, as fotografias etc. e de como esse conjunto de informações está distribuído nas diversas partes do jornal, entre outras.

Para a análise do conteúdo, tem sido importante a reflexão sobre a autoria dos acontecimentos, dando destaque ao papel do jornalista como agente significativo na criação de fatos históricos. O jornal, como veículo de comunicação fundamental na sociedade moderna, exige igualmente tratamento bastante cuidadoso quanto à análise externa, devendo ser considerado como objeto cultural, mas também como mercadoria, como produto de uma empresa capitalista.

[...] O importante no uso de textos jornalísticos é considerar a notícia como um discurso que jamais é neutro ou imparcial. A veiculação das notícias e informações, com ou sem análise do jornalista, precisa ser apreendida em sua ausência de imparcialidade, para que se possa realizar uma crítica referente aos limites do texto e aos interesses de poder implícitos nele. (BITTENCOURT, 2004, p. 335)

Na realização desse tipo de trabalho é importante saber utilizar jornais como fonte histórica, porém com os cuidados enfatizados por Bittencourt.

3. OS “CARAS PINTADAS” E AS REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA

As primeiras manifestações contra o governo de Fernando Collor de Melo surgiram em todas as partes do país assim que as primeiras acusações de corrupção foram feitas. Vários seguimentos sociais tomavam as ruas de diversas cidades espalhadas pelo Brasil manifestando sua indignidade e gritando contra as falcatruas do então governo. Donas de casa, desempregados, operários, estudantes, pessoas de todas as classes sociais se encontravam nas ruas engrossando o cordão do “Fora Collor”. As manifestações aumentavam na medida em que as acusações e provas também aumentavam.

Já nas primeiras manifestações, os estudantes se destacavam com suas caras pintadas e muita irreverência. Logo já eram chamados de os “Caras Pintadas”. Muito se discutiu na época se a participação da Juventude “Cara Pintada” nas ruas foi importante para pressionar o congresso a votar o impeachment do presidente Collor ou não.

Hoje, quase vinte anos depois, fomos buscar informações na imprensa da época, na tentativa de mapear as representações acerca dos estudantes antes, durante e depois do afastamento do presidente. Buscamos revistas de circulação nacional e em jornais locais de Goiânia. Levantamos a questão se a imprensa influenciou a juventude estudantil a tomar as ruas. Era um movimento isolado ou foi um movimento que teve forças e se mostrou portador uma postura subversiva capaz de transformar a realidade da época? Ao longo das leituras dos jornais e revistas da época pode-se perceber também um espaço pequeno dedicado ao movimento estudantil e aos “rebeldes de cara pintadas”.

Segundo suplemento especial do jornal O Popular de Goiânia sobre o impeachment do presidente Collor do dia 30 de setembro de 1992:

As manifestações a favor da renúncia ou do impeachment do presidente Collor tiveram início dia 11 de agosto, quando milhares de estudantes secundaristas e universitários saíram as ruas de São Paulo. De caras pintadas, com bandeiras coloridas exigiam a queda de Collor cantando e dançando ao som de “Alegria, Alegria”. Foi a primeira grande manifestação popular contra o governo, organizada por várias entidades estudantis entre elas a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Com a passeata, os estudantes retomaram o papel de destaque nas grandes manifestações realizadas no país. (Suplemento especial, 1992, p. 11).

De acordo com a reportagem do jornal O Popular, nas primeiras manifestações ocorridas em São Paulo, já havia a presença de caras pintadas cantando músicas que lembravam os protestos dos anos de 1960 e 1970 e também bandeiras da União Nacional dos

Estudantes (UNE) e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Porém, neste suplemento de mais de vinte páginas em meio a dezenas de fotos de jovens com os rostos coloridos, somente a citação acima fazia referência à participação dos estudantes e de tais entidades, no restante do referido suplemento ficou restrito a se dirigir aos estudantes com as caras pintadas de alegres, irreverentes. Tal suplemento mostrou a trajetória de Collor na política e na presidência até a data do impeachment. O jornal não faz referência da importância ou não da participação da “juventude cara pintada” e nem de um movimento estudantil que tentava se organizar tal processo.

A revista *Veja* em sua edição número 1249 do dia 26 de agosto de 1992, a um mês do afastamento do presidente, assim como o jornal *O Popular* também faz breves comentários sobre a “juventude cara pintada”, reservando pouco espaço aos mesmos e a importância do Movimento Estudantil no período. Também faz comparações com outros momentos da história do país onde os estudantes deixaram um legado de lutas políticas muito marcantes. A revista *Veja*, por mais de quarenta anos sendo editada no país, tem uma circulação nacional e em algumas cidades importantes tem uma influência maior do que os próprios jornais locais. Segundo a revista em reportagem intitulada “Inconsciente Coletivo”:

A campanha pelo Petróleo é Nosso, por exemplo, foi patrocinada por Getúlio Vargas. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que terminou na queda de João Goulart, contou com o auxílio de governadores e da igreja, que conspiravam com as baionetas de 1964. A campanha pelas diretas já de 1984, alimentou-se de assembleias minguadas até que os governadores e de Ulisses Guimarães ocupou a cena. Os protestos de 1992 chegaram às ruas sem o apelo de um único governador, sem a liderança de nem um partido político e nem de oposição. As manifestações pelo impeachment não tem apoio oficial nem estão marcadas por confrontos entre doutrinas. (p. 34)

Em todos os momentos históricos citados na matéria acima a UNE estava presente, e no processo de afastamento do presidente Collor também. Chamo a atenção para a participação do Movimento Estudantil nos citados momentos, para a revista às vezes um líder como Getúlio torna-se mais importante em uma campanha do que parcela desse povo que saía às ruas, como os estudantes.

Existem opiniões diferentes da apresentada pela revista *Veja*, como é o caso de Angélica Muller¹ em artigo publicado em 1º de junho de 2007 em comemoração aos 70 anos da fundação da UNE para EstudanteNet. Segundo Muller:

¹ MULLER, Angélica. É doutoranda em História Social pela USP e coordenadora-técnica do Projeto Memória do Movimento Estudantil. p.

A campanha pela autonomia brasileira na área petrolífera foi uma das mais polêmicas da história do Brasil republicano. De 1947 a 1953 o país dividiu-se entre os "nacionalistas", que achavam que o petróleo deveria ser explorado exclusivamente por uma empresa estatal brasileira; e os chamados "entreguistas", aqueles que defendiam que a prospecção, refino e distribuição deveriam ser atividades exploradas por empresas privadas estrangeiras que dominavam tecnologias mais modernas. Estes últimos tinham forte representação na grande imprensa. Foi juntamente com militares ligados ao general Horta Barbosa, forças de esquerda e boa parte da sociedade que a UNE encabeçaram a campanha "O Petróleo é Nosso!". O nome da campanha surgiu no colégio secundarista Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, onde estudantes passaram a escrever palavras de ordem em favor do monopólio estatal. (www.estudantenet.com.br)

Não foi apenas o processo de afastamento do presidente Fernando Collor que gerou discussões e polêmicas sobre a participação do Movimento Estudantil em momentos importantes de nossa história, como podemos observar nas opiniões citadas.

Opiniões divergiam e divergem ainda sobre a campanha "Fora Collor". Todas as revistas Veja e os jornais de Goiânia com maior circulação como O Popular e o Diário da Manhã, lançadas um mês antes e um mês depois do afastamento de Fernando Collor de Melo se referia ao impeachment do presidente, porém poucas falam do Movimento Estudantil e dos caras pintadas. Nesses referidos órgãos percebe-se claramente o pouco espaço reservado ao movimento estudantil do período e em alguns casos quando escrevem sobre o assunto comparam o movimento a outros acontecimentos históricos do passado, especialmente a 1968. Em alguns casos, as lideranças como Getúlio Vargas, citado anteriormente, ou outras pessoas menos expressivas acabam na visão da imprensa como sendo mais importantes para um movimento, como o "fora Collor", do que os próprios estudantes que diariamente marcaram sua presença nas ruas em protestos.

Um dia após a aprovação do impeachment a revista Veja publicou uma edição especial dedicada ao processo que levou ao afastamento do presidente com manchetes na capa do tipo: "a revolução que derrubou Collor", ou "o estouro da quadrilha que tomou o Planalto". Trata de diversos assuntos do agora ex-presidente, são mais de 50 páginas na revista, onde a trajetória política de Collor ocupa mais espaço do que o dispensado ao movimento organizado pelos estudantes em todo o país. Em uma outra reportagem, sobre seus carros e seu estilo de esportista ganharam mais páginas do que as mobilizações estudantis em todo o Brasil. Nas páginas 24 e 25 da revista a maior parte é de fotos onde se percebe claramente a presença absoluta de jovens estudantes com as caras pintadas, porém as únicas referências a eles são

legendas do tipo: “juventude sorridente, cartazes divertidos e criatividade, bonecos frases, rostos pintados”. Além de se referirem as palavras de ordem da época como “musiquinhas”, a única frase destacada pela revista em meio a centenas delas foi: “a imprensa denuncia, a CPI apura e o povo derruba”. A revista classifica essa frase como que a “descoberta do ano” (!).

Tanto a revista *Veja* quanto os jornais *O Popular* e o *Diário da Manhã* fazem comparações do movimento estudantil de 1992, ano do impeachment, com as manifestações de 1968. De acordo com a *Veja*:

Diante do sucesso da minissérie *Anos Rebeldes*, foi inevitável que surgissem comparações com as passeatas estudantis que marcaram o ano de 1968. Nada mais diferente. Na ocasião os estudantes enfrentavam uma ditadura militar, que os reprimia com soldados, cassetetes, cachorros adestrados, bombas de gás lacrimogêneo. Em 1992, o Brasil vive numa democracia no qual se permite bradar contra rouba-lheiras, com as autoridades de trânsito desviando o tráfego de veículos para abrir caminho a manifestantes protegidos a distância pelas forças policiais. “Se cada época tem seu som, o de 1968 vai ser encontrado nas ruas, em meio aos ruídos de bombas, cascos de cavalo, sirenes”, escreveu o jornalista Zuenir Ventura, em seu livro *1968 – O Ano que Não Terminou*. O som de 1992 é outro. (1992, p. 25)

Para a *Veja*, eram realidades diferentes e quando cita a opinião do jornalista e escritor Zuenir Ventura também se pode perceber em sua opinião que eram realidades diferentes, com motivos distintos.

Por outro lado, há outras opiniões na própria imprensa que diferem das apresentadas pela revista. Nas palavras do jornalista Renato Dias, do jornal *Diário da Manhã*, em artigo do dia 02 de setembro de 1992 com o título “Estudantes reeditam 68”:

[...] Os estudantes sublevam-se em cadeia. No Brasil a UNE e a UBES são colocados na clandestinidade. As manifestações não param. A juventude vai as ruas protestar contra os atos institucionais em 1964 e 1965. Denunciam a destruição das prerrogativas do Legislativo e o fortalecimento do Executivo. Reivindicam mais verbas para o ensino, pesquisa e extensão. O governo acena com a Reforma Constitucional (1967) e a Reforma Universitária (1968). Veio 68. O Brasil vira de ponta-cabeça. Com os cabelos compridos, a barba para fazer, jeans surrado e um monte de idéias na cabeça, protagonizaram a desobediência civil. A ditadura reprime as manifestações. Mata estudantes. Edson Luís de Lima Souto, no Rio. Ornalino Cândido, em Goiânia. Os estudantes respondem com bolas de gude, pedras e coquetéis molotovs. Suas canções de protesto ameaçavam derrubar sólidos Estados. A repressão acena para a paz dos cemitérios: censura, fuzis, canhões, cargas de cavalaria, cárceres, tortura.

O Congresso da UNE caiu em outubro. A conspiração Pára-SAR veio à tona. O AI-5 surgiu como raio em céu azul. 68 partiu em pedaços. A utopia recorreu às armas. Não durou muito tempo e a ditadura venceu. O saldo oficial foi trágico. Os vinte anos de autoritarismo deixaram suas marcas indeléveis. A principal foi à destruição da noção de cidadania. Os estudantes “carapintadas” que invadem as ruas do “Brasil Novo” exigindo a renúncia ou impeachment de Collor reeditam 68 (guardando as diferenças históricas) e recuperam a cidadania perdida. (DM Revista p.17)

O título da matéria e a frase no final do artigo afirma que os estudantes reeditaram 1968. Mesmo usando a frase entre parênteses, onde coloca “guardando as diferenças”, não aprofunda exatamente quais. Existem diversas diferenças e o contexto de cada período é distinto. Em 1992, não havia o Ato Institucional de número cinco (AI-5) e nem a utopia das armas citas por Renato. A opinião do jornalista estava longe de ser uma unanimidade, pois no mesmo jornal que publicou sua matéria também foram registradas opiniões divergentes da sua.

No dia 14 setembro, 12 dias após a publicação do artigo de Dias e no mesmo jornal, o então Secretário Geral nacional do Partido dos Trabalhadores - com participação nas revoltas estudantis de 1968 - José Dirceu, em entrevista, respondeu a duas perguntas relacionadas aos movimentos dos anos de 1960 e do ano de 1992. Suas respostas servem para uma comparação com as opiniões da revista Veja e com o artigo citado do próprio jornal Diário da Manhã:

D M – Os estudantes que foram as ruas exigir a renúncia ou o impeachment de Collor reeditam 68?

José Dirceu – Não. Existem diferenças históricas. 68 era uma revolução cultural. Uma revolução de comportamento. Uma revolução mundial. Nós lutávamos junto com os estudantes de Paris, de Roma, de Frankfurt. Lutávamos contra a guerra do Vietnã. Éramos influenciados pelo guevarismo, pelo maoísmo. Havia na verdade uma ditadura que tinha fechado os partidos, a imprensa, os sindicatos, as instituições funcionando. A juventude de hoje protagoniza um fato histórico ao sair às ruas contra Collor, mas não reeditam.

DM – Qual o elo do Dirceu de 68 com o Dirceu de 92?

José Dirceu – A luta pela democracia e a luta do Brasil por uma sociedade igualitária e justa. Eu lutava em 68 contra a ditadura e hoje nós lutamos pelo alargamento da democracia. Essa é uma diferença fundamental. (Caderno Política p. 14)

As opiniões divergem de um veículo de comunicação para outro e também de pessoas da própria imprensa. Claro que é comum pensamentos diferentes sobre assuntos polêmicos como a história do movimento estudantil. O jornal Diário da Manhã do dia 02 de setembro de 1992, menos de um mês do impeachment do presidente Collor, entrevistou algumas lideranças do movimento estudantil de Goiânia questionando-os sobre semelhanças ou não do movimento estudantil das décadas de 1960 e 1970 com o movimento estudantil que exigia a saída de Collor. O assunto foi abordado com o seguinte título: “o Movimento Estudantil ontem e hoje”.

Para o estudante de direito, e então presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Goiás Jaime Brasil Filho:

Na década de 60 havia aquela efervescência em todos os níveis; era a luta por um mundo que não dava mais respostas. Hoje conservamos essa consciência, mas com outras características. A juventude mudou e vivemos outro contexto. Hoje “existe menos policiamento menos sectarismo”. (DM Revista 1992 p.1)

Para Marcos Elias, então presidente da União Estadual dos Estudantes de Goiás (UEE-GO), “a diferença está na forma com que os jovens se manifestam, hoje somos mais espontâneos. A juventude está contribuindo de maneira mais criativa”. (DM Revista 1992 p.1)

Flávio Rodovalho, estudante do 4º ano do curso de Direito da UCG e presidente do Centro Acadêmico XI de Maio (Caxim) diz que: “Ontem era mais solidário, mais paixão. Hoje são mais propostas e política saudável em função do processo histórico”. (DM Revista 1992 p.1)

Escolher qual das idéias acima é a mais convincente é o mesmo que fazer o papel de árbitro. Não é essa a função do historiador. O que podemos evidenciar é que as representações, independente do período, que o Movimento Estudantil gera são polêmicas. Dirceu afirmou que era influenciado pelo guevarismo, o maoísmo e que lutavam junto com outros movimentos espalhados pelos Estados Unidos e a Europa, natural, pois esse era o contexto da época. Em 1992 o Brasil não vivia uma ditadura militar como em 1968 e a Revolução Cubana e Chinesa já não eram vistas da mesma maneira que nos anos de 1960. As últimas grandes manifestações com passeatas, o povo nas ruas, anterior ao processo de impeachment de Collor ocorridas no Brasil foram em 1984 com a campanha das “Diretas já”. O Movimento Estudantil não acabou ou desapareceu durante o governo de José Sarney. Não ocorreu um grande acontecimento que pudesse de certa forma insuflar a massa para que essa tomasse as ruas. Todo movimento sofre algum tipo de influência, os estudantes de 1992 nas ruas foi influenciada pelas acusações de corrupção no governo de Fernando Collor de Melo amplamente divulgada pela mídia nacional.

A citada minissérie *Anos Rebeldes* pode até ter influenciado parte dos jovens que foram as ruas, mas seria arriscado afirmar que a juventude em sua totalidade sofrera dessa influência principalmente porque o movimento estudantil no país não havia acabado apenas vivia uma realidade diferente dos outros períodos citados.

O presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1992 era o estudante de medicina da Universidade Federal da Paraíba Lindberg Farias. Sobre o assunto Farias se manifestou:

"Tinha os dois lados e os outros diziam que foi a TV Globo que fez as passeatas, mas na verdade, não foi uma coisa nem outra... Porque veja bem, ninguém podia imaginar que aquela minissérie fosse mexer tanto com o romantismo da juventude, mas a gente soube aproveitar isso. Você sabe como é o cartaz que a gente fez? Nós montamos um cartaz: 'Anos Rebeldes, próximo capítulo: impeachment'. E sabe qual era o meu discurso? 'Pessoal, a juventude e os estudantes desse Brasil já lutaram muito, lutaram contra a Ditadura Militar e nós temos que voltar às ruas', e aquilo era como se uma minissérie tivesse dado uma breve aula de história do Brasil, tivesse massificado a história do Brasil, é um negócio impressionante. E você sabe que aquilo influenciou tanto que as passeatas do impeachment tinham esse negócio de ditadura, com a história da resistência e com o papel dos estudantes, que é como se tivesse aflorado também a história do movimento estudantil. Então, nós soubemos aproveitar muito bem aquela minissérie ali para estimular o romantismo e ninguém podia imaginar que isso caiu como uma luva, no momento. A gente pegou os 'Anos Rebeldes' ali e puxou para aquele momento, pois isso estava muito presente na cabeça da juventude". (Tatiana Matos Rezende. www.mme.org.br)

O fato de a referida minissérie ter sido exibida pela Rede Globo alguns dias antes do impeachment do presidente Collor repercutiu muito na época e até hoje se discute o assunto. Porém, vale ressaltar que “um ano antes do movimento que pedia a saída do presidente a UNE já encabeçava uma campanha contra o Governo Collor, principalmente, em relação à sua política educacional e contra as privatizações em massa e o mau uso do dinheiro público”. (www.une.com.br)

A grande marca do processo de impeachment do presidente Collor no Brasil em 1992 foi sem dúvida a juventude “cara pintada”, que tomou conta de ruas e noticiários em todo o país com uma grande repercussão nacional. Tudo divulgado na mídia. A Rede Globo que apresentava a minissérie “Anos Rebeldes”² acabou de certa forma contribuindo, talvez não com o próprio movimento em si, mas pelo menos para ampliar a discussão sobre o Movimento Estudantil no início dos anos de 1990 em todo o país.

Nos jornais O Popular e Diário da Manhã e também na revista Veja há algo de comum. Entre tais veículos de comunicação, do dia 1º de setembro, praticamente um mês antes da saída até o dia 30 de outubro, um mês depois de cassado o mandato do presidente, pouco se falou da importância do Movimento Estudantil no processo de impeachment. Esse assunto dominou as principais manchetes e capas dos referidos órgãos, porém com

² Autoria: Gilberto Braga, escrita por Gilberto Braga e Sérgio Marques, direção: Denis Carvalho, Sílvio Tandler e Ivan Zettel, período de exibição: 14/07/1992, 14/08/1992, horário: 22:30 h, nº. capítulo: 20. A partir da referência de livros como 1968, o ano que não terminou, de Zuenir Ventura, e os carboidratos de Alfredo Sirkis, a minissérie anos rebeldes tem como pano de fundo o Rio de Janeiro no conturbado período de 1964 a 1979, quando o país vivia sob ditadura militar (memoriaglobo.globo.com/)

comentários curtos sobre o papel dos estudantes nesse momento tão importante da história do país. Fotos de estudantes com as caras pintadas tomavam conta das ilustrações dos jornais e da revista, mas apenas com breves legendas que destacavam coisas sem importância, como por exemplo: “animados e divertidos”.

Um exemplo de que a imprensa deu pouca importância ao Movimento Estudantil no período pesquisado se confirma em reportagem do jornal O Popular do dia 18 de setembro. Em seu caderno de política, surge uma reportagem com o título “Estudantes nas ruas pedem a saída de Collor”. Nessa reportagem, o pouco que foi escrito dizia: Estudantes invadem as ruas de Goiânia exigindo a renúncia do presidente Collor. Na mesma reportagem, mostra-se uma foto cuja legenda era: Os manifestantes com os rostos pintados gritavam palavras de ordem contra Collor. Na maior parte dos referidos meios de comunicação, as referências em relação ao movimento promovido pelos estudantes eram diminutas. Entretanto, a maior parte das fotos usadas para ilustrarem as reportagens sobre o impeachment era de estudantes com as caras pintadas.

Um outro exemplo parecido com o do jornal O Popular está registrado no jornal Diário da Manhã do dia 08 de setembro de 1992. Na coluna “Nacional”, na página 10, está a seguinte manchete: “Desfile ‘negro’ pede o impeachment de Collor”. Nessa matéria há uma foto de jovens com a cara pintada e a seguinte legenda: “Os cara pintadas voltam às ruas contra o presidente Collor”. Em ambas as reportagens havia várias páginas sobre o impeachment, mas apenas com essas citações sobre a participação da juventude estudantil no “Fora Collor”.

4. DO PRESIDENTE AO REITOR

Em meio às discussões do “Fora Collor”, o movimento estudantil no país conseguiu deixar seu recado, sua marca, para uns influenciados pela mídia, para outros usou a própria mídia para fortalecer o próprio movimento. Em Goiânia, no mesmo período, o Movimento Estudantil na Universidade Católica estava aceso, combativo, atuante e muito longe dos holofotes da Rede Globo e da opinião da grande imprensa. Acabou escrevendo uma parte da história da Universidade e do movimento estudantil em Goiás muito diferente do que somos acostumados no Brasil: uma greve de mais de um mês numa entidade particular.

Afirmamos anteriormente que o espaço reservado por parte da imprensa ao movimento estudantil no Brasil durante o processo de afastamento do presidente Fernando Collor de Melo foi pequeno e com comentários que não retratavam a realidade, porém em relação à greve estudantil na Universidade Católica iniciada no final de setembro de 1992 e que durou todo o mês de outubro contra os aumentos das mensalidades obteve ampla cobertura dos jornais de Goiânia de maior circulação, Diário da Manhã e O Popular, como veremos a seguir.

Em resumo, depois de semanas de negociações entre lideranças estudantis dos Centros Acadêmicos e também do Diretório Central dos Estudantes com a reitoria da Universidade Católica de Goiás, para tratarem de aumentos das mensalidades, as partes não chegaram a um acordo. Comandados por essas entidades, os estudantes em assembleias que normalmente aconteciam no pátio do Departamento de História, Geografia e Sociologia (HGS), próximo dos CAs de História, Letras, Geografia e Pedagogia, decidiram paralisar as aulas da Universidade. Tinha início uma greve com uma duração de mais de mês, algo insólito, pois se tratava de uma greve de estudantes em uma empresa particular.

Antes de analisarmos a história sobre a greve, torna-se necessário uma avaliação de como tudo iniciou. Destacaremos o papel relevante dos estudantes do curso de História que, em 1988, dirigiam o Centro Acadêmico.

4.1 A Juventude Revolução e o Movimento Estudantil na UCG no período 1989/1992

A *Juventude Revolução* era uma tendência petista do movimento estudantil presente em diversos estados brasileiros e com forte influência dentro da UCG. Era formada por

integrantes do PT, entre eles: Robson Crusóé Rosa, Sirlene Morais, Alexandre Nardini e Antonio Marcos. Além desses, o PT contava ainda com outros estudantes distribuídos por outros cursos. Esse número aumentou consideravelmente a partir do início do ano de 1989, quando foi organizada uma chapa para concorrer às eleições nesse mesmo ano do CA de História. A estratégia era arrebanhar o número máximo de calouros para compor a chapa.

Em 1988, no segundo semestre já tinha início a formação de uma chapa para concorrer às eleições no primeiro semestre de 1989. Os estudantes do penúltimo semestre (1988/2) convencidos pelos mais antigos mudaram de posição: não seriam mais cooptados eram cooptadores. Um convite para um chope, para um debate, para uma palestra, uma festa, namoros, tudo servia como estratégias para aumentarem a quantidade de pessoas. O mais usado, claro, eram as conversas no pátio da área II, nas portas dos centros acadêmicos e nos corredores dos departamentos de Filosofia e Teologia (FIT) e de História, Geografia (HGS).

Distinguir um calouro dos veteranos do curso era uma tarefa fácil, pois a referida turma conhecia os professores, alunos novatos, veteranos e funcionários. Em minhas lembranças, fui convidado para uma reunião onde estavam montando uma chapa para concorrer às eleições do CA de História em 1989 por um colega da mesma turma que a minha. Posteriormente, esse amigo, chamado Cláudio Lopes Maia, seria um dos líderes estudantis mais atuantes da Universidade nos quatro anos tratados nesta pesquisa (1989/1992), tornando-se presidente do Centro Acadêmico de História, depois também coordenador do Diretório Central dos Estudantes da UCG e diretor da União Estadual dos Estudantes de Goiás (UEE-GO). Eu, pessoalmente, nem sabia muito bem qual era o papel de um CA, mas fui convencido a participar. Os mais veteranos do movimento estudantil diziam que: “aluno do curso de história que não se interessa por política formava sem saber muita coisa, pois era importante a unir teoria com a prática”, Convencido pelos mais antigos, fui à reunião e sai “pronto” para participar.

A palavra mais usada na época era revolução, a utopia que reinava entre o grupo. Os mais antigos saíam das reuniões cantando palavras de ordem contra o sistema, até o hino da Quarta Internacional era cantado pelos estudantes. Os mais novos, os admiravam, falando igualmente de revolução, de alienação e de mudanças.

Em outras reuniões ficaria definido o nome da chapa que concorreria às eleições para o CA de História no primeiro semestre de 1989: “Lutar é Preciso”. A partir de 1989, a juventude do PT em aliança com outra tendência do movimento estudantil, o PLP,

concorreriam às eleições com uma chapa colegiada, seriam três coordenadores: Alexandre Nardini e Antonio Marcos, do Partido dos Trabalhadores (PT), e Welton Marden, do Partido da Libertação Proletária (PLP). A eleição foi realizada nos dias 11 e 12 de abril de 1989. Após a vitória, os referidos estudantes assumiam o comando do CA de História. Outros estudantes irão entrar ou mesmo sair do movimento, mas a base do mesmo na UCG estava construída e se consolidaria nos anos seguintes, mantendo-se atuante até 1992.

Poucos CAs estavam funcionando na Universidade Católica no final dos anos de 1980 e diversos acervos dessas entidades foram destruídos por seus diretores ou mesmo por descaso. Há certo desinteresse em manter vivo o passado do próprio Movimento Estudantil. Preservar o passado deste movimento significava criar condições de politização mais amplas, contribuindo para a memória histórica, fundamental para qualquer povo ou entidade. Em nossa pesquisa, recorreremos aos arquivos de particulares, de lideranças na época.

Nos registros mantidos pelo ex-coordenador e hoje professor da própria Universidade, Alexandre Nardini, há uma série de documentos relativos ao movimento estudantil. Ali encontramos a carta programa da chapa petista em coligação com o PLP, visando às eleições para o CA de História em abril de 1989, que ilustra o contexto da época. Na capa da carta programa havia o desenho de uma pomba (da paz) com uma arma no bico. De acordo com o próprio Nardini, o desenho significaria que mudanças iriam acontecer, pela paz ou pela radicalização do próprio movimento. A primeira reflexão na carta é intitulada: “A Educação e a UCG” e faz a seguinte avaliação:

Hoje as Universidades passam por uma crise a olhos vistos, devido à total falta de incentivo do “governo federal” que prioriza o pagamento dos juros da dívida externa, deixando para segundo plano as necessidades da comunidade, entre elas, a educação.

Devido a isso a universidade perde seu caráter social, pois passa a ser impulsionada pela iniciativa privada, com o aval do governo, assumindo assim, o papel de empresa, que prioriza o lucro e não o processo de ensino aprendizagem. Como conseqüências constatamos: o aumento abusivo das mensalidades, a implantação do crédito-curso para os calouros, ma remuneração dos professores e funcionários, péssima distribuição do espaço físico, bem como o baixo nível na formação de profissionais, visto que a iniciativa privada visa apenas reproduzir os interesses da classe dominante. (Arquivo particular, Alexandre Nardini -1989).

A carta demonstra que o projeto de luta era por uma Universidade pública de qualidade, mas o governo priorizava o pagamento dos juros da dívida externa. A carta programa também se referia a atitude que os estudantes deveriam tomar:

Lutar é Preciso...

Tendo consciência de todos esses problemas relativos à educação e a UCG, sentimos a necessidade da organização dos estudantes para que juntos possamos lutar, resgatando nossa identidade e combater toda essa estrutura da sociedade. Nesse sentido é necessário que participemos ativamente de nossas entidades (CA de História, DCE, UEE, UNE), para que possamos concretizar nossas bandeiras de luta. (Arquivo particular, Alexandre Nardini -1989)

Chamar os estudantes a participarem das entidades representantes dos estudantes era uma prática muito comum na época, pois esse era o papel dos que dirigia qualquer movimento social naquele tempo. Ainda na mesma carta um trecho de uma música muito tocada na época servia para uma reflexão:

“(...) Será só imaginação?
Será que nada vai acontecer?
Será que é tudo isso em vão?
Será que vamos conseguir vencer (...).”
(Será – Legião Urbana)
(Arquivo particular Alexandre Nardini -1989)

Após a reflexão acima, questionando se conseguiriam vencer, em sua terceira página está registrado o compromisso de luta da chapa caso vencessem as eleições:

- Extinção do sistema de créditos na UCG;
- Melhor distribuição do espaço físico;
- Contra a super lotação nas salas de aula;
- Melhor qualificação do corpo docente;
- Eleições livres e diretas para reitor – URGENTE;
- Aulas práticas e pesquisas de campo para o curso;
- Pela projeção de debates e palestras com historiadores destacados;
- Execução de projeto cultural e esportivo para o curso (melhor aproveitamento do Teatro de Arena e do ginásio de esportes);
- Formação de grupos de estudos – com temas diversos – com os alunos do curso;
- Pelo fortalecimento da União Nacional dos Estudantes – UNE. (Arquivo particular Alexandre Nardini -1989)

Em abril de 1989, nas eleições para o Centro Acadêmico de História da UCG pode-se perceber claramente o descontentamento das lideranças do movimento em relação ao pagamento de juros da dívida externa do Brasil, a falta de uma política pública para a educação e também questionamentos sobre a própria UCG: eleições para reitor, sobre a

qualidade dos professores e dos cursos oferecidos. Essa postura é um elemento importante para relacioná-lo com o próprio Movimento Estudantil e o movimento grevista de 1992 na própria UCG.

Após a vitória da chapa “Lutar é Preciso”, esse grupo vai se revezar no comando da entidade até o final do ano de 1992. Com o passar do tempo, mudaram presidentes, coordenadores e diretores, porém a juventude estudantil majoritária que comandou o Centro Acadêmico por mais de quatro anos seguidos foi a Juventude Revolução, do Partido dos Trabalhadores.

A Juventude Revolução foi fundada no primeiro semestre de 1989, em Curitiba no Paraná, com a presença de líderes estudantis de oito estados do Brasil, inclusive goianos, como os coordenadores do CA de História da UCG eleitos em abril de 1989 Antonio Marcos e Alexandre Nardini e o ex-presidente do mesmo Robson Crusoé Rosa. Em seu primeiro jornal (boletim) informativo, de junho de 1989, defendiam uma greve geral contra o governo Sarney, o não pagamento da dívida externa, a democracia na China e na Polônia, a defesa de Osmarino Amâncio (presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília no Acre) ameaçado de morte pela União Democrática Ruralista (UDR), o fortalecimento das entidades estudantis e uma educação pública e de qualidade em todo o país. Em sua primeira página consta:

Este é o primeiro número do boletim “REVOLUÇÃO”, destinado a discutir questões do movimento estudantil e da juventude. É redigido por estudantes que, durante o último Conselho Nacional das Entidades de Base (CONEB) da UNE, em Curitiba, resolveram organizar-se para defender posições que consideramos essenciais para nosso movimento hoje.

No Brasil, a vitória eleitoral do PT em 88, assim como as greves e mobilizações que não param, mostra que o povo não agüenta mais a situação de miséria e arrocho e vai à luta. Na China, os estudantes deram a largada para um movimento e pelo direito de livre organização, provando a atualidade de luta pelo socialismo.

Estamos em tempo de revolução. É hora de organizarmos nossos combates, de sairmos às ruas, de nos juntarmos aos trabalhadores que lutam pelo socialismo. Apresentamos aqui algumas de nossas idéias. Este boletim terá suas páginas abertas a todos os estudantes e jovens, que como nós, acreditam no livre debate para fazer avançar nossa luta. Participe! (Boletim Revolução, nº 1, junho 1989, p. 1).

As propostas apresentadas no boletim informativo da Juventude Revolução vão apontar as diretrizes do movimento estudantil na Universidade Católica até o final de 1992. Existia oposição à juventude petista nesse período, porém a quantidade de militantes e

simpatizantes que os apoiava era maior e isso influenciava muito. A maior parte das decisões, na época, era decidida através do voto.

Para os estudantes da UCG e militantes da Juventude Revolução, cooptar um novo aluno para fazer parte dos CAS e DCE era só o primeiro capítulo de suas reais intenções. A partir disso, o próximo passo seria então filiar o mesmo no Partido dos Trabalhadores e na Juventude Revolução. As demais tendências do movimento estudantil também tinham as mesmas intenções e as estratégias eram muito parecidas. Contudo, na UCG desse período quem liderava e dirigia o movimento eram os estudantes filiados ao Partido dos Trabalhadores. De 1989 até o ano de 1992, o movimento estudantil na Universidade Católica girava em torno do Centro Acadêmico de História.

Os membros do PT e da Juventude Revolução eram acusados pelas demais tendências do movimento estudantil da UCG de aparelharem o CA de História aos seus interesses e aos do próprio partido. Essa acusação era motivo de muita discussão chegando a alguns casos a ameaças e até mesmo agressões. Porém, a maior parte da diretoria do CA de História eram mesmo filiados ou ligados de alguma forma ao PT.

De dentro do Centro Acadêmico de História saía à maioria das diretrizes do Movimento Estudantil da UCG. A maior parte dos estudantes que participava das reuniões era filiada também à juventude petista. Por diversas vezes, terminavam as reuniões no CA de História, e os estudantes iam para uma nova reunião, dessa vez, dos militantes petistas.

Apesar de contestarem na época e o clima esquentar quando era acusada de aparelharem a entidade estudantil ao Partido dos Trabalhadores, essa era a realidade. A estudante Ana Cláudia Beze, ex diretora do CA de História e que fez parte da comissão de negociação da greve na UCG, em entrevista foi questionada se a Juventude (Petista) Revolução usava no período o CA de História como aparelho político. Ela ressaltou que:

Não. As diferentes correntes e linhas político-partidárias se expressavam e se manifestavam com liberdade e os estudantes se identificavam com aquelas que mais respostas davam aos seus anseios. Apesar disso, havia certa pressão para que os estudantes se envolvessem com estas correntes tanto a nível local como regional e nacional e participassem das polêmicas do movimento, tomando partido para fortalecerem estas correntes. (fevereiro 2011)

O Centro Acadêmico de História nesse período ficava com suas portas abertas na maior parte do dia e também a noite. Nos três períodos, sua diretoria era dividida, sempre em

grupo de três ou mais pessoas mantinham o mesmo funcionando. As portas sempre abertas serviam para impressionar os demais alunos da Universidade, porém não era esse o único motivo, sempre havia algo a ser feito e a militância não parava.

Em entrevista sobre o assunto, o ex presidente do CA de História e também ex coordenador do DCE, Alexandre Nardini, afirma que “O CA era referencia para toda a Universidade ressaltando que até as convocações ao DCE eram entregues no próprio CA, além das carteirinhas da UNE. O CA de História fazia mais que outros CAs de outros cursos

Coordenadores e diretores do CA de História se envolviam também com atividades culturais. Eram realizados diversos eventos como recitais de poesia e shows de músicas de todos os estilos. Era a chamada “Sexta Histórica” com som montado no espaço do lado de fora dos CAs de Geografia, Letras, Pedagogia e História. Poetas iniciantes, duplas sertanejas e cantores de MPB se revezavam no palco montado. Em alguns sábados era realizado, ainda, o “Sábado Cultural”. Mais uma vez, o espaço era dos próprios estudantes para mostrarem seus talentos.

Em diversas ocasiões, cantores goianos já conhecidos eram convidados para os eventos e apareciam, contribuindo para a divulgação. Gilberto Correia, Laércio Correntina (estudante do curso de História na época), Valter Mustafé, Walter Carvalho (Waltinho), Del Meirelles entre outros marcaram presença em tais atividades. A aparelhagem de som era do Departamento do Programa Cultural da UCG. Esses eventos em algumas oportunidades foram realizados na Praça Universitária, porque havia mais espaço.

A repercussão desses eventos era grande. Em algumas ocasiões, as aulas terminavam mais cedo às sextas feiras, professores assistiam e prestigiavam. Nesses dias, durante as apresentações em pequenos intervalos os estudantes eram informados os dias de reuniões do CA e convidados a participarem. Todas as informações sobre congressos, eleições de delegados, passeatas, viagens e manifestações em geral eram comunicados a todos os presentes.

Outro dos eventos promovidos pelo CA de História era o famoso trote nos calouros. O trote era uma grande e animada festa com muita música, chope, sorteios, e claro, discurso político, informes sobre o curso e o papel do CA entre os estudantes. Esse clima repercutia positivamente em todo o Movimento Estudantil na UCG.

Nas reuniões, os integrantes da Juventude Revolução e demais diretores do CA de História decidiram que deveriam fortalecer as entidades estudantis da própria Universidade

Católica e traçaram como objetivo a (re) abertura de todos os Centros Acadêmicos da UCG. A estratégia seria reunir com as diretorias que estavam na frente dessas entidades, analisarem as atas das eleições, o CA que estivesse funcionando de forma irregular deveria publicar edital de convocação para formação de chapas para concorrerem às eleições. O CA que não tivesse diretoria eleita e nem funcionando, deveriam ser abertos.

Entrava, então, em ação os integrantes da Juventude Revolução e também do CA de História. A missão era encontrar estudantes para formar uma chapa em outros cursos para que suas entidades encapassem as lutas por um Movimento Estudantil forte e combativo na UCG. Isso foi sendo feito em todas as áreas e prédios da UCG. Um dos primeiros Centros Acadêmicos reabertos foi o CA de Letras, que ficava no mesmo prédio que o CA de História. O calouro da época, que foi cooptado e posteriormente candidato e eleito presidente da entidade foi Fernando Leite. Este, em uma entrevista (fevereiro de 2011)sobre o assunto, dá essas informações:

Eu me tornei presidente do Centro Acadêmico de Letras, através de um processo eleitoral. Eu entrei na Universidade Católica em agosto de 1989, depois de uma rápida passagem pelo movimento estudantil secundarista, depois de ter voltado de Brasília, onde fui demitido da Companhia de Eletricidade de Brasília por ter participado de uma greve radicalizada. Chegando na universidade, logo procurei o pessoal do PT que militava no C. A. de História e com dois meses já sai como delegado para o Congresso da UNE, representando os estudantes do meu curso. Depois desse congresso voltei empolgado e organizei uma chapa de nome “*Res, non verba*”, que em latim quer dizer fatos, não palavras, para concorrer às eleições do C.A de Letras, que estava sendo presidido por pessoas ligadas ao PMDB e também participei da gestão da chapa UCG MOSTRA A SUA CARA que concorreu às eleições do DCE/UCG no final de 1989.

Praticamente em todas as áreas, em diversos cursos, a Juventude Revolução possuía contatos, às vezes toda a diretoria de alguns Centros Acadêmicos. A oposição existia, mas era pequena. O DCE também era dirigido por integrantes da Juventude Revolução. Fernando Leite confirma essa realidade quando se pronuncia sobre o assunto, ressaltando a influência da Juventude petista no Movimento Estudantil na Universidade Católica de Goiás:

Apesar das inúmeras discussões, reuniões e polêmicas, a minha participação na juventude Revolução foi importante por que foi a primeira organização política que participei e me propiciou um grande aprendizado político, que julgo carregar até hoje. Esta participação serviu para apurar o meu censo crítico e a fortalecer a idéia que organizadamente sempre podemos mais. Era um pequeno grupo unido em seus propósitos, mas parecia ser muito maior do que era realmente. Houve época que nosso grupo disputava em pé de igualdade os delegados para os congressos (UEE, UNE) com a maior organização daquele período, a UJS que era ligada ao PC do B.

As palavras de Fernando Leite, que foi integrante da Juventude Revolução e coordenador do DCE, podem ser confrontadas pelas de outro integrante da mesma tendência estudantil e também foi coordenador do DCE na época, Alexandre Nardini. Quando foi perguntado qual a influência da Juventude Revolução no Movimento Estudantil na UCG no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, não exitou em afirmar: controlava a maioria dos C As, tinha a maioria na executiva do DCE e atuava nas atividades culturais e instâncias da Universidade como (Conselho Universitário) COU e na (Coordenação para Assuntos Estudantis) CAE.

4.2 Eleições no DCE da UCG em 1989

A organização de um movimento capaz de encampar lutas, questionar e mesmo fazer greve em uma Universidade particular tem início com as eleições para diretoria do Diretório Central dos Estudantes (DCE), em 17 e 18 de outubro de 1989. O DCE, antes da eleição, era comandado por sua presidente Rosângela Magalhães de Almeida, que pertencia ao grupo PMDB Jovem de Goiânia. Anteriormente às eleições havia um questionamento que servia para esquentar os debates na época: como um partido de direita pode comandar uma entidade estudantil tão importante? Para os estudantes envolvidos no movimento daquele período O PMDB era um partido de direita e as forças de esquerda deveria se unir para assumirem a direção da entidade. Começa então uma série de reuniões para montarem uma frente de esquerda para cobrarem a realização de eleição para os alunos escolherem uma nova diretoria para dirigir o DCE da Universidade Católica.

O mandato da então presidente do DCE já havia vencido há algum tempo. As tendências do Movimento Estudantil de Goiânia, no período, consideradas de esquerda eram o Partido da Libertação Proletária (PLP), que tinha como líder o estudante de Direito Welton Marden, o Partido dos Trabalhadores (PT) Liderado pelo estudante do curso de História Robson Crusóe e o Partido Comunista do Brasil (PC do B), Gelvani Felipe, então presidente da UEE – Goiás.

As Juventudes estudantis ligadas a ao PT e ao PC do B se uniram, formaram uma aliança que disputaria as eleições com o próprio PMDB de Rosângela Magalhães. Não havendo acordo, o PLP lançou chapa própria. A então presidente lançaria uma chapa para concorrer as eleições com o nome “4 Cantos”. Os candidatos à coordenação foram o Fábio Maurício da Geografia, Lindalva M. Pinheiro da administração e Vladimir Faria do Direito,

além deles outros 13 nomes foram lançados para cargos em secretarias (no total, 82 diretores divididos em nove departamentos, além de uma relação de centenas de nomes de alunos da UCG que constava na comissão de apoio à chapa). Não havia em suas propostas temas polêmicos, porém expressaram o tipo de Universidade que desejavam:

A Universidade que desejamos é aquela que se constitui em um espaço para o livre fluir das idéias. Esta Universidade é terreno fértil para o florescimento de concepções de mundo, ideologias diferentes entre si e sabe garantir a permanência deste seu modo de ser, porque é, conscientemente, harmônica na diversidade. É polêmica. É questionadora, é científica, é intelectualizante, é complexa, plural e dinâmica, contudo, ela conhece a si mesma nesse seu modo de ser e, gosta de ser como é, porque, ela é, sobretudo, livre. Quando a Universidade é compreendida como sendo essa pulsação, esse sopro cultural, ela é mais povo, mais comunidade e ninguém, pessoa ou instituição, pode possuí-la ou atrelá-la. A Comunidade Universitária deve ser senhora do processo de construção de si mesma. Esse processo se realiza nas salas de aula, nas entidades estudantis e Associações, passando pela direção e chegando até a reitoria. Com as conquistas da retomada da democratização na UCG é necessário um perfil do reitor, verdadeiramente comprometido com os anseios da Classe Estudantil. (Carta programa chapa 4 cantos arquivo particular, Alexandre Nardini)

As propostas presentes em uma carta programa demonstram as preocupações e as diretrizes de qualquer tendência do Movimento Estudantil ou de qualquer outro movimento social.

A chapa de oposição e que se considerada de esquerda reuniam os estudantes ligados ao PT e ao PC do B, visto que desta vez, por incompatibilidades políticas, o pessoal do PLP liderado por Welton Marden lançou chapa própria com o nome “UCG NÃO RIMA COM LUCRO”. Era uma chapa colegiada, sendo três candidatos à coordenação, o próprio Marden, o Jeovânio C. Rodrigues da Economia e Willian Fraga Guimarães do Direito. Além dos três coordenadores sua a carta programa contava apenas com mais 19 nomes para compor a mesma. Tal carta apresenta textos com temas variados como falência das Universidades Católicas, a luta para barrarem aumentos, contra o ensino pago e democratizar o DCE. Sobre os aumentos apresentaram a seguinte análise:

O último decreto do governo de “liberdade vigiada” é um violento golpe para excluir ainda mais os estudantes das Universidades. Falar de controle de preços, com os Conselhos Estaduais de Educação sendo encarregados da fiscalização (segundo a legislação), é uma farsa, pois sua composição é dominada direta ou indiretamente por empresários do ensino. Assim a luta necessariamente deve ser contra os aumentos, uma vez que os grandes grupos econômicos são também empresários do ensino. (fragmento da carta programa arquivo Alexandre Nardini).

A chapa da coligação PT e PC do B também eram colegiadas e formadas por três candidatos a coordenação: Renato Dias e Alexandre Nardini do PT e Werbena Moreira do PC do B. Quando dois grupos políticos fazem uma aliança para concorrer a algum tipo de eleição, a tendência mais influente indica pessoas para os principais cargos, porém na Chapa Montada “UCG Mostra Sua Cara”, os três cargos mais importantes eram de coordenadores, então o PT. Com uma base política maior dentro da UCG, acabou-se indicando dois nomes do Partido para concorrerem às eleições e o PC do B apenas uma pessoa. Dentre suas principais propostas se destacavam: a luta por uma educação gratuita e de qualidade, eleições livres e diretas para chefes de departamentos e para reitor. O próprio Nardini em entrevista quando questionado sobre que tipo de aliança política surgiu na UCG na montagem da chapa "UCG Mostra Sua Cara" afirma: “Foi repetida a aliança nacional de apoio ao Lula “frente Brasil popular” (PT, PC do B), porém em termos de tendências do movimento, a configuração ficou assim: Juventude Revolução e Articulação do PT e a UJS/PC do B”.

Em frente ao auditório da área II, do lado de fora do prédio onde se concentrava o prédio do Departamento de Filosofia e Teologia (FIT), havia alguns bancos de concreto, conhecidos pelos estudantes como “chiqueirim”. Era o local mais utilizado para as reuniões das chamadas forças de esquerda.

As chapas inscritas disputaram as eleições em um clima muito tenso, com ameaças e disputas até por espaços nas paredes para pintarem o nome das chapas bem como suas propostas.

No Final das votações, o resultado foi surpreendente, a Chapa “UCG Mostra sua Cara” venceu as eleições em todas as 18 urnas apuradas nos 18 cursos oferecidos pela Universidade. Como as eleições ocorreram na segunda metade do mês de outubro de 1989, o resultado só repercutiria no início do ano de 1990 quando o DCE publicou em março deste mesmo ano o Jornal com resultado final da mesma.

No final do ano passado, mais precisamente dias 17 e 18 de outubro, foram realizadas as eleições para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da qual saiu vitoriosa a chapa “UCG MOSTRA SUA CARA!”. Com uma vitória maiúscula, mais de 70% dos votos válidos, e uma diferença de mais de 2000 votos de frente sobre o segundo colocado, obteve 2757 votos.

Agora passou a euforia e o momento é de lutar. (Jornal DCE, 1990, p. 4)

As eleições que deram as vitórias as chapas “LUTAR É PRECISO” do CA de História e “UCG MOSTRA SUA CARA!” do DCE da Universidade Católica de Goiás

respectivamente, demonstra uma forte influência da Juventude Revolução no Movimento Estudantil da própria UCG. Esse fato se confirma nas eleições para o DCE nos dias 4 e 5 de dezembro do mesmo ano. Dessa vez, a chapa não era colegiada (composta por três coordenadores) e sim, por uma executiva. Mais uma vez PT e PC do B em aliança lançaram a chapa “MANIFESTE-SE” e também os candidatos: Fernando Leite, ex-presidente do CA de Letras e integrante da Juventude Petista Revolução seria candidato a Presidência, enquanto o aluno da Engenharia filiado a juventude estudantil do PC do B Andrey seria o candidato a vice. Venceram as eleições e continuavam dirigindo a entidade estudantil máxima da UCG.

Depois de um ano dirigindo a entidade, no final de 1991 foi lançada mais uma vez uma chapa encabeçada pela juventude petista para concorrer a novas eleições para o DCE – UCG. Com o nome de “RUPTURA” venceram mais uma eleição, e o ex-presidente do CA de História, Cláudio Lopes Maia, seria agora coordenador do DCE no período da Greve dos estudantes na Universidade Católica de Goiás. Fernando Leite comentou sobre o tema:

Depois de uma grande crise na direção do DCE que levaram alguns a defender que não montássemos chapa para concorrer as eleições do DCE e entregássemos a gestão de mão beijada para a turma do PC do B. As coisas se assentaram e fizemos uma boa discussão e organizamos a chapa de RUPTURA, que propunha a democratização das instâncias do movimento e conseguimos agregar muitas lideranças numa chapa colegiada, ou seja, sem a figura do presidente e outros cargos, todos os membros eram coordenadores do DCE, com o mesmo status de direção. Neste ano, nós ganhamos as eleições sem fazer nenhum material mais sofisticado para a campanha. Nada de adesivo ou folder caro! Nosso material de campanha muitas vezes era apenas uma etiqueta escrita a canetinha colorida e uns cartazes feitos de rolos de papel jornal. Fazíamos uma campanha no corpo a corpo e através de muita discussão com os nossos colegas estudantes.

Nesse período, que vai de 1989 a 1992, era muito comum a idéia de que a juventude não se interessava por política, ou que o Movimento Estudantil estava morrendo. Falava-se na crise das entidades, contudo não podemos esquecer que em 1989, Lula era candidato a presidência.

Era a primeira eleição direta após a ditadura militar no país, a abertura política se consolidava. A eleição de Fernando Collor, logo depois o confisco da poupança, as acusações de corrupção, o movimento “Fora Collor” e o impeachment do presidente contribuem para o que ocorreu no Movimento Estudantil da UCG, em 1992.

4.3 Eleições Diretas para reitor ou greve dos estudantes na UCG

Esse movimento de paralisação só foi possível porque o Movimento Estudantil na Universidade Católica era forte, representativo e de lutas intensas. Além de um movimento organizado, outros fatores importantes devem ser mencionados para uma melhor compreensão de todo o processo.

Em 1985, depois de mobilizações contínuas na UCG, Pedro Wilson Guimarães foi eleito pelo voto direto reitor da instituição, tomando posse no ano seguinte. Isso acabou criando uma expectativa muito grande, principalmente entre as lideranças do Movimento Estudantil, de que todos os futuros reitores seriam eleitos da mesma forma. No livro de Darcy Cordeiro, ele fala da eleição, mas não apresenta nenhuma polêmica da época. Apenas comenta: concorreram quatro candidatos, sendo que o professor Pedro Wilson foi eleito pela comunidade. Pedro Wilson acompanhou desde jovem, a trajetória de Dom Fernando e da UCG. Em 1988, Pedro Wilson renunciou para candidatar-se a Prefeito de Goiânia (cf.2010, p. 91)

O comentário de Cordeiro foi pequeno sobre o episódio, porém é possível perceber que a greve desencadeada na UCG em 1992 tem raízes profundas com o passado da própria instituição. Após a renúncia de Pedro Wilson, surgem os primeiros questionamentos e movimentação por eleições diretas para o cargo de reitor, porém o que se viu foi à nomeação do professor Dario Nunes Silva indicado pela Sociedade Goiana de Cultura (SGC) como o substituto de Pedro Wilson.

O Professor Dario Nunes Silva foi designado reitor por Dom Antônio para completar o mandato de Pedro Wilson. A comunidade universitária, que pleiteava uma nova eleição não aceitou. Foi uma gestão muito conturbada. Em seu reitorado estourou uma greve que duraram 55 dias, liderada pela APUC, ASC e pelo DCE. Com a saúde abalada, o professor Dario renunciou em 1989. (Cordeiro, 2010, p. 91,92)

O professor Darcy Cordeiro, no livro que conta a história da PUC 1959 – 2009 não discorre sobre a greve dos professores e servidores de 55 dias, e nem a greve dos estudantes de 1992. Entretanto, em um panfleto editado logo depois da nomeação do professor Dario Nunes como reitor, o Sindicato dos Professores de Goiás – SINPRO, a Associação dos Professores da UCG – APUC, o Sindicato dos Auxiliares da Administração Escolar – SNAAE, a Associação dos servidores da UCG – ASC e o Diretório Central dos Estudantes –

DCE – UCG lançaram uma manifesto com o título: “MANIFESTO À COMUNIDADE: DIRETAS JÁ, NA UCG” com o seguinte conteúdo:

O momento histórico que vivemos não comporta retrocessos e golpes. A nação reclama mudanças estruturais, sem os quais não se constrói uma sociedade democrática e progressista. Nesse processo de avançar rumo à democratização da sociedade, a eleição direta em todos os níveis e em todas as instituições, destacadamente nas de ensino constitui-se em fator primordial.

A Universidade Católica de Goiás, uma das mais importantes instituições de ensino de nosso estado, com destaque a nível nacional, experimentou um rico processo de debate e prática democrática, com a eleição direta para reitor realizada em 1985. Foi indiscutivelmente, a maior conquista democrática da comunidade universitária dessa instituição. Entretanto, a Sociedade Goiana de Cultura – SGC, “mantenedora” da UCG, que, nos momentos políticos decisivos tem se apresentado nesta universidade para intervir e impor retrocessos, aproveitando-se da articulada renúncia do reitor eleito democraticamente, impor de forma arbitrária, antidemocrática e condenável, o nome do professor Dario Nunes como interventor na instituição de ensino.

É inconcebível que a Sociedade Goiana de Cultura se transforme em Colégio Eleitoral, nos moldes usados pelo regime autoritário. Queremos livremente construir a UCG.

- Bionicidade e indiretas nunca mais!
- Bastam de intervenções, Eleições Diretas – Já! (panfleto da época, arquivo Nardini)

Nesse manifesto à comunidade demonstra que o debate sobre eleições diretas para reitoria vinha de meados dos anos 1980, ou seja, contemporâneo das “Diretas Já!” Essa discussão aumenta consideravelmente depois da nomeação à reitoria do professor Dario Nunes. Esse assunto continuou sendo discutido por toda a comunidade universitária, em destaque entre as entidades estudantis CAs e DCE. Em abril de 1990 foi publicado no jornal do DCE – UCG a seguinte análise sobre o assunto:

[...] Em se tratando de democratização, em setembro de 1985 toma posse na reitoria da UCG o seu primeiro reitor eleito pelo voto direto, Pedro Wilson Guimarães, decorrente de um processo intenso de mobilização. Nas próximas eleições, marcadas para abril próximo, a atual gestão do DCE “UCG MOSTRA SUA CARA” encaminha questões que necessariamente serão cobrados dos candidatos tais como:

- Democratização da UCG
- Qualidade de ensino salarial para professores e funcionários.

Esta eleição direta representará uma nova retomada e preparação da UCG para trilhar a última década do século XX e entrar, no século XXI, em outro patamar cultural, científico e tecnológico extremamente avançado. (1990, p. 3)

Em abril de 1990, mesma data da publicação do jornal do DCG – UCG, o professor Ivo Mauri era o reitor. Havia assumido interinamente para completar o mandato do professor Dario Nunes, que já havia sido indicado para terminar o mandato de Pedro Wilson. Todos acreditavam que ao concluir tal mandato, seria realizada uma nova eleição direta para reitor. A Universidade não negava o fato, e o professor Juan, da Engenharia, lançou seu nome como candidato ao cargo. Logo ganhou apoio da maioria das lideranças estudantis e também de boa parte dos alunos.

O professor Juan Bernardino Marques Barrio, então militante do PCC do B estava em campanha eleitoral quando sua candidatura foi impugnada pela Sociedade Goiana de Cultura (SGC). Esse fato repercutiu em toda Universidade para que a SGC voltasse atrás, porém a situação não mudou. Surgiu uma campanha pelo voto nulo liderada pelo próprio Juan que em carta aberta a funcionários, alunos e professores da UCG intitulada “E O VERBO SE FAZ FARSA” manifestou sua indignação:

Ora fio d’água cantado, ora torrente rugidora, a idéia rola, e avassala, e domina. Foi virtude com Buda, amor com Jesus, na Grécia chamara-lhe filosofia e era o conhecimento da causa. Inspirou Spartacus e os escravos e há muito tempo passou por aqui, erguida no alto como uma bandeira branca por aqueles que buscavam o conhecimento e a verdade.

Faz algum tempo que não a víamos! A notícia que nos chegava dava conta de que se encontrava num fundo de um cárcere toda maltrapilha e maltratada. No último dia 27 de abril, esboçou uma reação, na forma de duas candidaturas a Reitor da UCG. Queria participar e contribuir com os debates que eventualmente surgiriam. Sua libertação durou pouco. E, novamente tolhida, despida e amarrada foi atirada ao fosso as 16 horas do dia 10 de maio, pelo ato injusto e parcial da cassação de uma das candidaturas.

Queremos dizer que não perdemos a esperança e, apesar do golpe traiçoeiro que muito nos machucou, caminharemos confiantes no futuro, com a cabeça erguida, pois a História mostrará os equívocos dos atos de exceção.

Continuamos amando esta Universidade, dedicando-lhe nosso trabalho e compromisso social. Temos a mais profunda convicção de que um dia, sucederá à esta longa e escura noite.

Continuamos acreditando que o veto a nossa candidatura exprime apenas parcelas das orientações da SGC para a UCG, aliás, somada as outras, veladas, que temos enfrentado nos últimos anos. Ainda não é desta vez que ousaremos a travessia e a UCG continuará no próprio processo de sucateamento.

Você deve ser o juiz de toda esta “FARSA ELEITORAL” Manifeste no dia 30 o seu voto de protesto, de repúdio e de esperança de que um dia o arbitrário não mais se fará lei. ILUMINE A ESPERANÇA. VOTE NULO!

(Cópia de um panfleto editado na época. Arquivo particular do Prof. Juan Bernardino).

Na introdução do livro de Darcy Cordeiro, o mesmo afirma que trabalharia apenas com os temas mais relevantes envolvendo a história da UCG, agora PUC. Então, percebemos que, em sua opinião o Movimento Estudantil e as campanhas eleitorais não eram relevantes, pois tudo isso foi ignorado em sua obra.

Quando a candidatura do professor Juan foi impugnada, houve diversas manifestações dos estudantes por toda a universidade. O Centro Acadêmico de História lançou uma campanha pelo voto nulo. Pedía aos alunos que quando fossem votar, escrevesse na cédula eleitoral o voto em Galileu Galilei. Algumas paredes ficaram cheias de propaganda defendendo tal voto e relacionando as práticas da igreja medieval em perseguir o próprio Galileu com as práticas da Universidade Católica em caçar a candidatura do professor Juan naquele momento do processo eleitoral.

Alexandre Nardini foi um dos líderes do movimento favorável à candidatura do professor Juan. Quando indagado sobre a reação dos integrantes do CA de História da UCG sobre a impugnação da candidatura do professor Juan para o cargo de reitor da mesma, confirma que reagiram com indignação e ironia e lançaram um candidato fictício: Galileu Galilei.

Terminado o mandato que seria do professor Pedro Wilson, o professor Ivo Maury foi nomeado reitor, pela SGC, para o mandato que iria até 1994 (Cordeiro, 2010, p.92). A UCG justificava a impugnação da candidatura do Professor Juan e nomeação de Maury baseada nas Diretrizes e Normas Para as Universidades Católicas. O Artigo 30 de tais diretrizes apresenta o seguinte conteúdo:

A Universidade deve atender à sua característica de católica, na constituição de seus quadros diretivos, docentes e funcionais, de modo que sejam formados de pessoal adequado e em sua maioria católico, capaz de garantir e promover a identidade da instituição.

À autoridade competente, segundo as normas da Universidade, cabe o dever de nomear professores que se destaquem não só pela competência científica e pedagógica, mas também pela integridade doutrinal e probidade de vida. Faltando tais requisitos, sejam afastados do cargo, observando procedimento definido para o caso, nas normas da entidade.

A presença e colaboração de pessoas não católicas, qualificadas para o cargo e respeitadas do caráter próprio da entidade, podem contribuir para o progresso e fins da Universidade, nas condições destas Diretrizes e Normas (p.26)

O professor nomeado reitor, Ivo Maury, ocupou o cargo até 1994. Foi um mandato bastante conturbado. Para exemplificar, logo depois da sua posse, a UCG organizou uma

Olimpíada interna onde os diversos cursos se enfrentariam em várias modalidades esportivas. A abertura da mesma foi no Ginásio de Esportes da própria Universidade. Nenhuma organização estudantil foi convidada a compor a mesa e, apesar da insistência do DCE, os estudantes também não teriam direito a discursar durante a solenidade. Com isso, as lideranças estudantis organizaram um protesto para o dia da abertura dos jogos.

Havia uma regra que desclassificava o curso que não participasse da abertura, todos deveriam estar presentes. Todo curso deveria entrar em quadra devidamente uniformizado e seguir as determinações dos organizadores. Uma a uma, as delegações entravam por um pequeno portão lateral, percorria toda a extensão da quadra e parava de frente para a Bandeira do Brasil para a execução do Hino Nacional. O palco fora montado para as autoridades, inclusive o novo reitor, ficava ao lado.

O protesto que ocorreu durante a solenidade de abertura provocou espanto até mesmo entre os alunos dos diversos cursos presentes. Os integrantes do CA de História, em companhia de outros alunos do próprio curso, quando chamados para ocuparem seus lugares apareceram no ginásio sem os uniformes, a maioria com pedaços de panos amarrados na boca como mordanças, tomaram o caminho contrário ao estabelecido, em total silêncio e com os olhares voltados para a mesa das autoridades. A boca tampada era um protesto pelo fato dos estudantes não terem direito de discursarem na solenidade. Todas as delegações estavam de frente para a bandeira no momento da execução do hino. Quando começou a execução, a delegação que representava o curso de História sentou no chão e de costas para a bandeira permaneceram ali até o término da execução do hino. Em entrevista, Nardini afirma: “os estudantes entraram “etiquetados” para satirizar uma decisão da reitoria de etiquetar as provas, depois deram as costas à bandeira”.

A inadimplência na UCG era muito grande no período. Então, a reitoria mandou etiquetar as folhas de prova com o nome dos alunos que estavam em dia com suas mensalidades, impedindo os demais de fazerem suas avaliações.

A repercussão do protesto tomou conta da Universidade por semanas e as lideranças estudantis aproveitaram o momento para protestar contra a indicação e posse de Ivo Maury como reitor. O DCE se encarregou de pichar paredes com frases do tipo: “Fora reitor biônico”. Esse clima de oposição a Ivo Maury continuou por todo o seu mandato, clima importante para desencadear a greve estudantil de 1992.

O período em que Ivo Mauri esteve à frente da reitoria era época de inflação alta no país e o valor das mensalidades era sempre corrigido. O movimento grevista de 1992 na UCG não foi o primeiro contra a política daquele reitor. No início de seu mandato, o próprio DCE havia realizado outro movimento contra aumento de mensalidades. Esse movimento fora relatado em reportagem do jornal O Popular do dia 31 de agosto de 1990, com o título “Estudantes acampam na reitoria da Católica”:

O protesto dos alunos da Universidade Católica de Goiás contra um aumento de 260% para as mensalidades pretendidas pela instituição fez mudar o cenário do prédio da Reitoria, na Praça Universitária. Eles montaram barracas e estão acampados nos jardins do prédio, como forma ainda de manifestar o seu apoio à greve dos professores por reajustes de salários.

“Somos a favor da paralisação dos professores e contra o repasse de reajuste às nossas mensalidades, uma vez que muitos estudantes da Católica são trabalhadores e estão com seus salários congelados”, afirmou Alexandre Nardini, um dos coordenadores do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Para esquentar a mobilização, eles elaboraram uma variada programação cultural que será desenvolvida dentro do clima de protesto.

Às 8 horas haverá apresentação do coral da UCG; às 9 horas debate sobre o ensino pago e a universidade comunitária. Amanhã, o coral volta a se apresentar, às 8 horas e às 10 horas foi programado um “enterro” simulado da democracia “que deixou de existir na universidade a partir da última reunião para reitor” afirmou Nardini.

O reitor Ivo Maury disse que propôs aos estudantes um reajuste de 260% para as mensalidades, parceladas em três aumentos de 54,5% a serem aplicados nos meses de setembro, outubro e novembro, o que não foi aceito pelos estudantes, que defendem o congelamento dos preços. Aos professores foi proposto reajuste também parcelado de 188%. “A universidade é paga e a relação salário-mensalidade é inevitável”, disse Ivo Mauri, ressaltando que a instituição vai entrar com ação conjunta na Justiça Federal para obter autorização para reajuste dos preços. (O Popular, caderno Cidade, p. 6)

A reportagem trás uma foto que mostra algumas barracas armadas no jardim na porta da reitoria e uma grande faixa com a frase “Abaixo o Plano Callote”. A palavra calote está escrita na faixa com dois “l”, uma referência ao plano de governo do presidente Collor. Há ainda faixas da UNE e uma outra escrita “DCE VOLANTE”.

O movimento na UCG era demonstração da crise que a própria instituição passava há algum tempo, crise confirmada por reportagem do jornal O Popular do dia 04 de outubro de 1992, no caderno Cidade: “preço da mensalidade esvazia UCG, Católica perde quase 4 mil alunos de 87 para cá. E a evasão cresce a cada semestre”. De acordo com o jornal, em 87 havia 12.122 alunos matriculados e em 1992, apenas 8.608. Ainda em reportagem do jornal do dia anterior (03/10/1992), o coordenador do DCE Cláudio Maia, denunciava que o aumento das mensalidades tinha como objetivo a elitização da Católica. Eram comuns

reportagens sobre os problemas enfrentados pela UCG a partir de meados dos anos oitenta e início dos anos noventa.

Porém, essa greve está relacionada à eleição direta para reitor que não ocorreu e o aumento das mensalidades. Foi o que faltava para estourar o movimento grevista dos estudantes da UCG. No dia 29 de setembro de 1992, o jornal goianiense O Popular publicou matéria sobre greve na Universidade Católica com a manchete: “Alunos não aceitam aumento e paralisam UCG”. Uma foto da reportagem mostra estudantes nos corredores do prédio da reitoria com a seguinte legenda: “Manifestações de protestos tumultuam os corredores da reitoria que nega rompimento de acordo” e “PROCON analisa planilhas”.

A paralisação das aulas na Universidade Católica iniciada em 28 de Outubro de 1992 só se tornou possível depois que lideranças estudantis saíram da sala de reuniões da reitoria com um grande impasse: a reitoria propôs aumentar o preço das mensalidades para todo o semestre, num total de 289,6%, sendo o primeiro de 28% para setembro daquele ano. A proposta do DCE, já discutida em reuniões com a sua própria direção era 0% de aumento, ou seja, congelamento dos preços. Foi formado um comando de greve, liderado pelo então presidente do DCE Cláudio Lopes Maia. A primeira estratégia foi parar as aulas e ocupar o prédio da reitoria para forçar uma negociação.

No primeiro dia da greve, o comando da mesma começou passando nas salas de aula anunciando a greve. De alguma maneira, eram interrompidas as aulas e os estudantes que saíam engrossavam o movimento. Parte desses seguia juntos com os demais manifestantes e um prédio inteiro tinha suas salas rapidamente esvaziadas. Quando isso ocorria, uma turma se deslocava para outras áreas da UCG, enquanto outros retiravam as carteiras e as empilhavam pelos corredores dificultando o acesso as salas de aula. Em alguns casos, professores não aceitavam que os integrantes do movimento passassem em suas salas enquanto davam suas aulas. Os estudantes grevistas então, invadiam a sala e começavam a tocar instrumentos musicais em alto volume no meio da aula inviabilizando a realização das mesmas. Faixas relacionadas à greve iam surgindo pela Universidade e o movimento conseguia ocupar o prédio da reitoria. Como afirma o jornal Diário da Manhã do dia 14 de outubro:

Desde o início da greve em 28 de setembro, os estudantes estão instalados no prédio da Reitoria. De lá saíram apenas por dois dias, por ocasião das eleições municipais de 03 de outubro e foram acampar na área da Cúria Metropolitana. Ali esperavam contar com o apoio do Arcebispo de Goiânia Dom Antonio Ribeiro. (Caderno Local p.13).

Em reportagem do jornal O Popular do dia 02 de outubro é confirmado as informações citadas no Diário da Manhã:

Um grupo de alunos continuava ontem acampado nos corredores da UCG, com a promessa de permanecer no local no final de semana para pressionar um acordo com a reitoria. Camas improvisadas pelo chão e pratos com restos de comida davam um visual diferente as dependências da Universidade. (Caderno Local, p. 13)

Os prédios de todas as áreas foram desocupados e o que se via eram montanhas de carteiras pelos corredores bloqueando a passagem de estudantes e professores. Em alguns prédios os cadeados dos portões e fechadura de diversas portas eram entupidos com cola e ninguém entrava. Os estudantes chegaram ao prédio da reitoria e a situação se tornava cada vez mais delicada. A UCG acusava os estudantes de depredarem parte de suas instalações. No dia 30 de setembro no caderno Cidade do jornal O Popular trazia a manchete “UCG abre inquérito para apurar vandalismo” e, uma foto com os manifestantes no lado interno do prédio da reitoria, com a legenda “Alunos ocupam anti-sala da reitoria e negam atos de vandalismo”. O mesmo jornal no dia 01 de outubro anunciava que alunos e UCG iriam negociar as mensalidades.

Alunos da UCG encaminharam ontem à tarde a reitoria da instituição um expediente em que pedem a retomada das negociações sobre o reajuste das mensalidades. Ao receber o documento, o reitor Ivo Mauri disse que os estudantes ainda não haviam se manifestado nesse sentido e que a resposta da direção da Católica será apresentada a eles ainda hoje, para que as discussões sejam iniciadas. “É a primeira vez que os estudantes se manifestavam dispostos a conversar conosco”, afirmou Ivo Mauri.

Pela manhã os alunos ocuparam as salas da Vice Reitoria para Assuntos Administrativos, e que o setor responsável pelos repasses dos aumentos nas mensalidades, e disseram que só irão desocupar os prédios após um acordo que suspenda o reajuste de 28%. Segundo Cláudio Lopes Maia, coordenador do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UCG, o movimento dos alunos não é contra o aumento salarial dos professores, mas ele acha que a Universidade tem caixa para suportar esse reajuste salarial sem repassá-los às mensalidades uma vez que está investindo em imóveis, carros e na abertura de novos cursos. “Com todos esses índices aplicados, a menor mensalidade da Católica será acima de 1 milhão e 500 mil”, alertou ele acrescentando que a cobrança pode até ser legal, mas é imoral. (caderno Cidade, p. 1 e 2)

Em resposta as palavras do coordenador do DCE sobre o aumento abusivo no preço das mensalidades, na mesma matéria do jornal o reitor Ivo Mauri se justificava:

O reitor Ivo Mauri reconheceu que as mensalidades não são baixas, mas destaca que a UCG não tem condições de dar um aumento aos professores e funcionários sem repassá-los às mensalidades. “Os nossos balancetes são aprovados no Conselho Universitário, compostas por representantes estudantis e podemos provar que a Católica não tem como arcar com esses aumentos sem repassá-los”, disse ele, ressaltando que aplicando a legislação salarial vigente. Ele reafirmou que nas negociações irá exigir avaliação ética do movimento que ocupou a UCG e que cobrará as responsabilidades pelos danos provocados ao patrimônio da instituição.

A Universidade tentava a todo custo por fim ao movimento grevista, porém as negociações eram demoradas. As lideranças estudantis que se reuniam com a direção da UCG não tomavam decisões sem ouvir os demais estudantes. Em assembleias que na maior parte ocorreram no anfiteatro (ocupado dia 14/10) da própria Católica eram definidos os planos de luta. Todas as definições e propostas eram decididas entre os alunos e eram levadas à mesa de negociações, ou seja, os líderes estudantis ouviam a base do movimento para definir as estratégias.

As negociações eram difíceis não apenas pelo modo de negociar dos estudantes que levavam as propostas da Universidade para discuti-las em assembleias, mas as propostas dos dois lados no início da greve estavam muito longe de um entendimento. Em todo o semestre, a UCG pretendia um aumento de mais de 289,6% e os estudantes propunham o congelamento dos preços das mensalidades. No dia 02 de outubro de acordo com o jornal O Popular (caderno Cidade, p.07) trazia a informação que ainda não havia diálogo entre as partes, mas que a UCG buscava negociar com os grevistas. No jornal Diário da Manhã também do dia 02 de outubro afirmava em reportagem que o impasse nas negociações aumentava a tensão na UCG.

Manchetes e matérias relacionadas à greve dos estudantes na UCG tornaram comuns nos jornais locais de Goiânia durante o mês de outubro, principalmente quando surgia alguma novidade nas negociações, com foi o caso do jornal Diário da Manhã do dia 10 do mesmo mês:

Estudantes e Reitoria da Universidade Católica de Goiás (UCG) realizaram ontem pela manhã mais uma rodada de negociações, na sétima da semana, mas não houve acordo quanto aos percentuais de reajustes das mensalidades de outubro, novembro e dezembro. Astrogildo Naves, da comissão de negociação, disse que os alunos, além dos 28% de setembro, só aceitam pagar mais 15% capitalizados, em dezembro, sem nenhum novo aumento nos meses antecedentes. Significa um percentual de 122% em todo o semestre, calcula Astrogildo.

A Reitoria propôs a diminuição do índice global do mesmo período, de 189,6% para 161,9%, uma diferença, portanto, de 27%. O resíduo dos 161,9%, já pagos em

agosto e setembro, resultaria para exemplificar, em mais três reajustes de cerca de 30% cada. Astrogildo salientou, porém, que a UCG, não estaria abrindo mão dos 27%, já que os repassaria em janeiro de 1993. Mas essa hipótese não foi confirmada pelo reitor Ivo Mauri. (caderno Local, p. 14)

Novamente a Reitoria não aceitou a proposta dos estudantes, mas fez uma nova proposta diminuindo o índice de aumento que deveria ser repassado as mensalidades, o que não foi aceito pela assembléia dos alunos. O clima ficou ainda mais tenso quando os estudantes invadiram o teatro de arena que ficava na ala interna do prédio da reitoria. Este fato irritou fortemente o reitor e alguns vice-reitores que passaram a ameaçar os alunos afirmando que só voltariam às negociações após a desocupação do teatro. O jornal O Popular do dia 14 de outubro (caderno Cidade p.08) trazia a manchete “Alunos da UCG ocupam anfiteatro”, enquanto o jornal Diário da Manhã repercutiu o assunto em reportagem no mesmo dia:

A rodada de negociações de ontem entre a reitoria da Universidade Católica de Goiás e a comissão de estudantes foi a mais tensa de todas as já realizadas, desde o início da greve dos alunos há 17 dias. A ocupação dos estudantes do teatro de arena situado na parte interna do prédio da Reitoria onde funcionavam as vice-reitorias e a secretaria geral da instituição, ao que tudo indica foi a causa da irritação da direção da UCG. “Nessa reunião chegaram a colocar que a negociação só continuaria se o anfiteatro fosse desocupado”. Afirmou Ana Cláudia Beze, da comissão de negociação. O acirramento das discussões fez aumentar ainda mais o impasse. (Caderno Local, p.13)

Os estudantes não cederam às pressões da reitoria e em assembléia realizada no anfiteatro da UCG decidiram pela manutenção da greve. Após 19 dias de greve a UNE se manifestou:

O movimento grevista dos estudantes da Universidade Católica de Goiás, que já dura há 19 dias, ganhou a partir de ontem o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE). Ivanilson Soares Dias, vice-presidente da entidade na região Centro-Oeste esteve reunido no final da tarde com o reitor Ivo Mauri com o estudante Astrogildo Naves da comissão de negociação quando comunicou-lhes que a partir daquele momento a UNE assumiria também a luta em defesa dos alunos. “Queremos discutir a moral do aumento desejado pela Universidade, já que é legal de acordo com a lei, e ainda sensibilizar o reitor para que ele ceda um pouco, possibilitando que os estudantes concluam seus cursos”, salientou Ivanilson. Para ele o percentual proposta pela Reitoria de reajuste global do segundo semestre em 261,9%, se configura em caso de polícia.

Ontem mesmo, Ivanilson entregou a vários deputados uma nota que se diz “estarrecido” com a ausência dos mesmos no movimento dos estudantes da UCG. “Os caras pintadas que, historicamente, verdadeiros responsáveis pelo movimento de rua que derrubou o presidente Collor, não podem ser deixados de lado como outrora”, dizia a nota. Assim como no processo pró-impeachment a UNE espera contar com o apoio dos parlamentares. (caderno Local, p.13)

A passos lentos as negociações foram sendo realizadas, pois no final de cada reunião nem o reitor e nem os alunos poderiam decidir pelo fim do movimento. O primeiro deveria ouvir a própria Sociedade Goiana de Cultura, mantenedora da UCG, e os estudantes só levavam para as reuniões as decisões que saíam das assembléias dos mesmos. Entretanto, com quase 20 dias de paralisação e cobertura da imprensa local, a greve foi repercutindo cada vez mais, levando a UNE a se manifestar sobre o assunto. A UNE dizia estar ao lado dos grevistas e cobrava a participação de deputados nas negociações.

A presença do estudante Ivanilson, representante da UNE apoiando a greve na Universidade Católica e cobrando participação de deputados no movimento surtiu efeito. O jornal O Popular publicou matéria um dia depois (caderno Cidade, p. 6) com o título: “Deputados tentam acordo entre alunos e UCG”. No caderno Local do jornal Diário da Manhã afirmava: “Políticos participam da negociação na UCG” (p.13). Em matéria do mesmo jornal, do dia 18 do mesmo mês, relatava-se que os professores buscavam uma saída para a greve. Porém, dois dias depois de tal notícia, no mesmo jornal (p. 14) os professores se manifestaram afirmando que não mediarium acordo para o fim da greve.

Um dia após a Associação dos Professores da Universidade Católica (APUC) decidir em assembléia que não mediarium às negociações entre as partes. Muitos deles tentaram retornar as aulas, como confirma matéria do jornal O Popular do dia 21 de outubro: “Professor ignora greve e retoma as aulas na UCG” (caderno Cidade, p.6). A reitoria, alunos e professores interessados no fim da greve tentam retornar as aulas no dia 21. Tentaram uma manobra construindo um clima de normalidade e fim do movimento, o não passou de uma tentativa, pois, os estudantes ainda mantinham o comando de greve e voltaram a retirar as carteiras das salas para impedir a retomada das aulas.

No jornal O Popular do dia 22 confirma essa fase do movimento com matéria destacando: “Sem acordo, UCG abre os portões para os alunos” (Caderno Cidade, p. 6). Na mesma página afirma também que a manobra de volta as aulas não deu certo. No jornal Diário da Manhã também do dia 22 em seu caderno local (p.14) confirma a tentativa de volta as aulas e vincula matéria com a manchete: “Comando de greve da UCG atrapalha volta as aulas”.

A convocação de alunos, funcionários e professores da Universidade Católica de Goiás para normalização das atividades tiveram início ontem à noite quando a maioria dos departamentos solicitou a volta às aulas. Uma tentativa de reinício vem sendo feita desde terça feira pelos professores dos cursos de Biologia, Biomédicas, Zootecnia, Ciências Contábeis e Arquitetura, tendo em vista a possível perda do semestre, porém o andamento escolar foi interrompido pelo comando de greve.

Visto que o retorno às aulas foi frustrado, a reitoria fez uma nova tentativa no dia 23 de outubro, quando mandou serrar grades e portões para impedir piquetes. Porém, os estudantes grevistas no outro dia (24/10) organizaram novas barricadas com as carteiras bloqueando novamente a entrada dos alunos. A tentativa da reitoria foi frustrada e a greve continuava. Não contando mais com o apoio dos deputados, nem dos professores, os estudantes anunciaram à imprensa local que iriam recorrer ao Ministério da Educação denunciando as situações precárias da UCG, desde as péssimas condições do espaço físico até qualidade do ensino. O Jornal Diário da Manhã vinculou matéria sobre o assunto:

Os alunos da Universidade Católica de Goiás em greve há 26 dias vão a Brasília na próxima semana, provavelmente na segunda-feira, pedir o Ministro da Educação Maurílio Hingel, que intervenha na Universidade. Para tanto apresentará um dossiê, que ainda está em processo de elaboração, sobre a UCG, enfocando a situação precária das instalações físicas da instituição, a falta de equipamentos nos laboratórios e a qualidade do ensino, além dos episódios que ocorreram durante a greve, registradas em fotografias e cenas em vídeo. (caderno Local, p. 10)

A partir do dia 24 de outubro, os estudantes e o próprio movimento davam sinais de desgaste. O número de alunos alojados ou acampados nas dependências da reitoria diminuía a cada dia e isso era usado como argumento nas assembleias pelos estudantes favoráveis ao fim da greve. A reitoria já abria mão dos reajustes desejados e fazia nova proposta diminuindo o índice de aumento das mensalidades, que agora chegava a 175%. Os estudantes já não defendiam mais o congelamento dos preços e admitiam um reajuste de 144%. No dia 30 de outubro, numa sexta-feira, os estudantes em assembleia decidiram pelo fim da greve, todavia alguns ajustes deveriam ser resolvidos apenas na segunda-feira como a não punição de alunos que participaram do comando da greve, 1% do orçamento da Universidade destinados ao Diretório Central dos Estudantes e também o aumento do número de vagas para o crédito educativo.

No dia 30 de outubro o jornal O popular na coluna Cidade/Estado (p.07) já anunciava o acordo sobre as mensalidades e o fim da greve na Universidade Católica de Goiás, enquanto o jornal Diário da Manhã do dia 1º de novembro (Local p.13) publicava matéria ressaltando que os alunos da Universidade Católica de Goiás decidiram em assembleia realizada na noite da última sexta-feira acabar com a greve que durou mais de um mês.

Os últimos acordos entre as partes ocorreram em reuniões na segunda-feira dia 02 e as aulas tiveram início na terça-feira dia 03 de novembro de 1992.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse trabalho foi o Movimento Estudantil na Universidade Católica de Goiás entre os anos de 1989 a 1992. Durante a execução do mesmo procurei informações na imprensa, em arquivos particulares e, claro uma fundamentação teórica através de autores importantes que escreveram sobre o assunto e sobre juventude, pois defendi ao longo dessa pesquisa que seria muito difícil escrever sobre Movimento Estudantil sem relacioná-lo aos jovens de diversos períodos da História. A principal dificuldade nesse caso foi com os arquivos das entidades estudantis, principalmente no DCE da Universidade Católica e de alguns de seus Centros Acadêmicos, em alguns não existe uma única pasta de registros ou de atas.

Na introdução desse trabalho me refiro a memória e cito alguns autores, mas a principal referência foi Maurice Halbwachs, pois sua obra sobre a memória coletiva acabou sendo muito importante na consolidação desse trabalho, pois com as lembranças individuais necessitam de confirmação. Na busca por uma memória coletiva que confirmasse a memória individual, também surgem problemas e dificuldades, pois em uma entrevista ou mesmo uma conversa, ocorre divergências de pensamentos que só podem ser esclarecidas com novas conversas. O fato de conhecer pessoas que participaram do movimento na UCG e manter contato com várias, sendo alguns amigos, facilitou o trabalho por um lado, mas o excesso de informações nos obrigou a buscar sempre novos depoimentos para confrontá-los para nos aproximar o máximo possível da veracidade dos fatos.

A história oral foi bastante utilizada para colheita de depoimento principalmente dos ex dirigentes estudantis da época, ou seja, a história do Movimento Estudantil da Universidade Católica do referido período só pode ser (re) escrita junto a memória de um grupo, ou seja, a memória coletiva. Depois de algumas reuniões, resolvi entrevistar apenas três pessoas da época, a Ana Cláudia Beze pelo fato de ter sido integrante do CA de História e do DCE da Universidade Católica e, também participado ativamente da greve de estudantes nessa instituição, Fernando Leite que foi presidente do Centro Acadêmico de Letras e coordenador do DCE, além integrante da comissão de negociação dos estudantes junto a reitoria e que também fazia parte da Juventude estudantil Revolução, e Alexandre Nardini que além de relatos e a própria entrevista nos forneceu uma enorme quantidade de documentos do período, onde usamos alguns no desenvolvimento dessa pesquisa. Nardini também foi

dirigente estudantil da Universidade Católica e integrante da Juventude Revolução. As entrevistas concedidas pelos ex-integrantes do Movimento Estudantil da UCG estão registradas e presentes em anexo no final desse trabalho.

As representações dos estudantes daquela época estão presentes nos relatos dos estudantes entrevistados e ouvidos. O que eu penso e me lembro foram sendo confrontados com os referidos depoimentos e também com a opinião da imprensa e jornais informativos de entidades estudantis da época.

O Movimento Estudantil é um movimento de juventude, essa mesma juventude sempre esteve envolta com outros movimentos culturais como a contracultura acesa dos anos de 1960 e 1970. Nesse período quando o assunto era a juventude temos a impressão que questionar era uma regra.

Os estudantes não eram heróis destemidos querendo mudar uma realidade com sua força, mas ao longo da história mostrou força em mobilizações favoráveis ou contrários a idéias e governos. Não eram apenas rebeldes, mas procuravam a crítica.

Como escrever sobre movimentos sociais de juventude sem falar da União Nacional dos Estudantes? Entidade considerada combativa, pelega, subversiva, as opiniões se divergem quando o assunto é o Movimento Estudantil e a própria UNE. A verdade é que foi criada na segunda metade dos anos de 1930, durante o governo de Vargas. Desde sua fundação a polêmica foi uma de suas principais marcas.

Como o objetivo maior desse trabalho foi o Movimento Estudantil na UCG no período citado, percebi a importância em mostrar o surgimento da Universidade Católica e também a Universidade Federal e o contexto da época onde ocorreram mudanças profundas na educação em Goiás.

Mudanças também ocorreram no Brasil e em Goiás a partir da implantação de uma política neoliberal no país, atingindo a educação e o próprio Movimento Estudantil.

Pesquisar sobre Movimento Estudantil no Brasil no final dos anos de 1980 e início dos anos 90 nos colocou de frente com o movimento fora Collor e a juventude “cara pintada”, com isso se tornaram possível analisar também as representações construídas pela imprensa brasileira sobre essa mesma juventude no período.

O Movimento estudantil da Universidade Católica foi marcado principalmente por uma greve de estudantes que durou mais de um mês em uma instituição privada de ensino

superior em Goiás. Durante a realização das pesquisas não encontrei na História fato semelhante. Essa greve está relacionada, entre outras coisas, a eleição direta para reitor da própria Universidade.

A juventude “cara pintada” tomou conta das ruas exigindo a renúncia ou o afastamento do então presidente Fernando Collor de Mello, a juventude estudantil da Universidade Católica de Goiás desejava votar e escolher de forma direta o reitor da mesma e o congelamento dos preços das mensalidades no período. Juventude “cara pintada” e o Movimento Estudantil na UCG fazem parte de uma mesma conjuntura e com objetivos parecidos, ou seja, as ações e atitudes desses movimentos contribuíram com a queda do presidente e com a greve que também desejou derrubar um reitor.

Um movimento como o da UCG só foi possível por que havia tendências e entidades estudantis organizadas que encapavam lutas com as citadas anteriormente, a principal tendência foi a Juventude Revolução e a entidade mais destacada na época o CA de História da UCG.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. *Movimento estudantil e consciência social na América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

AMADO, Janaina Ferreira e MORAES, Marieta de (org.). *Usos & abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARAÚJO, Maria Paula, *Memórias Estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro Relume Dumará, 2007

ARBEX JR., José. *Guerra Fria terror de Estado, política e cultura*. São Paulo: Moderna, 2000.

Arnold, Martin. *Ex-líder nega comparação com 68*. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 de março 2006.

BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*, 3ª ed. – São Paulo Companhia das Letras, 1994

BRANDÃO Antonio Carlos e DUARTE Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. 10ª ed. São Paulo, Editora Moderna, 2000.

BRETAS, Genesco Ferreira, *História da Instrução Pública em Goiás*, Goiânia; Gegrafe. UFG. 2001.

BRITO, Sulamita de (Ed.). *Sociologia da Juventude*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1968

CARLOS José Sebe Bom Meihy. *Manual de História Oral*, 3 ed. São Paulo; Edições Loyola, 2000.

CHAUÍ Marilena de Souza. *O que é ideologia* 13 ed. São Paulo: Brasiliense 1983.

CORDEIRO, Darcy. *Cinqüentenário da Pontifícia Universidade de Goiás: identidade e diversidade, 1959 a 2009*. Goiânia, Ed. da Puc Goiás, 2010.

FREDDO, Sônia Segan. *Um Instrumento de Subversão*, Ed. GDR, 1963.

FORACCHI, Marialice M. *Os estudantes e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Nacional, 1977.

HALBWACHS, Maurice, *A memória coletiva*, tradução de Beatriz Sidou, São Paulo; Centauro, 2006.

LÉNINE, V.I. *Obras escolhidas em três tomos*, Edições Progresso – Moscovo, Edições Avante – Lisboa 1981.

MAFFESOLI, Michel, 1984. *O tempo das tribos*. 3. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MENDONÇA, Alzino Furtado de. ROCHA, Cláudia Regina Ribeiro. NUNES, Heliane Prudente. *Trabalhos acadêmicos: planejamento, execução e avaliação*.
Faculdades Alves Faria, 2008.

PALACIN, Luís e MORAES, Maria A. Sant'Anna. *Histórias de Goiás*. 4ª ed. Goiânia: Ed. UCG 1986.

PECAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA Luís e FORACCHI, Marialice M. *Educação e sociedade*. 7 ed. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POERNER, Artur José, 1939. *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*, 4ª ed. São Paulo: Centro de memória da Juventude, 1995.

SANTOS, Jocyléia Santana dos. *O sonho de uma geração: o movimento estudantil Goiás e Tocantins*, Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

TOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*, tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevista: Alexandre Nardini

Entrevista: Ana Claudia Beze

Entrevista: Fernando Leite

FONTES IMPRESSAS

Jornal O Diário da Manhã de Goiânia. Edições de setembro e outubro de 1992.

Jornal O Popular de Goiânia. Edições de setembro e outubro de 1992.

Revista Veja. Edições de setembro e outubro de 1992

FONTES DIGITAIS

www.cut.org.com.br

www.estudantenet.com.br

www.folhadesaopaulo.com.br

www.mme.org.br

www.ucg.com.br

www.ufg

www.un.org/fr

www.une.com.br

www.unianhanguera.com.br

www.veja.com.br

ANEXOS

14 DIÁRIO DA MANHÃ

UCG: alu retomam

Estudantes e Reitoria da Universidade Católica de Goiás voltam à mesa de negociação hoje às 8 horas. Em pauta vai estar o repasse de 28% que foi feito nas últimas mensalidades, referente à primeira parcela do aumento concedido aos professores e servidores. No final de semana, os estudantes em greve desde a última segunda-feira, chegaram a desocupar a reitoria indo para a Cúria Metropolitana, de onde saíram por força de Mandado de reintegração do prédio. De lá eles foram para o DCE e depois retornaram para a Reitoria, local onde ainda estão.

Uma nota divulgada ontem pela Reitoria da UCG questiona e chama de "anti-ética e repudiável" a ocupação dos prédios pelos estudantes. Na nota, os alunos são chamados a negociar para o retorno da normalidade acadêmica, mas são também avisados de que a Reitoria está disposta a "lançar mão dos instrumentos disponíveis



Braços enfalxados ironizam a situação difícil dos estudantes

Docentes denunciam deficiência no ensino

A Associação dos docentes do Ensino Superior do Estado de Goiás (Adesa-GO), promoveu no último dia 1º, na Esefego o I Encontro dos Professores das Faculdades Autárquicas do Estado de Goiás, quando denunciaram a decisão do Governo Estadual de implantar mais de 7 faculdades no interior, uma vez que, o mesmo não vem dando apoio às já existentes, e que por isso mesmo estão em funcionamento sem condições mínimas necessárias. Para a Adesa, se faz necessário uma explicação da política para o ensino Superior do Estado.

Durante o Encontro, os professores discutiram a situação precária de funcionamento das Faculdades do Interior, mais de 18, e que há muitos alunos já formados que não podem receber seus diplomas porque os cursos ainda não foram reconhecidos. A

maioria das não dispõe de como as faculdades do curso de Ciências laboratórios possível o s

Segundo o Conselho do Ensino Superior do Estado de Goiás (Adesa) o I Encontro das Faculdades Autárquicas A importância vindicam e aprovação Cargos e S. lo, os professores Estaduais to, apenas tos, já de que serão folha de s

ento

Políticos participam da negociação na UCG

As negociações entre a Universidade Católica de Goiás (UCG) e os estudantes, em greve há 19 dias, continuam suspensas. Nem mesmo a intermediação de deputados conseguiu quebrar esse impasse, criado desde a última quarta-feira, quando os alunos ocuparam o teatro de arena, na parte interna do prédio da Reitoria. Os Deputados Athos Magno (PT), Humberto Aidar (PFL), Denise Carvalho (PC do B) e o vereador eleito Luiz Antônio Caiado (PFL) estiveram reunidos ontem com o reitor Ivo Mauri, na tentativa de recomençar as conversações entre as partes, sem entrar no mérito dos índices de reajuste das mensalidades, como frisou Denise.

No final da tarde, a Reitoria comunicou aos parlamentares, conforme combinado, que manteria a mesma posição de antes, ou seja, só voltaria a negociar se os estudantes desocupassem o teatro de arena. Os alunos haviam concordado em diminuir o número de integrantes da comissão de negociação, de sete para apenas quatro, atendendo pedido da UCG, para ter mais poder de decisão, e que

permaneceriam no teatro, sem ocupar outros espaços do prédio. Vale ressaltar que, desde que entraram em greve, os alunos estão instalados na Reitoria, em vigília.

O movimento foi deflagrado no dia 28 de setembro, quando os estudantes decidiram boicotar o reajuste de 28% da mensalidade do mesmo mês, que, depois do início das negociações, acabaram por aceitá-lo. Além disso, se dispuseram a aceitar novo aumento de 9% em dezembro, totalizando 122% no semestre. A Reitoria já abriu mão de 27% do global no mesmo período, que alcançava 289,6%. Ou seja, além dos 28% de setembro, os percentuais de outubro, novembro e dezembro seriam de 30%, 28% e 30%, cuja ordem poderia ser alterada de acordo com os rumos das negociações, porém, sem tocar nos índices. A União Nacional dos Estudantes (UNE) passou, a partir de anteontem, a apoiar o estudantes. através do vice-presidente da entidade na região Centro-Oeste, Ivanilson Soares Dias.



discute o assentamento

ática

os proprietários da terra,

Procura é menor para

elo fim da greve na UCG

Professores da
tólica de
us membros,
m assembleia
ticipação na
es que acon-
mbro. Após
ntes decidi-
adores ou
as negoci-
ntes, prin-
re à saída
arena da
la a pro-
missão
presen-

Foto: Luiz Cordeiro



Professores estiveram reunidos com os estudantes, mas se negam a negociar o retorno às aulas

mental no processo de negociação,
descartando atos anti-democráticos e
arbitrários de quaisquer das partes

neste momento. Para tanto, querem ope-
racionalizar a transparência nos aspectos
acadêmicos, administrativos, financeiro,

estudo sensibilizando a comunidade
universitária e a sociedade em geral,
em relação às condições sócio-econô-

participação dos professores. A situação de paralisação é a reafirmação da prática do diálogo como instrumento político-pedagógico funda-

tendem atual de forma mais breve possível dos problemas pelos quais passa a Universidade

cente, através de sua Associação quer intensificar uma política de bolsas de

Negociação deve reiniciar

As negociações entre estudantes e Reitoria da Universidade Católica de Goiás, suspensas desde a última quarta-feira, podem ser retomadas a partir de amanhã. Isso porque a UCG condicionou a continuidade das conversações à desocupação do local. E é essa possibilidade que será colocada em discussão hoje, às 8 horas, em assembléia dos alunos. Nem mesmo a intermediação de alguns deputados, que estiveram reunidos na sexta-feira com o reitor Ivo Mauri, conseguiu a mudança de posição da direção da Universidade.

A assembléia de ontem dos professores da UCG, apesar de não mostrar apoio a nenhuma das partes envolvidas, ou seja, estudantes ou reitoria, foi analisada como favorável ao movimento paredista, por entendê-lo como legítimo, segundo Ana Cláudia Beze, da comissão de negociação. Os professores demonstraram

Niló Bueno



...a-feira, 28 de outubro de 1992
...eside BC



Gustavo Loyola

... Banco Central. Com a
... de Gustavo Loyola para
... encia do BC e do depu-
... Lázaro Barbosa por
... da Agricultura, Ge-
... dois representantes
... escalação do Govern-
... anco.

de conduta de Gustavo Loyola
considerada não rígida
sódio de fechamento
Caixa Econômica
(riego), ele estendi-
o episódio por est-
stituição de seu Es-
se que pouco poder-

CADORE

DE REFERÊNCIA
Banco: 04 13134
3 3 867,16

...de promove
...manha da

...A MANHÃ

LOCAL / ANÁPOLIS

Goiania, quinta-feira, 28 de outubro de 1992 13

Greve na UCG pode acabar ainda hoje



Os estudantes continuam mobilizados aguardando uma solução



Astrogildo negocia o reajuste

bro. Desde então, passaram a ocupar o corredor que dá acesso à reitoria, com colchões espalhados por todos os lados. No início, as negociações foram tensas, com acusações de ambas as partes, mas foram suspensas por mais de uma semana, quando os alunos passaram a ocupar também o teatro de arena.

Só depois de muita discussão, com intermediação até de deputados, foi possível voltar à mesa de negociação. Neste período, porém,

aconteceram vários incidentes. O primeiro deles, quando um grupo de 124 professores, à revelia da posição que a Associação de Professores da UCG havia anunciado em assembléia, de não intermediar o impasse, convocaram os alunos para o retorno às aulas. Os estudantes em greve fecharam os portões que dão acesso às unidades e retiraram as carteiras das salas, para impedir qualquer tentativa de normalidade. Fracassou.

Um dia depois, foi a vez da

reitoria, que convocou alunos, professores e funcionários, mas frisando que as negociações teriam continuidade, mas também não certo. O reitor Ivo Mauri decidiu então serrar alguns portões, com a justificativa de facilitar o acesso daqueles que queriam participar das aulas, e também para evitar confronto e hostilidades. Como também falhou, a reitoria reconheceu, de certo, que o único canal seria através da negociação, segundo análise dos estudantes. E foi o que aconteceu ontem.

Sorteados terão que confirmar interesse

A Telegoiás sortiou ontem 7 mil 929 terminais telefônicos para 66 mil 368 pessoas físicas e jurídicas cadastradas em Goiânia. O sorteio aconteceu no prédio do Instituto de Matemática e Física da UFG com a presença do presidente da Telegoiás, Marcos da Rocha Lima, diretores, reitor da UFG, Ricardo Bufalçal, membros do Procon e da imprensa. A lista com o nome dos felizardos deve ser divulgada publicamente hoje ou amanhã.

Os sorteados precisam confirmar o interesse procurando a Telegoiás entre os dias 10 e 13 de novembro, quando 4 mil e 100 interessados estarão comercializando os seus terminais. Os outros 3 mil 829 terão do dia 16 a 20 de novembro para tanto. Para tirar dúvidas sobre a comercialização, pagamento e instalação, a Telegoiás coloca à disposição a linha 144, além de enviar cartas aos contemplados

neste primeiro sorteio com quatro dias de antecedência do dia de comercialização previsto no cronograma da empresa.

Os ganhadores somente saberão quanto devem pagar pelo terminal, quando a Telegoiás repassar a próxima tabela a ser cobrada pela Telegoiás, o que deve acontecer na próxima semana, conforme cálculos da assessoria de comunicação da empresa. Os sorteados pagarão os 18 meses iniciais sem ter o telefone, já que a instalação somente acontece depois desse tempo decorrido, de acordo com o que garante o próprio cadastramento. Haverá ainda a divulgação dos números sorteados por meios telefônicos, os critérios adotados para a seleção dos sorteados, o método para o sorteio das datas para comercialização, os seus procedimentos, o endereço do terminal à vista e o funcionamento dos planos de faturamento.

Escolas elegem novos diretores educacionais

COMPORTAMENTO

Os novos rebeldes mostram a sua cara

ADÉLVANIA SILVA VEIRA

Além da ditadura de 64, a juventude brasileira também não mudou muito depois. A CPI que investigou denúncias contra o empresário César Faria, o que envolveu o Presidente Collor, fez surgir uma faixa da sociedade que se preocupa em frequentar shopping por vários dias e comprar o livro da noite de não pelo sucesso da minissérie "Anos de Rebeldia". Já a imprensa mostra a cara que quem para a guerra, se manifestou de imediato no Congresso Federal e pediu a com o impeachment do Presidente.

Em 1984, em Paris e Lisboa, pela primeira vez juntos numa passeata que enfiou o seu rosto no rosto de quem se levantou quando se levantaram com um protesto.

Depois, mesmo as ações internas das delegações, vivem nestes últimos dias a riqueza da história do País. "A Rede de Estudantes de uma história em que contribuíam e, nesse momento, política que é possível participar da sua história. Mas Elias Moreira, 26 anos, estudante das Escolas, antes de tudo, na semana passada, pouco a pouco, em maio de 35 Outubro.

30 anos, presidente do Diretório de Estudantes da UFPA, vai mais além, novamente estudantil respondeu ao ser perguntado, Jaime afirma que

"Collor está, pela primeira vez um governo sem apoiado pelo povo e não por militares".

"O Brasil é o melhor País do mundo. Quando nossa geração chegou lá, ele será muito mais humano, progressista. Esse é o compromisso da nossa geração", afirma o Presidente do Centro Acadêmico de Direito da UFG, Flávio Rodolpho, 21 anos, um dos poucos líderes estudantis que não é filiado ao PT ou ao PC do B, mas ao PSTB.

Depois da intensa movimentação que se viu em todo o País, ainda restam dúvidas quanto a consciência política dessa meninada que pretendem ao som de "Allegria, Alegria", o hino de Cristiano Veloso pertencendo por "Anos Rebeldes". Será que realmente estes jovens estão indignados com a situação? Quem são os chamados líderes estudantis? O que eles pensam sobre o tempo e o destino político do País sabem responder. No entanto, o Diário da Manhã procurou ouvi-los para extrair um perfil do líder estudantil de hoje.

O que vimos foi um grupo de jovens preocupados com o destino do País, sem grandes aspirações materiais, desprovidos de vaidades, mas que sonham se tornar profissionais competentes para poderem oferecer às suas futuras famílias uma vida digna. Tanta seriedade, no entanto, é disfarçada com muita disposição e, principalmente, bom-humor. Quem não se divertiu nas passeatas com frases hilariantes pintadas nas faixas, com gente fantasiada de presidenteiro, "vestida" de decussado e "enterrando" o Presidente Collor, que atira a primeira pedra. Com o risco, é claro, de ser morto por uma boa piada.



A jovem estudante pinta o rosto e vai às ruas pedir a renúncia do Presidente Collor: rebeldia ou consciência?

Jaime Davoli Filho, 26 anos, estudante do 9º ano de Direito, Presidente do Diretório de Estudantes da Universidade UFPA, entrou para o movimento estudantil há 5 anos como vice-presidente do Centro de Estudantes da Universidade Federal do Pará (CEU) do PC do B.



que ultimamente está muito ruim" e "Espero... Não sei, mas quero participar. Acho muito bom".

Perfume - "Não sei".

Ídolo - "São três: Che Guevara, pela forma como foi assassinado; Carlos, por ter conseguido escapar um certo aspecto da juventude brasileira; e Marx, por sua contribuição".

Quem mandaria para uma viagem sem voltar - "Tudo gente do PC, o Collor e Antonio Carlos Magalhães".

Busca de emprego - "No momento quero uma coisa só para mim. Morando com mais seis irmãos em difícil situação não me interessaria. Hoje não tenho nada formulado. Vou vivendo o dia-a-dia".

Manifestações mais importantes - "O fim do Collor foi o maior, porque o movimento estudantil corresponde ao que o radicalismo não temer responder. Houve a necessidade de eles se mudar e para as ruas, desfilada após a saída de Collor".

Movimento estudantil ontem e hoje - "Na década de 60 havia aquela referência em que todos se ajeitavam, era a lei por um mundo que não dava mais resposta. Hoje conservamos esta consciência, mas com outras características. A juventude mudou e viveu outro contexto. Hoje existe menos politicamente, menos organizado".

Um substituto para Collor - "Alguém que não tenha o mesmo perfil de Collor".

Relação com os pais - "Bom, eles estão em rotina. Algo que quero aqui em Goiânia".

Namorada - "Não tenho".

Horas vagas - "São com os amigos".

Música - "São muito: Elton John, Carole King, Joan Baez, Luiz Melodia, Billie Holiday, John Coltrane, Freddie King, Led Zeppelin, rock, jazz e Blues do Fado".

Lugar preferido - "O Capricornio, também chamado de República. É lá que se reúnem os líderes estudantis após as reuniões, ouvimos nossa música".

Vício - "Fumo e bebo".

Programa de TV - "Telejornal da Manchete e o Soares (Oriz e Méz)".

Atura - "Sobre existencialismo de Jean Paul Sartre, e literatura latino-americana. Estou lendo não muito glitório. Leio de um Iguaçu (Müller Fernandes)".

Flávio Rodolpho, 21 anos, estudante do 4º ano de Direito da UFG, Presidente do Centro Acadêmico XI de Maio (CAXM), entrou para o movimento estudantil em 1985, permaneceu afastado por três anos (período em que estudou em escola particular) e retornou em 1989, quando entrou para a faculdade. É filiado ao PSTB (nacional, em Goiás sua oposição. Aqui o partido tem filial).



Manifestações mais importantes - "A mais importante é a do impeachment do Presidente Collor, mas também podemos destacar a luta contra professores falosos e a valorização do estudante no mercado de trabalho".

Movimento estudantil ontem e hoje - "Ontem em mais solidário e mais paixão. Hoje são mais propostas e política maisável em função do processo histórico".

Um substituto para o Collor - "Fernando Henrique Cardoso ou sua mulher (por ser mais sensível, entenderia melhor os problemas da sociedade)".

O curso do País está errado, então prefiro a contumácia - "De muito respeito. Eles se preocupam comigo, mas acreditam que o movimento estudantil seja uma ótima escola".

Namorada - "Tenho alguém de quem gosto muito".

Horas vagas - "Jogo vôlei e futebol".

Música - "Sertaneja (Cibitizinho e Xororó e importante é ter ética e saber separar as duas coisas".

Relação com os pais - "Não vivo com eles. Divido uma casa com três amigos".

Namorada - "Tenho a minha".

Horas vagas - "Faço teatro, converso com os amigos".



importante é ter ética e saber separar as duas coisas".

ória e biografias. Estou
Brasil Império, de Ar-
dos Santos
"chopp"
Lazinha e sanduiche"
debol. Sou alucinado pelo

lher charmosa. A Leticia
tranda"
meu pai e John Kennedy
o espírito de mudança no

na"
na uma viagem sem vol-
tos e falsos profetas"
"Viajar sem preocupa-
no que contra a lei"



contra o abuso no au-
e do afastamento do

ção da história - "Prefi-

o Collor - "Qualquer
nada efetivamente. As
pela participação demo-

til - "Deve ser indepen-
nância, mesmo que os
a partidos políticos. O

Crédito Educativo da UCG"
Idolo - "Admiro todas as pessoas que no
período da ditadura lutaram até o final"
Sonho de consumo - "Já tive muitos. Hoje
penso em ser um bom funcionário e receber
um salário digno. Mesmo porque a profissão
que escolhi não me deixaria sonhar muito"



Desde o final da década de 60, os jovens jamais estiveram tão unidos

Estudantes reeditam 68

RENATO DIAS

Os estudantes brilharam no script dos anos 60 como os personagens principais do cenário político. Filhos das classes médias, invocavam solenemente a utopia de construção de uma sociedade democrática. As elites orgânicas do capital transnacional traçaram táticas e estratégias e sedimentaram novas formas de dominação. O sonho virou pesadelo. Não era o fim da linha. Sem pedir licença e acreditando que o poder estava nas flores ou na ponta do fuzil, foram à luta.

O mundo explodiu. Vietnã. Europa: revoltas na Alemanha, Itália, Suíça, França. Os enragés (Enraivecidos) na pole-position das manifestações. "Soyons realiste, demandons l'impossible" (Seja realista, exija o impossível) provocavam os "enfant terribles". Os negros, as feministas, retiraram o véu da hipocrisia construído à sombra da Estátua da Liberdade, nos EUA. Os vermelhos mais exaltados apostam na estratégia do assalto ao poder através das bombas. Isolam-se

das massas.

A América Latina, "a região das velas abertas", é devorada por ditaduras civis e militares. Brasil: 1964. República Dominicana invadida: 1965. Peru: 1968. Chile e Uruguai: 1973. Argentina: 1976. Nicarágua e Paraguai viviam há décadas sob as botas de Somoza e Stroessner, respectivamente. A sociedade civil reage. Recorre às armas da crítica.

Os estudantes sublevam-se em cadeia. No Brasil, a UNE e a UBES são colocadas na clandestinidade. As manifestações não param. A juventude vai às ruas protestar contra os atos institucionais em 1964, 1965. Denunciam a destruição das prerrogativas do Legislativo e o fortalecimento do Executivo. Reivindicam mais verbas para o ensino, pesquisa e extensão. O Governo acena com a Reforma Constitucional (1967) e a Reforma Universitária (1968). Veio 68. O Brasil vira de ponta-cabeça. Com os cabelos compridos, a barba por fazer, jeans surrado e um monte

de idéias na cabeça, protagonizam a desobediência civil. A ditadura reprime as manifestações. Mata estudantes. Edson Luís de Lima Souto, no Rio. Ornalino Cândido, em Goiânia. Os estudantes respondem com bolas de gude, pedras e coquetéis molotovs. Suas canções de protesto ameaçam derrubar sólidos Estados. A repressão acena para a paz dos cemitérios: censura, fuzis, canhões, cargas de cavalaria, cárceres, tortura.

O Congresso da UNE caiu em outubro. A conspiração Para-SAR veio à tona. O AI-5 surgiu como um raio em céu azul. 68 partiu em pedaços. A utopia recorreu às armas. Não durou muito tempo e a ditadura venceu. O saldo social foi trágico. Os vinte anos de autoritarismo deixaram suas marcas indelévels. A principal foi a destruição da noção de cidadania. Os estudantes "carapintadas" que invadem as ruas do Brasil Novo exigindo a renúncia ou impeachment de Collor, reeditam 68 (Guardam as diferenças históricas) e recuperam a cidadania perdida.

...a prazo fixo no País.
 Em Porto Alegre, o artista plástico
 René Casagrande, indignado com as re-
 velações da CPI da Câmara Federal,
 fez esta conclamação: "O povo não
 deve pagar mais nada de impostos,
 para evitar que seja roubado mais ain-
 da".

No século 19, o norte-americano
 Henry David Thoreau escreveu A desobediência civil, abrindo um ciclo de
 pensamento pacífico contra os abusos
 do poder estatal.

Nas décadas de 30 e 40 do século 20,
 Mahatma Gandhi tinha na desobediên-
 cia civil uma das principais armas para
 combater qualquer violência, libertar 360
 milhões de indios do cruel e insas-
 turável jugo inglês.

O brasileiro, na sua quase totalidade,
 não sabe o que é isso. Mas já o praticou,
 num processo acelerado, com números
 crescentes de adeptos. A desobediência
 civil combina perfeitamente com a insup-
 portável pressão de repassar ao erário o
 custeio de seu trabalho e da sua compe-
 tência financeira.

No plenário da Câmara a comemoração pelo voto do Deputado Paulo Romano, que decidiu numericamente pelo pedido de impeachment do Presidente



Itamar é o Presidente

441 x 38

Fernando Afonso Collor de Mello entrou para a história da humanidade como o primeiro presidente a ser afastado em um processo de impeachment. Em seu lugar entra Itamar Franco, que ontem mesmo recebeu a garantia de Collor de que não criará obstáculos para a transição. Collor tem a remotíssima chance de retornar ao poder, mas antes terá de provar no Senado a sua inocência nos crimes de responsabilidade a ele imputados.

A votação na Câmara foi um massacre. Quatrocentos e quarenta e um deputados contra apenas 38 autorizaram o processo contra o presidente. Nem os governistas

mais pessimistas imaginavam uma avalanche dessa natureza. Menos de seis meses depois das denúncias do irmão Pedro, Fernando Collor deixa a Presidência excedido pela opinião pública e ainda sujeito a um processo por crime comum.

A derrocada do presidente, eleito há dois anos com 35 milhões de votos, foi intensamente comemorada em todo o País, num verdadeiro carnaval que uniu a direita, esquerda, estudantes "carapintadas", aposentados, trabalhadores, ricos e pobres. Itamar Franco, segundo a maioria dos juristas, assume o poder amanhã, após comunicação do Senado a Collor de que ele está afastado.



Ministros já estão escolhidos

Antes mesmo de a Câmara acabar a votação, Itamar Franco já havia convidado pelo menos três políticos para a formação de seu ministério: os senadores Maurício Corrêa e Fernando Henrique Cardoso - Justiça e Relações Exteriores - e Alexandre Costa para Transportes e Interior. O mais cotado para o Ministério da Fazenda é o empresário paulista Nildo Mazini, mas José Serra não está totalmente fora do páteo. Itamar

estaria propenso também a recriar o Ministério do Planejamento e a Secretaria Nacional de Informática (SNI). Os partidos que deram sustentação para o impeachment estão dispostos a auxiliar o novo presidente nos seus primeiros meses de Governo. Os atuais ministros, obedecendo orientação de Collor, permanecerem em seus postos até a montagem do novo ministério.

Págs. 2 a 6, 9 e 13.

OS VOTOS DE GOIÁS		
Antônio de Jesus (PMDB)	Sim
Antônio Falcão (PSDB)	Sim
Délio Braz (PFL)	Sim
João Natal (PMDB)	Sim
Lázaro Barbosa (PMDB)	Sim
Lúcia Vânia (PMDB)	Sim
Luz Soyler (PMDB)	Sim
Mª Valéria (PDS)	Sim
Mauro Borges (PDC)	Sim
Mauro Miranda (PMDB)	Sim
Osório Santa Cruz (PDC)	Sim
Paulo Mandarino (PDC)	Sim
Roberto Abrão (PTR)	Sim
Roberto Balestra (PDC)	Sim
Ronaldo Caiado (PFL)	Não
Vimondes Cruvinel (PMDB)	Sim
Zé Gomes da Rocha (PRN)	Não

O fim da era Collor

A trajetória de Fernando Collor de Mello desde os seus tempos de infância até assumir a presidência e ser afastado por denúncias de corrupção está em suplemento especial, que circula junto com esta edição. Em oito páginas, o suplemento lembra que Collor já foi o "Caçador de Marajó" e se transformou numa presidente-espantoso com suas andanças em Jet Ski e avião supersônico.

Collor prometeu acabar com o tigre da inflação - para qual só tinha uma "bola na agulha" - mas saiu com uma inflação à beira dos 30% e uma das maiores recessões da história do País. Na última página, um perfil do novo presidente.

Bêbado é preso ao entrar no Palácio

Henrique Rodrigues de Silva, 23 anos, exerceu de político, desempregado. Foi preso no hall de entrada do Palácio das Esmeraldas, devido ao estado em que estava sua face de quase 20 quilogramas. Bebado e nervoso, sentiu dificuldades para falar e os seguranças chamaram imediatamente a Polícia Militar. Levado ao 1º DP, Rodrigues já adormecido, disse que sua intenção era somente comemorar uma passagem de grama para Mitterrand-GD, onde pretendia ficar alguns dias no lado de má. Pág. 12

Indicadores Econômicos

BANCO DE BOSTON
 TEL. 322-8100

Dólar Comercial
 Venda Cr\$ 6.137,00
 alta de 1,52%

Dólar paralelo
 Venda Cr\$ 7.350,00
 alta de 1,47%

Ouro (grama)
 Venda Cr\$ 500.000,00
 alta de 3,01%

Prata (grama)
 Compra Cr\$ 230,00
 Venda Cr\$ 950,00

Fusquinça
 26,600%

Ufir (hoje)
 Cr\$ 3.840,36

Itamar assume amanhã a Presidência

cair. Em 1994
 beçar chapa
 da cobertura

procurador Paulo... as evidências... C. Ovadia pela...

Lago Fátima... em Brasília, por NCCZ... informado antecipadamente do confisco...

pela platéia, em coro, e apoiada por... parte das autoridades. Participaram a... prefeita de São Paulo, Luiza Erundina...

presidente nacional do Partido dos Tra... balhadores (PT), Luiz Inácio Lula da... Silva, comandou um dos maiores protes...

... em Brasília, em 1991, em apoio ao... variário da presidente. Entre os rebates...

do ouro do Uruguai

era depor na... pela secreta... cioni, como a... em sua conta... esse da Casa... assumiu a... Fátima inves... "provedor... da por Fer... dos dos de... na conta... m. A CPI... ue Cláudio... negociante... veto, presc... ta Federal... milhões... a, na Co... dia 27 de... as contas... Casa da... e US\$ 5...

milhões obtidos em abril de 1896 na Alfa... Trading, empresa uruguaia. O ex-se... credário disse que empregou o dinheiro... na compra de 300 quilos de ouro por... intermédio do corretor e doleiro Najun... te no Brasil. Najun responde a processos... na Justiça Federal e teve sua prisão... decretada por um juiz gaúcho. O dinhei... ro da operação, segundo Vieira, teria... sido tomado para custear a campanha... do presidente e era transferido gradual... mente para as contas da secretária de... Collor, Ana Acioli. O contrato do em... préstimo foi contestado por especialis... tas, que apontaram várias irregularida... des em sua forma. Uma secretária, San... dra Fernandes de Oliveira, foi à CPI, dia... 31 de julho, para dizer que assistira à... operação que teve por finalidade forjar... os documentos do empréstimo. No dia... anterior, Vieira tinha confirmado o em... préstimo e admitido que não declara... ra os US\$ 5 milhões ao Imposto de Renda.

o revela isolamento

esso de... do Co... ente na... rsário... entado... soebeu... ilior. O... do alio... ve do... eman... as dos... theiro... euevi... onal... e do... larios...

O afastamento do governador da... Bahia, Antônio Carlos Magalhães se... aconteceu dias depois. Atento aos movi... mentos da mare, Magalhães teve acesso... a uma informação singela. Desde o iní... cio da CPI, o presidente Benito Gama... (PFL-BA), ligado ao governador, rece... bia em média 500 cartas por dia. Em... princípio a maioria delas era plenamen... te favorável a Collor. Depois, estabele... tou-se na faixa do empate. Um dia antes... do aniversário do presidente da Repú... blica 70% das cartas pediam o impeach... ment de Collor.

O resultado da pesquisa espontânea... de Gama começou refletir em outros... indicadores. As manifestações de rua... (grande temor do Planalto), apesar de... ainda tímidas, já começavam a crescer... A primeira passeata estudantil pôe-Di... festas já reuniu dez mil pessoas no dia 11... de agosto. Dois dias depois, no Rio, um... público bem maior engrossou manifes... tação contra o governo Collor. O isola... mento de Collor de suas bases políticas... ficou ainda mais evidente no dia 27... quando o então líder do governo no... Senado, Marco Maciel (PFL/PE), trans... formou-se no primeiro integrante da... cúpula política a admitir a possibilidade... de a Câmara dos Deputados aprovar o... impeachment.



A estudante, com o rosto pintado, foi às ruas protestar e pedir a renúncia ou impeachment de Collor

nam as discussões

a Uni-
ás vol-
hoje às
repas-
ltimas
meira
do aos
o final
greve
, che-
indo
a, de
dado
De lá
epois
local

n pela
chavel"
a
estu-
são
retor-
, mas
ue a
inçar
íveis
novo
mis-
oria,
Uni-
As-
traca



Braços enfaixados ironizam a situação difícil dos estudantes

ua
18 e
dia 9
god
efet
100
did
tida
3/4
co

E
N

UCG: alunos e Reitoria retomam as discussões

Estudantes e Reitoria da Universidade Católica de Goiás voltam à mesa de negociação hoje às 8 horas. Em pauta vai estar o repasse de 28% que foi feito nas últimas mensalidades, referente à primeira parcela do aumento concedido aos professores e servidores. No final de semana, os estudantes em greve desde a última segunda-feira, chegaram a desocupar a reitoria indo para a Cúria Metropolitana, de onde saíram por força de Mandado de reintegração do prédio. De lá eles foram para o DCE e depois retomaram para a Reitoria, local onde ainda estão.

Uma nota divulgada ontem pela Reitoria da UCG questiona e chama de "anti-ética e repudiável" a ocupação dos prédios pelos estudantes. Na nota, os alunos são chamados a negociar para o retorno da normalidade acadêmica, mas são também avisados de que a Reitoria está disposta a "lançar mão dos instrumentos disponíveis que a protejam", caso haja novo incidente. Enquanto uma comissão vai negociar com a Reitoria, hoje os demais estudantes da Universidade devem participar de Assembleia convocada para a Praça Universitária no mesmo horário. A previsão é de que o clima entre estudantes...



Braços enfaçados ironizam a situação difícil dos estudantes

Docentes denunciam



Reitoria da UCG adverte alunos faltosos

Reitoria da Universidade Católica de Goiás que não retornaram às aulas, receberam uma carta em diário. O alerta foi assinado por Ivo Mauri, salientando que os dias estão passando como letivos. Na divulgação divulgada ontem, a reitoria solicita a preocupação com o movimento de alunos, iniciado no dia 20 de outubro. O chamamento pede a viabilização do acesso às salas de aula, para que a qualidade do ensino não seja prejudicada. Segundo a reitoria, as reuniões abertas às necessidades dos alunos foram interrompidas há uma semana, logo após a greve dos estudantes ocupantes de arena.

A reitoria indica, a convocação dos alunos para o efeito desejado. Durante a noite, poucos alunos compareceram nos prédios da Universidade. Para Ana Cláudia, coordenadora de negociação, a reitoria não deu certeza de que os estudantes retornarão às aulas. No reitor Ivo Mauri, o fato de muitos alunos não terem atendido ao chamado não chegou a ser considerado um impedimento dos trabalhos, desde que sejam feitos vários procedimentos administrativos, como a retirada de arquivos pela reitoria, arquivos que dão acesso



O acesso às salas de aula da UCG ficou mais difícil com a passagem aberta pela Reitoria

às unidades, para evitar confrontos e hostilidades, segundo justificou Ivo Mauri.

Essa decisão, porém, foi duramente criticada pelos estudantes, traduzida por Ana Cláudia. Para ela, a retirada de grades significa, além do desespero da reitoria, uma atitude irresponsável, por pro-

vocar danos ao patrimônio da UCG e por tentar jogar aluno contra aluno e aluno contra professor. Durante todo o dia e noite de ontem, grupos de estudantes se postaram em frente aos portões de acesso às salas de aula, com o propósito de convencimento dos demais colegas. A possibilidade de que a parcela de outubro, que che-

gará ao banco provavelmente no início da próxima semana, reajustada em 30%, conforme foi ventilada pelos estudantes, foi negada pelo reitor.

Os alunos vão realizar hoje, às 9 horas, ato público, onde esperam contar com as presenças de representantes da OAB.

Documentação do Dops continua na 3ª Brigada

O Ministério Público Estadual recorreu ontem ao Tribunal Regional Federal (TRF), da decisão proferida pela juíza Mariuzé Gomes de Sá, da 6ª Vara Federal em Goiás, que considerou extinta a ação cautelar inominada proposta pelo Ministério Público, solicitando a transferência de documentos dos arquivos do extinto Dops-GO em poder da 3ª Brigada de Infantaria Motorizada, para o Estado de Goiás. Ao extinguir a ação, a juíza alegou falta de legitimidade do MP estadual para demandar em feito de competência da jurisdição federal.

O promotor de Justiça Eliseu Taveira Vieira, alegou no recurso que aos Ministérios Públicos dos Estados são constitucionalmente assegurados a independência funcional, sem que seja por estes, em relação ao Ministério Público da União, admitida qualquer vinculação organizacional ou hereditária. Assim sendo - continua o promotor de Justiça - ao propor a referida ação, ele o fez exclusivamente porque o momento assim o exigia uma vez que, por ser matéria controvertida relativa ao patrimônio público, a Justiça Federal teria competência para examinar e decidir, não somente em decorrência do interesse público estadual, como em razão da legitimidade facultativa do Ministério Público.

MP estadual para dar continuidade à ação cautelar inominada contra a União, objetivando a restituição dos arquivos do extinto Dops-GO ao Estado. O promotor requereu ainda a reconstrução do acervo do antigo Dops, da Secretaria de Segurança Pública de Goiás, caso tenham sido remetidas partes do mesmo para outros organismos, integrantes ou não da estrutura administrativa da União. O Ministério Público estadual pede também um exame minucioso desse acervo, mantido sob sigilo pela 3ª Brigada de Infantaria Motorizada, para verificar sua procedência, conteúdo, natureza documental e disposição, para possibilitar a propositura de futura ação civil pública.

De acordo com o promotor Eliseu Taveira, os documentos integrantes do acervo original do extinto Dops, de Goiás, eram provenientes do cadastramento de dados informativos, servindo principalmente como referência para organismos da chamada "comunidade de informações", ligado ao controle da normalidade institucional do País. Conforme apurou o Ministério Público, após a extinção do Dops-GO, foram encaminhados a órgãos da União, estando sob a guarda da 3ª Brigada de Infantaria Motorizada. A decisão extinta a ação, a

termina curso sobre radiação

campanha eleitoral, além do con- político". Ele também polemizou des espúrias do PC Farias". Pág. 5



Os estudantes vigiam os portões de entrada da Universidade Católica para garantir a continuidade do movimento

Estudantes negociam reajuste

UCG joga última carta em busca do acordo

Seminário enfatiza a questão legal do menor



Os alunos goianos continuam impedindo a passagem dos demais estudantes no portão da UCG.

As negociações entre estudantes e a Reitoria da Universidade Católica de Goiás estão duas vezes mais tensas hoje e amanhã. Se não houver um acordo, o impasse em relação ao reajuste dos salários dos docentes continuará. O Conselho de Administração da instituição pretende aprovar o projeto de reajuste. A partir de então, os professores poderão negociar o reajuste de salários com o Conselho de Administração. Os docentes elaboraram um documento com propostas de negociações das partes envolvidas. Os alunos propõem que sejam feitas as negociações diretamente com a Reitoria, como ocorreu com a Vice-Reitoria de Administração.

A Reitoria Beze, de comissão de negociação, adianta que os docentes Acadêmicos da Universidade Católica estão elaborando relatórios sobre as negociações, avaliando a qualidade dos mesmos e a situação dos laboratórios. Segundo a Reitoria, o objetivo é orientar os docentes em discussão, com os estudantes da UCG, sobre as negociações para estes próximos dias, tendo em vista o movimento, a melhoria da qualidade do ensino sempre foi uma das prioridades dos dirigentes da instituição.

O movimento, a melhoria da qualidade do ensino sempre foi uma das prioridades dos dirigentes da instituição. O reajuste em julho e novembro atingiu 32% e 30% do dia 28 de setembro. Os docentes decidiram entrar em greve em 20 de setembro.

Depois de muita rodada de negociação, a maioria em clima tenso, os estudantes decidiram pagar os 28% de setembro. Entretanto, propuseram novo aumento só em dezembro de 9%. A Reitoria, por sua vez, que havia apresentado um índice de reajuste global dos meses de 289%, diminuiu para 261%.

E continua com ele até hoje. Significativo reajuste em outubro, novembro e dezembro de 30%, cada, se não houver um acordo em novembro.

semana passada, um grupo de professores, cerca de 124, anunciou que reintegrariam as salas de aulas, a revelia do que havia deliberado a Associação dos docentes da UCG, em assembleia realizada um dia antes. Amanhã, segundo os alunos, passamos. Na quarta-feira, também da última semana, a Reitoria convocou alunos, professores e funcionários, para o retorno às atividades acadêmicas. No entanto, o reitor Ivo Mauri fez questão de frisar que, paralelamente, as negociações continuariam. Mais uma

Com o objetivo de discutir a problemática do ensino superior no País, a Associação de Professores da Universidade Católica de Goiás está promovendo amanhã, no auditório do básico, um ciclo de debates, cujo tema central será "UCG: Crise e Perspectivas". Participam também da cooptação o Sindicato dos Professores do Estado de Goiás, Associação dos Servidores da Católica, Sindicato dos Auxiliares da Administração Escolar, e Diretório Central dos Estudantes. Para a presidenta da Asso-

O seminário intitulado "350 anos da Ciência na América", promoção da Universidade Católica de Goiás e Procuradoria Geral de Justiça, começa amanhã e vai até o dia 29 próximo, com como objetivo discutir a problemática jurídico-institucional envolvendo a questão do menor. O encontro terá ainda a participação do Centro Brasileiro para Infância e Juventude (CBIA), Associação Médica de Goiás, Sociedade Goiana de Pedagogia, Câmara Municipal e Visão Mundial.

A conferência será como coordenador o coordenador de Estudos e Pesquisas do Diretor Insurgente, promotor Vanderlino Nogueira Neto, da Bahia, além da promotoria de Justiça Maria José Perillo, da coordenadora do Núcleo de Infância e Juventude, do Ministério Público de Goiás. O procurador-geral, Adão Bomfim participará dos trabalhos de abertura do Seminário, amanhã às 8h30 para possibilitar a integração e articulação dos diversos segmentos sociais, órgãos públicos e demais entidades na busca de soluções sobre a problemática da criança e do ado-

lescente. O seminário será aberto amanhã com a conferência "Proteção ao Menor no Brasil", a cargo do professor Benedito Rodrigues dos Santos, da UCG. Aborda, também, o tema "Resolução do Abandono da Criança e do Adolescente e suas Políticas no Brasil". Em seguida, haverá reunião de trabalho do tema "Menores de Rua: Uma Vida em Movimento", de Graciele Maria Fozzari, Maria Estrela e Lúcia Thales, pedagoga e mestre em Antropologia.

O dia 29 está reservado para a conferência "Políticas Públicas e Estratégias de Participação Popular" com a presença da diretora do Instituto de Estudos Sociais da PUC-SP, Maria do Carmo Brasil de Fátima. Também será discutida a Política Municipal de Assistência à Criança e ao Adolescente com a participação dos condôminos da Prefeitura de Goiânia, Sônia Mabel e Dani Accorsi, além dos representantes do Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente.

STF nega uma liminar ao Estado de Goiás

O Supremo Tribunal Federal...



lan-
ade
da-
Se
em
las
a-
a-
ir
e
S
e

Os alunos grevistas continuam impedindo a passagem dos demais estudantes no portão da UCG

ral. Acamparam então no pátio da Ória Metropolitana, retornando semana passada, um grupo de professores, cerca de 124, anunciou Com o objetivo de discutir



te e
ses

Greve na Católica completa um mês

...da Universidade Católica de Goiás que estão em greve há um mês, tentaram mais uma vez o impasse junto à reitoria, durante uma reunião que aconteceu ontem. Esta foi a primeira reunião oficial realizada desde o início das negociações em 28 de setembro. As propostas levantadas pelos alunos quanto ao índice de reajuste global, referente às mensalidades do 2º semestre de 1992, são de 102%, o que segundo a reitoria é o suficiente para garantir o equilíbrio de pagamento deste ano. Entretanto, a Universidade Católica fez uma proposta de reajuste global, reajuste que, segundo o representante, é extremamente excessivo.



Reunião entre reitoria e estudantes da UCG termina mais uma vez sem resultados positivos

...o impasse ainda não foi resolvido. Entretanto, a comissão de negociação suspendeu as aulas hoje a partir das 9 horas para mais uma semana. Nesta semana, onde serão analisadas uma vez a questão dos reajustes, a comissão de negociação suspendeu as aulas de 1% da receita da universidade para o DCE e avaliação dos cursos em áreas mais técnicas, uma vez acatando as nossas propostas. Não acho que o impasse exista pela necessidade de custo gasto pela instituição, uma vez que não há transparência administrativa nas contas", alega o coordenador do DCE.

O vice reitor, Paulo Francisco Antônio garante que o clima durante as negociações está tranquilo, o que permite a tentativa de novos acordos, caso a reunião de hoje não traga nenhuma resolução. Nestes dois últimos dias do "caso Católica", os alunos decidiram abandonar o teatro de arena no período vespertino, para tentar amenizar o clima tenso que se for-

mou semana passada. Com 90% dos estudantes aguardando a volta às aulas, o coordenador de assuntos estudantis da UCG Uene José, garante que as reuniões vêm trazendo um resultado positivo, embora não apresente resolução para o impasse. Segundo ele, temas diversos levantados junto à reitoria não são prioridade, estão sendo levados ao Conselho de Ensino e Pesquisa da UCG.

Telegoiás faz sorteio

Plano abre mais sete mil linhas para a população

A Telegoiás vai realizar hoje o sorteio de 7 mil 929 terminais telefônicos, dentro do Plano de Expansão de Goiânia, onde se inscreveram 81 mil 505 pessoas, mas somente 66 mil 368 foram habilitadas, com base em critérios da empresa. O sorteio está marcado para as 10 horas, no Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal de Goiás, localizado no Campus II, no prédio do Instituto de Matemática e Física. Além do corpo técnico da empresa, o diretor do Procon, Elísio Gonzaga, estará presente ao evento.

ser instalados em até 18 meses. Os cadastrados contemplados, para efeito de comercialização de telefones, poderão optar pelos planos de pagamento da Telegoiás ou por financiamento através de bancos, com prazos de pagamento mais dilatados e encargos financeiros à taxa de mercado. O início do atendimento do primeiro lote será realizado de 10 a 13 de novembro, e no mês seguinte, de 16 a 20, o segundo lote. São contemplados em cada lote 4 mil 100 interessados.

Informações sobre o sorteio e comercialização de telefones, os inscritos podem obter discando o número 144, a partir do dia 29. A Telegoiás enviará também cartas aos contemplados, com antecedência de quatro dias das datas estabelecidas no cronograma de atendimento.

Os locais e dias dos sorteios serão divulgados através da imprensa, assim como será publicada nos jornais, a lista dos números das inscrições sorteadas por estação telefônica, assim como os critérios adotados para a seleção dos inscritos, método estabelecido para o sorteio, os procedimentos e perdas para a comercialização, o valor do terminal à vista e o plano de financiamento, e outras informações adicionais. Os novos terminais devem

Servidores fazem assembleia

...arista será

Veja na Católica comple

Sabá
e Ca-
greve
uma
to à
que
foi
les-
28
in-
li-
às
le
a
a
e



Reunião entre reitoria e estudantes da UCG termina mais uma vez sem resultados positivos

lidades.

Cláudio Lopes, associa o im-
passe prolongado, ao processo de

DCE.

O vice reitor, Paulo Francisco
Antônio garante que o clima du-

mou semana passada. Com 90%
dos estudantes aguardando a volta
às aulas, o coordenador de assun-

de ca-
m come-
rrupção
últimos
caustiva
e alunos
opostos
oxima-
dos os
discus-
la ma-
arcada
vo de
gocia-
nicos.
o im-
ficia-
ntem
ria.
dada
noi-
que o
nse-
que
que



Os estudantes continuam mobilizados aguardando uma solução

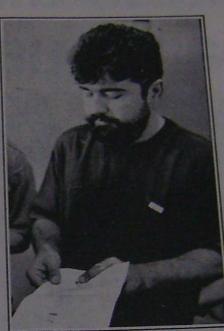
bro. Desde então, passaram a ocu- aconteceram vários incidentes. O reit

Greve na UCG pode acabar ainda hoje

...na Universidade Católica... ontem, em come...
 ...um mês de interrupção...
 ...os seus últimos...
 ...Em mais uma exaustiva...
 ...e comissão de alunos...
 ...os índices propostos...
 ...as partes se aproxima...
 ...um consenso. Todos os...
 ...durante a discus...
 ...levados hoje, pela ma...
 ...assembleia marcada...
 ...com o objetivo de...
 ...o avanço das negocia...
 ...os demais acadêmicos...
 ...de que o fim do im...
 ...feito hoje, com a oficia...
 ...acordo atingido ontem...
 ...reunio com a reitoria...
 ...durante a rodada...
 ...das negociações na noi...
 ...em, embora indique que o...
 ...fim da greve, não conse...
 ...nem os alunos, que...
 ...cedido mundo no que...
 ...aos índices das mensa...
 ...nem a reitoria, que acre...
 ...este acordo compromete...
 ...da universidade. Mui...
 ...aguardaram ansiosos...
 ...noite, a finalização do...
 ...porém, a oficialização do...
 ...incumbiu de adiar o...
 ...pouco mais.
 ...mento partidista dos es...
 ...completou ontem um...
 ...foi deflagrado logo...
 ...da UCG de reajuste...
 ...mensalidade de setem-



Os estudantes continuam mobilizados aguardando uma solução



Astrogildo negocia o reajuste

bro. Desde então, passaram a ocupar o corredor que dá acesso à reitoria, com colchões espalhados por todos os lados. No início, as negociações foram tensas, com acusações de ambas as partes, mas foram suspensas por mais de uma semana, quando os alunos passaram a ocupar também o teatro de arena.

Só depois de muita discussão, com intermediação até de deputados, foi possível voltar à mesa de negociação. Neste período, porém,

aconteceram vários incidentes. O primeiro deles, quando um grupo de 124 professores, à revelia da posição que a Associação de Professores da UCG havia anunciado em assembleia, de não intermediar o impasse, convocaram os alunos para o retorno às aulas. Os estudantes em greve fecharam os portões que dão acesso às unidades e retiraram as carteiras das salas, para impedir qualquer tentativa de normalidade. Fracassou.

Um dia depois, foi a vez da

reitoria, que convocou alunos, professores e funcionários, mas frisando que as negociações teriam continuidade, mas também não certo. O reitor Ivo Mauri decidiu então serrar alguns portões, com a justificativa de facilitar o acesso daqueles que queriam participar das aulas, e também para evitar confronto e hostilidades. Como também falhou, a reitoria reconheceu, de certo, que o único canal seria através da negociação, segundo análise dos estudantes. E foi o que aconteceu ontem.

Sorteados terão que confirmar interesse

A Telegoiás sorteará ontem 7 mil 929 terminais telefônicos para 66 mil 368 pessoas físicas e jurídicas cadastradas em Goiânia. O sorteio aconteceu no prédio do Instituto de Matemática e Física da UFG com a presença do presidente da Telegoiás, Marcos da Rocha Lima, diretores, reitor da UFG, Ricardo Bufaçal, membros do Procon e da imprensa. A lista com o nome dos felizardos deve ser divulgada publicamente hoje ou amanhã.

Os sorteados precisam confirmar o interesse procurando a Telegoiás entre os dias 10 e 13 de novembro, quando 4 mil e 100 interessados estarão comercializando os seus terminais. Os outros 3 mil 829 terão do dia 16 a 20 de novembro para tanto. Para tirar dúvidas sobre a comercialização, pagamento e instalação, a Telegoiás coloca à disposição a linha 144, além de enviar cartas aos contemplados

neste primeiro sorteio com quatro dias de antecedência do dia de comercialização previsto no cronograma da empresa.

Os ganhadores somente saberão quanto devem pagar pelo terminal, quando a Telebrás repassar a próxima tabela a ser cobrada pela Telegoiás, o que deve acontecer na próxima semana, conforme cálculos da assessoria de comunicação da empresa. Os sorteados pagarão o 18 meses iniciais sem ter o telefone, já que a instalação somente acontece depois deste período decorrido, de acordo com o que garante o próprio cadastramento. Haverá ainda a divulgação dos números sorteados por meio de números sorteados por telefones, os contemplados para a seleção de critérios, o método para o sorteio das datas para comercialização dos seus procedimentos, do terminal à vista e o pagamento dos planos de fomento.

Escolas elegem no diretores educacio

Anápolis (Sucursal) - A rede municipal de ensino realiza hoje, das 8 às 16 horas, eleições para a escolha dos novos diretores de oito unidades educacionais. Em Anápolis, anteriormente marcadas para

realizam eleições, foram construídas pleito e foram escolhida a seguinte que se encaixa em eleições de eleger a diretores de ensino



e promove
 banha da
 visão
 da Organização
 aponta a exis-
 tência de cegos em

...cídio médico

DIÁRIO DA MANHÃ

LOCAL

Goiania, sexta-feira, 30 de outubro de 1992 13

Greve da Católica termina na segunda



No auditório lotado, os alunos da UCG discutiram durante várias horas sobre o fim da greve

...assembleia realizada ontem...
 ...os alunos grevistas da co-
 ...de negociação com a UCG,
 ...acataram, quase por unani-
 ...a proposta de reajuste da
 ...realizada em 175%. O
 ...propulso provocou uma
 ...comemoração por parte dos
 ...mas o fim da greve ain-
 ...foi acertado, o que só deve
 ...de abandono de uma greve
 ...de finidas certas questões pa-
 ...com a não punição do co-
 ...de greve. Mesmo assim to-
 ...que agora a situação
 ...melhor e que caminha para
 ...o fim da greve.

...a 21h30 de ontem, a assem-
 ...mostrou as opiniões favorá-
 ...comunidade da paralisação
 ...do índice desejado que é
 ...e a aceitação do índice
 ...de 175%.

...do movimento, se-
 ...participantes da comissão,
 ...positiva já ocorrida na
 ...da universidade, apresen-
 ...uma redução de 119% nas
 ...do último semestre. Wellton
 ...do comando da greve,
 ...durante a exposição de
 ...antecedeu a votação
 ...do índice em questão,
 ...o movimento se apresentava
 ...nos últimos dias e, se
 ...continuasse, as conquistas
 ...até mesmo voltar ao pon-
 ...Lênin.

...ficaram distribuídos

de forma que o reajuste semestral atinja os 29,45% além dos 28% já implementados nas mensalidades de setembro. Este mês, será de 18%, em novembro, 19,02% e 18% em dezembro.

Mesmo conscientizados de que a resistência da greve foi a maior vivida pela universidade e que os avanços por ela trazidos foram os mais signifi-

cativos da UCG, os alunos não se contentaram com o ganho real de 119% de redução no reajuste global do semestre.

Outras conquistas dos estudantes foram referentes à cessão de 1% do orçamento da escola para o Diretório Central dos Estudantes, aumento de vagas para o crédito educativo, além da escola ser fei-

ta com a participação dos discentes. Na próxima quarta-feira haverá uma nova reunião para ser discutido o novo calendário uma vez que o ponto convergente que as aulas devem ser repostas integralmente. Os estudantes não admitem punições devido à paralisação, e para tanto haverá uma reunião avaliativa, na qual será abordada a questão ética dentre outras.

Corretoras de imóveis discutem a nova lei

A decisão do Ministério de Justiça no último dia 27, impedindo que as corretoras de imóveis cobrem taxas administrativas dos inquilinos, teve repercussão imediata no Procon de Goiás. O diretor do órgão, Elísio Gonzaga, disse ontem que já comunicou o Conselho Regional de Corretores de Imóveis, Creci, para evitar punição com a cobrança da taxa, embora ele frise que em Goiás o respeito à Lei do Inquilinato por parte dos corretores já conduzia à cobrança das taxas aos proprietários, que é a forma correta de se proceder.

gindo Elísio, os estados onde o descumprimento da determinação legal é maior, não Parede Direito Federal. Ele adverte ainda que o Governo Federal estuda uma reformulação da lei, mas que tudo indica que ela se entinga e cobraça os seguros formalmente o pagamento das taxas deve ser feito pelo proprietário e não por quem alugar um imóvel. Os que insistirem na cobrança irregularmente, serão acionados pelo Procon para devolver assim que ficar comprovado o pagamento pelo inquilino.

O Creci de Goiás já está obedecendo a Lei do Inquilinato no que diz respeito à cobrança das taxas administrativas, conforme indicações do departamento jurídico do conselho.

Chega ao fim prazo de construção padronizada

Hoje é o último dia para que as empresas de materiais de construção, entre indústria, comércio e setor madeireiro, ajustem os materiais à tabela de dimensões, expedida em conjunto pelo Procon, Inmetro, Crea, Prefeituras de Goiânia, Sinduscon, Cobrecon, Sindicato das Indústrias e Cerâmicas e Sindicato do Comércio Atacadista de Louças, Tintas e Ferragens. Estas entidades estiveram até em Brasília para que os produtos de Goiás em situação irregular não sejam comercializados lá.

Os estados adjacentes, uma vez que são mais desviados sobre os riscos que o material de baixa qualidade, vendido ou fora do tamanho, causam nas construções. O próximo setor a ser "atacado" pelos fiscais destas entidades é o de fabricação de cimento.

A partir de agora, o Procon vai contar com a Universidade Federal de Goiás que vai fechar convênio cedendo os laboratórios da Faculdade de Engenharia para examinar os materiais de construção suspeitos de irregularidades. Segundo o diretor do Procon, Elísio Gonzaga, insuamos como os tipos serão examinados de...

Mecânico é discriminado na ETF

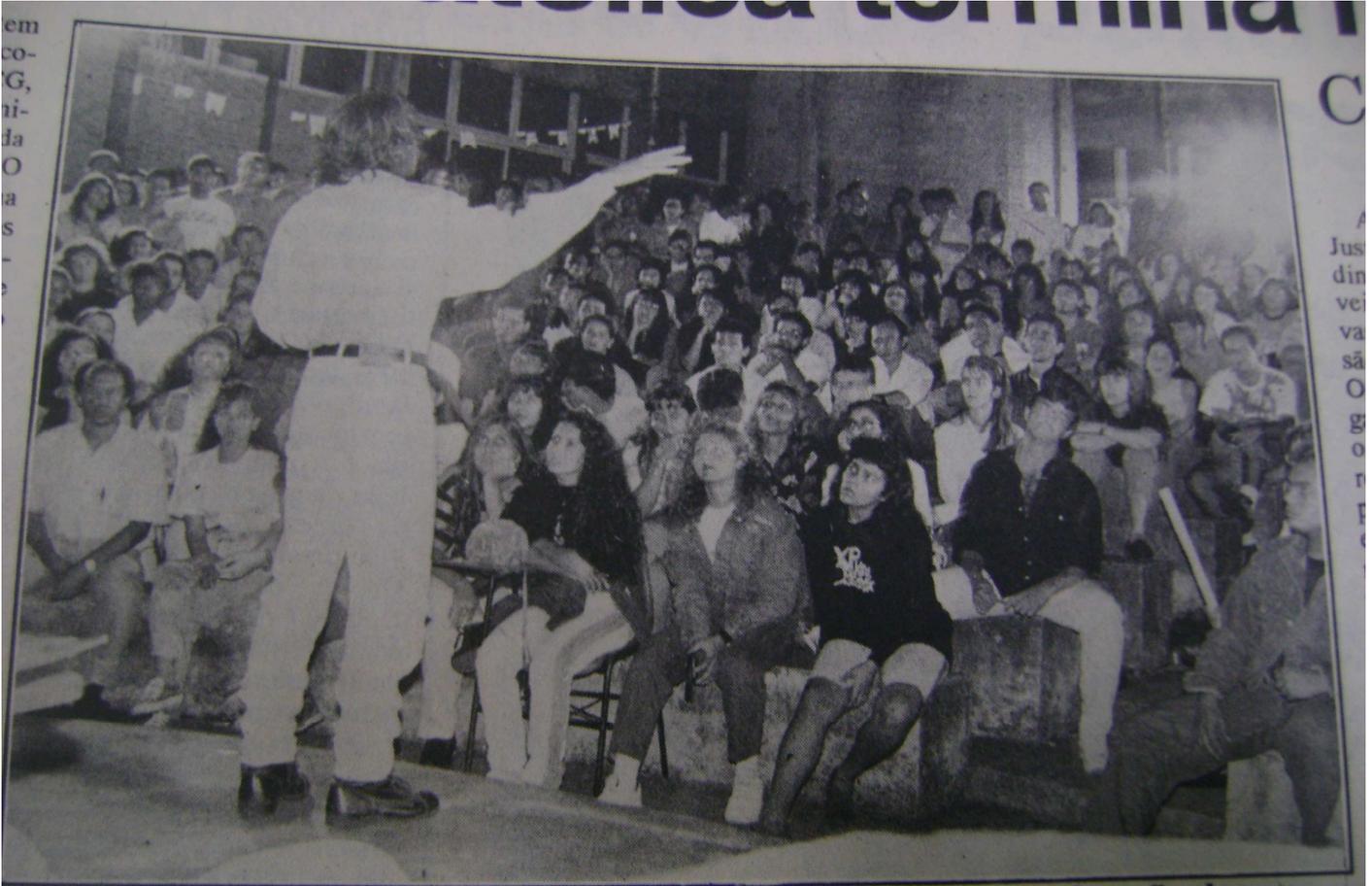
...assistente mecânico de
 ...ção, Carlos Henrique
 ...27 anos, denunciou o
 ...de discriminação e
 ...por parte de funcionários
 ...Técnicas Federal de Goiás
 ...greve. Carlos Henrique

Goáis e um funcionário pediu todos os seus documentos explicando que tomaria providências quanto a sua inscrição. Como estava desmontando ele voltou à sala de inscrições e notou que o "senhor" não identificado que apontou seus documentos e os

próprio delegado para denunciar a ação contra sua pessoa. Ao DM, Carlos Henrique disse também que recebeu um aviso de férias da empresa onde trabalha e queria aproveitar o descanso para se preparar para as provas visando uma vaga na Escola Técnica Federal de



...nent



No auditório lotado, os alunos da UCG discutiram durante várias horas sobre o fim da greve

de forma que o reajuste semestral
absolve os 29,45% além dos 28% já

ficativos da UCG, os alunos não se
contentaram com o ganho real de

ta com a participação dos discentes.
Na próxima quarta-feira haverá ma
nova reunião para ser discutido o